

A Classe Operária



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Cz\$ 400,00

ANO 64 — VI FASE — Nº 10 — DE 12 A 25 DE JANEIRO DE 1989



SUCESSÃO PRESIDENCIAL

PCdoB PROPÕE UNIDADE POPULAR

Dia 13 de janeiro às 18:00 h o Partido Comunista do Brasil promove ato público em São Paulo, no plenário Teotônio Vilela da Assembléia Legislativa, de lançamento do Manifesto à nação conclamando as forças populares a se unirem em torno de uma candidatura única à presidência da República. O documento, que apresentamos na íntegra, à página 5, expressa a convicção dos comunistas de que estão criadas condições excepcionais na situação política atual para fortalecer a união do povo com vistas a derrotar a reação e descortinar horizontes de liberdade, autêntica independência nacional, de progresso e justiça social para o Brasil.

**Patrão e governo
juntos contra os
operários da CST**

Foram 23 dias de greve. O governo foi arrogante; a PM, como de hábito, truculenta. Página 15

**Entrevista com o
escritor baiano J.
Ubaldo Ribeiro**

O autor de "Viva o povo brasileiro" fala de seu novo livro e manda seu recado da Ilha de Itaparica. Págs. 12 e 13

**A vida, as idéias
e a morte trágica
de Chico Mendes.**

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Até "Classe" acompanha de perto as investigações e denuncia a tentativa de punir apenas alguns bodes expiatórios. Págs. 8 e 9

A CLASSE OPERÁRIA

Diretor e Jornalista responsável:

João Amazonas

Editor: José Reinaldo Carvalho

Redação: Antônio Martins, Carlos Pompe, Umberto Martins

Diagramação e Arte: Mazé Lopes Leite

Fotografia: Aguinaldo Zordevoni

Arquivo: Rute Imanishi Rodrigues

Administração e Assinaturas: Jeosafá Gonçalves

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 Bela Vista — CEP 01318 — S. Paulo/SP

Telefone: (011) 36-7531

Telex: 11-32133

Nas capitais: ACRE — Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS —

Av. Thomás Espíndola, 314, CEP 57060, fone (082) 223-7128, Maceió; AMAPÁ — Av. Mendonça Furtado, 762, CEP 68900, fone (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS — Rua

Itamaracá, 124, CEP 69007, Manaus; BAHIA — Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ —

Rua São Paulo, 1037, CEP 60000, fone (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL — HIGS — 704, Bloco G

Casa 67, CEP 70302, fone (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO — Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone (027) 222-8162, Vitória;

GOIAS — Av. Alfredo Nasser, 356, CEP 74000, fone (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO — Rua Osvaldo Cruz, 921, CEP 65000, fone (098) 221-5440, São Luiz; MATO GROSSO —

Rua Comandante Costa, 548 fundos, CEP 78030, fone (065) 321-7908, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL —

Rua Rui Barbosa, 2500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS —

Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ — Rua Manoel Barata, 993, CEP 66800 fone (091) 223-8911, Belém; PARAÍBA — Praça 1817, 80, 2º andar, CEP 58020, João Pessoa; PARANÁ —

Rua Dr. Pedrosa, 249, CEP 80420, fone (041) 222-9120, Curitiba; PERNAMBUCO — Rua do Sossogo, 53, CEP 50750, fone (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ —

Rua Desemb. Freitas, 1216, CEP 64020, fone (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO — Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1608, CEP 20031, fone (021) 252-9935, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE —

Rua Prof. Zuza, 99, CEP 59020, fone (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL — Rua Santo Antônio, 254, CEP 90220, fone (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA —

Rua José Bonifácio, 787, fundos, CEP 78900, Porto Velho; RORAIMA — Rua Major Willians, 434, CEP 69300, Boa Vista; SERGIPE —

Rua Itabaianinha, 145, sala 104, CEP 49010, Aracaju; SANTA CATARINA — Praça 15 de Novembro, 21, sala 703, CEP 88010, Florianópolis.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

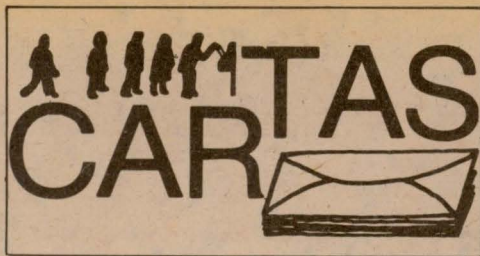
A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composição, past-up, fotolito e impressão: Cia. Editora Joruês. Fone: 815-4999 — São Paulo.



Vereador comunista fala sobre a "Classe"

Camaradas da "Classe". Acho que desta vez acertamos!

Nosso jornal está causando excelente impressão aos militantes e aos que, não sendo, têm acesso a ele. Em minha opinião o jornal é um veículo partidário coerente com as exigências do momento, tanto no que diz respeito a conteúdo quanto à forma gráfica. É minha opinião e a de muitos com quem milito.

A "Classe Operária" é de vanguarda duplamente. Por refletir a linha do PCdoB e por ser inovadora, ofensiva e aberta. Vai buscar novidades, assuntos polêmicos, assuntos curiosos, informa com qualidade e densidade o leitor.

Entrevistas e artigos com personalidades não comunistas são uma coerência com nossa linha política. Há muitos que têm opiniões coincidentes, próximas ou progressistas que precisamos conhecer e ajudar a divulgar. Entrevistas como a de Barbosa Lima Sobrinho, os cientistas Valverde e Bautista Vidal, por exemplo, são formidáveis. Cumprem um papel inclusive de aproximação do nosso partido com esses segmentos.

Acho ótimas iniciativas instigantes como a entrevista com o "titã" Arnaldo Antunes. Ele e o rock são expressão de nosso tempo, são parte integrante de *nossa cultura*. A polêmica que se seguiu é interessante, o jornal agindo assim permite fluir o debate.

As grandes matérias assinadas sobre a situação internacional, economia, situação política nacional, têm sido de grande utilidade, assim como as de informação sobre as lutas operárias, sindicais. Acho importante manter um espaço para termos sempre matérias sobre ciência, mas não só as exatas como também as sociais.

Continuem em frente. Saudações. (Javier Alfaya, vereador do PCdoB em Salvador, BA).

Do Canadá, uma opinião sobre nossa conjuntura

Amigos da "Classe",

Esperamos que esteja tudo bem e que 1989 seja um ano de muito axé para vocês. Sentimos falta, nessa estada em terra canadense, de amigos como vocês. O Canadá é interessante e belo mas muitas vezes estranho e difícil para nós. O que não daríamos por um dia que fosse de conversa e algumas cervejas com vocês!

Recebemos através de um colega alguns exemplares da "Classe". Achamos bem melhor, mais leve, moderno e profissional, semi-revista e com bastante coisas para ler, dirigida principalmente à parcela atuante dos movimentos sociais e evitando o elitismo assim como a simplificação. A imprensa do Partido deu um salto qualitativo, concretizando o projeto de reformular as publicações partidárias. Vai aqui também um parabéns especial pela diagramação. Mantenham o pique!

Ficamos também contentes com a eleição da Erundina e do Aldo. Sentimos daqui que o astral do Brasil mudou após as eleições. Parece que as pessoas estão mais alegres e com alguma coisa para ter esperança. Só desejamos, bem sinceramente, que este povo tão sofrido e desenganado não tenha somente mais uma decepção, como ocorreu com o PMDB — o que seria duro demais. Os componentes e o processo são diferentes, existe talvez uma maior maturidade. Mas esperamos que o pessoal saiba corresponder a esta nova esperança. Sabemos que foi só uma eleição de prefeito e que as forças são heterogêneas, mas achamos que a consciência das pessoas não avança somente com decepções.

Um grande abraço amigo para vocês e escrevam pra nós. (Otávio Gomes Lins e Yone Simidzu — Ottawa, Canadá).

Na cova dos leões

(A Edvaldo Nogueira e todos os camaradas do PCdoB que têm tarefas parlamentares.)

Te lançamos à cova dos leões.

Lá, onde a burguesia reina nas suas próprias estruturas.

Te tiramos

puro de sentimento

púbere de liberdade.

Te lançamos às feras

Para enfrentar os ardis do inimigo na sua própria arena.

Ungimos teu corpo com o mais sagrado amor que dedicamos ao povo.

Tu, que és filho deste mesmo povo

— Não como Messias,

Mas como mandatário desta soberana vontade popular

Tens que se esquivar

à malha da burocracia

ao traiçoeiro brilho da mordomia

ao atraente olhar da vaidade.

Escapular à fraseologia que se pretende chama

E abraçar a todos com este fogaréu.

Na colossal batalha das idéias

evocar o canto dos famintos

o idioma das mulheres

a voz dos miseráveis

o trinado irrequieto desses moços

o aparente silêncio proletário.

Dar ressonância à tempestade que se agiganta nas ruas

E que vem varrer toda a cidade.

A história é o teu guia.

Marxismo-leninismo, inspiração

A revolução, o fogo que crepita tua entranha.

É preciso conspirar.

Estaremos ao teu lado de mãos dadas

E quando o cansaço ameaçar e abater

Vens adormecer nos fartos braços camaradas

Que se alongam em 66 anos de luta.

Vem, menino do meu povo.

Bebe desta fonte o teu tônico de vida

E prossegue, enfim, na caminhada

Até que a doce fúria do meu povo

Irmãe a todos em um só canto.

(Carlos Cauê, Aracaju, SE)

A ação do PCdoB numa cidade do interior

Em Serrana, S. Paulo, os trabalhadores elegeram vereador João do Muque, do PCdoB.

O camarada, trabalhador rural, foi o segundo mais votado da coligação "Força Popular", ficando em 5º lugar em todo o município; teve 214 votos, o que é uma votação expressiva, levando em conta que os candidatos dos fazendeiros gastaram fortunas e que o número de candidatos na cidade chegou a 218.

A boa votação deve-se ao posicionamento firme do candidato em defesa dos trabalhadores, já de há muito tempo; à boa atuação dos militantes, ainda que de forma um tanto dispersa; ao prestígio do PCdoB, que defende transformações profundas em nosso país.

Logo que se confirmou a vitória do PCdoB em Serrana, a executiva municipal de nosso partido marcou uma reunião extraordinária com os filiados. Entre as propostas aprovadas destaca-se a criação das "Comissões João do Muque", que terão a finalidade de coletar as reivindicações da população e enviá-las ao vereador do PCdoB. (Simião Dias Faria, SP)

Vida e luta dos sem-terra no Paraná

Através dos séculos, como sabemos pela história, grossas camadas populares vêm passando por processos de desumanização para, a seguir, serem eliminadas ou pelas doenças ou por lutas entre si próprias, fomentadas pelas classes dominantes.

Grandes camadas populares foram deixadas, na cidade e no campo, sem propriedade, sem estudo, deixando de possuir a sabedoria acumulada pela humanidade; sem trabalho, perdendo o amor ao trabalho; sem os meios necessários para desenvolver a iniciativa para que sejam empreendedoras; sem nenhuma possibilidade de se alegrar; sem o mínimo para ter saúde.

Assim querem as classes dominantes que sejam os sem-terra, e utilizam de todos os estratagemas possíveis, através de seus governos, para aquebrantar-lhes a resistência. Eles, porém, conseguem se organizar e resistem meses e anos a fio à fome, ao frio, à falta de higiene, à perseguição policial e de jagunços, à máquina de difamação da burguesia.

Em Querência do Norte, Paraná, há aproximadamente 1400 pessoas, provenientes de diversos locais, que se mantêm com a identidade de grupos distintos, mas estão entrelaçados pela vivência comum do momento.

As terras que ocupam foram desapropriadas do grupo Atalla, e as 200 famílias foram ali largadas sem a devida infra-estrutura e sem a garantia da respectiva propriedade a cada um.

Queixam-se de uma série de compromissos que o governo assumiu com eles e não está cumprindo integralmente. Um deles, eu mesmo senti, é a falta de alimento. Há 15 dias poucos conseguem trabalhar devido à fome, pois o alimento prometido não chega.

Não conseguem fazer suas casas, pomares e hortas por não saberem onde cada um vai morar.

Os únicos que ali recebem um pequeno soldo são os dois monitores de alfabetização da SETA, que fazem seu trabalho com carinho e repartem o dinheiro que ganham com os vizinhos.

Mas apesar de todas as dificuldades os sem-terra iniciam ali uma experiência muito promissora de plantio comunitário, de aquisição de maquinário comum e defesa dos participantes do assentamento. Seu nível de consciência é muito bom. Eles têm certeza que continuarão homens e não serão imolados no altar da classe dominante, após longa e sofrida desumanização, como a maioria dos brasileiros. (Antonio Turchetto, Curitiba, PR)

Povo sem fronteiras

No coração deste operário

Reina o sonho de um povo sem fronteira.

Onde não haverá senhores nem escravos

Nem mestres de corporação

Nem patrícios nem plebeus

Nem altos nem baixos escalões.

Nem graduações especiais

E todos serão iguais

Hasteando uma só bandeira

Não haverá guerra franca, nem disfarçada

Nem opressores nem oprimidos.

Nem classe dominante

Nem classe dominada

Nem liberdade exclusivista

Nem propriedade privada

Nem direito de viver

Impedindo que os outros vivam também

Nesses dias se falará a mesma língua do

campo à cidade.

De norte a sul

De leste a oeste

Nos campos nos vales

Nos bosques nas colinas

Se entoará a mesma voz

É o grito da liberdade total.

Ainda que meu corpo esteja tombado

O estremecimento de milhões de corações felizes

Engrandecerá a minha alma

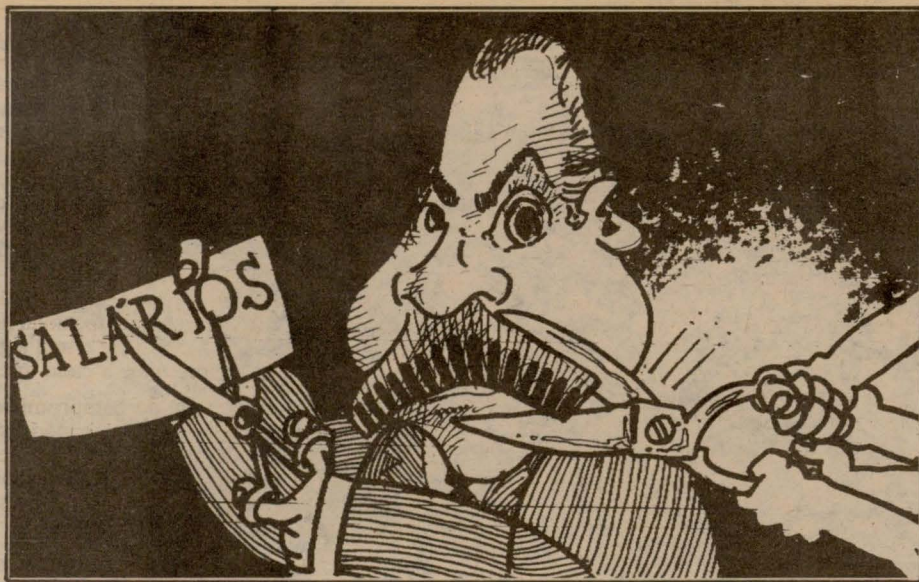
(Ataide Pinto Henrique,

operário marceneiro, Porto Velho,

RO)

Um 89 de lutas

A "Classe Operária" retribui as mensagens de boas festas e de um 89 de lutas e vitórias, enviadas por: deputados federais Eduardo Bonfim (PCdoB-AL) e Célio de Castro (PSDB-MG); deputados estaduais Luiz Nova (PCdoB-BA) e Daniel Almeida (PCdoB-Salvador) e Javier Alfaya (PCdoB-Salvador); Simião Dias Faria (PCdoB-Recife); Elisete Almeida, diretora do Sindicato dos Têxteis da Bahia; Lejeune Mato Grosso de Carvalho, diretor do Centro de Estudos Sindicais; Way, Comunicações; Carlos Vicente Bocci.



EDITORIAL

1989: ano de crise e de luta

Os crimes e as tragédias que marcaram os últimos dias do ano de 1988 não deixaram que o povo brasileiro sequer festejasse a chegada do ano novo. O assassinio de Chico Mendes, às vésperas do Natal, e o afundamento do "Bateau Mouche IV" na noite do "réveillon" comoveram a opinião pública.

Mas 1989 começa pressago também pela certeza de que a crise vai se agravar. O que, aliás, fica evidente nas medidas econômicas que o governo ensaia adotar nos próximos dias. Com o fracasso do "pacto" social, o espectro da hiperinflação rondando a economia nacional e a ruidosa falência da política antipopular e entreguista do governo Sarney, prepara-se agora novo "pacote", em cuja elaboração o governo engajou gente da espécie de Mário Henrique Simonsen, ex-ministro da ditadura militar e homem ligado ao capital financeiro internacional. Até Delfin Netto, Otávio Gouveia de Bulhões, Roberto Campos et cetera têm sido ouvidos pelo burocrata que ocupa a pasta da Fazenda. O Congresso Nacional, os partidos políticos, os trabalhadores, a opinião pública, enfim, sequer são levados em conta.

O grave é que, à parte as especulações, tem-se como certo que o fio condutor que orientará a política econômica do último ano do governo Sarney será mais uma vez o arrocho sobre a população, a recessão e o entreguismo. É a lógica de um governo que passou todo o tempo de costas viradas para a nação, insensível aos seus graves problemas, comprometido com os banqueiros, o capital estrangeiro, os grandes monopólios e mergulhado num mar de lama e corrupção. Suas medidas são, assim, espécies de atos finais de um governo nababesco, concupiscente, cínico e aproveitador.

Talvez por isso mesmo 1989 é um ano de grandes esperanças e perspectiva de luta. O povo mostrou nas últimas eleições sua vontade de mudar os destinos do país, de extir-

par o cancro conservador que corrói o organismo nacional, de colocar no comando da vida pública forças comprometidas com a liberdade, o progresso, a soberania e a justiça social. Não esperem os poderosos que o povo receberá passivo medidas escorchantes e recessivas e assistirá sereno à decomposição da vida econômica e social.

Essas esperanças e perspectivas tomarão forma na luta sucessória. Está marcada para daqui a pouco mais de 10 meses a primeira eleição direta para presidente da República depois de 28 anos. A campanha eleitoral promete ser movimentada e nela virá inevitavelmente à tona o debate dos problemas estruturais do país. Será um momento em que para o povo estarão colocadas definições e opções políticas fundamentais.

Os conservadores, em pânico com a possibilidade de serem derrotados, promovem um sem-número de articulações visando à recompor o "centro", nova denominação que querem atribuir à direita. Apresentam como candidatos figurões desmoralizados, embusteiros políticos, gente que tem estado na crista da onda e é co-responsável pela aflitiva situação que o país atravessa. O povo assiste a tudo com repugnância e no momento certo dará a resposta que os demagogos merecem.

Do lado das forças progressistas é preciso entender a excepcionalidade do momento político brasileiro. Nunca foram tão favoráveis as condições para infligir uma derrota aos inimigos do povo. Mas não se deve tirar daí a conclusão de que este resultado será líquido e certo, ou fácil. Depende da movimentação das forças populares, do desencadeamento de uma campanha progressista, e de massas, da conscientização dos operários, camponeses, estudantes, trabalhadores em geral e das camadas médias e, fundamentalmente, da articulação de uma candidatura capaz de expressar a unidade e o poderio de luta das forças populares.

Vitórias na Câmara Municipal de S. Paulo

Aldo Rebelo *

Os primeiros dias de atividade da Câmara Municipal de São Paulo marcam o início de uma série de vitórias das correntes progressistas no legislativo da maior cidade do país. Para presidir a nova Mesa foi eleito o vereador Eduardo Matarazzo Suplicy, que fundamentou sua candidatura com um programa de renovação, fortalecimento e democratização da Câmara.

Mas a vitória das forças democráticas não foi plácida. A direita reagiu, primeiro formando o "centro" municipal, depois tentando uma articulação em torno do PMDB, à qual procurou atrair o PSDB. A manobra não deu certo, nem funcionaram as pressões para que Suplicy retirasse sua candidatura, zerando a disputa.

Enfraquecida politicamente pela derrota nas urnas, desmoralizada pela prática fisiológica, a direita sequer teve forças para organizar uma chapa. Seus principais representantes, entre eles Brasil Vita (PTB) e Antonio Sampaio (PDS), não ficaram na votação para presenciar a vitória de Suplicy. A composição vitoriosa teve como base principal a unidade entre PT, o PCdoB, PDT e PCB. A este bloco aderiu o

PSDB e mais dissidentes do PMDB, PTB e PDS.

O Partido Comunista do Brasil participou desde o início da articulação vitoriosa, defendendo uma Mesa democrática e a unidade dos setores progressistas, sem exclusão das representações minoritárias.

A bancada do PCdoB manterá uma relação de apoio e independência com a administração municipal. Apoiará a administração de Luiza Erundina no cumprimento do seu programa democrático e popular e contra o ataque e a sabotagem dos conservadores. Manterá a independência, como sempre fez o PCdoB, para preservar os sagrados interesses da classe operária e do povo.

A nova Mesa da Câmara Municipal já toma medidas em defesa do legislativo e da moralização do seu funcionamento. Disciplina o uso de carros oficiais e promove a distribuição dos gabinetes através de critérios justos e democráticos. Nestas e em outras atitudes semelhantes, terá o apoio da bancada do Partido Comunista do Brasil, que buscará sempre cumprir sua tarefa de representar os anseios populares por liberdade, justiça e direitos humanos.

* Membro da Executiva Nacional do PCdoB e vereador em São Paulo

Independência política mostra coerência do PCdoB

Sérgio Miranda *

O noticiário político deste início de ano foi ocupado pelas posses dos prefeitos eleitos em 15 de Novembro. Belo Horizonte mereceu destaque nesta cobertura pelo fato de ter sido a única capital onde o PSDB conseguiu eleger prefeito. Por causa disso nossa cidade assistiu a uma verdadeira revoada de "tucanos" que acorreram em massa para prestigiar o colega. Muitos deles cabisbaixos, amargando derrotas nas eleições em seus Estados. Talvez para esses a estada aqui pode ter sido útil, pois é voz corrente que as alianças à esquerda, principalmente com os comunistas, foram decisivas para a vitória.

O destaque da posse foi o longo discurso de Pimenta da Veiga, onde ele faz uma declaração de princípios voltada para a valorização da atividade política. Apesar de assumir claramente a defesa de posições do centro e de encarar a política dentro de uma perspectiva meramente liberal, o que é revelador de suas limitações, as contundentes críticas feitas ao regime militar, a defesa do processo democrático e de uma administração transparente e participativa, refletem uma postura política mineira, principalmente se fizermos um contraponto com

as posições do atual governador de Minas.

O PCdoB, que compôs a frente que levou à vitória o candidato do PSDB, define-se de forma independente frente à nova administração, porém não se furtará a dar seu apoio às iniciativas progressistas e que correspondam às necessidades do povo, que o prefeito venha a adotar.

Esta postura de independência não significa indiferença, temos plena consciência de que o possível fracasso da administração recém-eleita servirá os interesses das forças de direita, sempre presentes e com destaque na política mineira. Por isso temos expendido nossas opiniões ao prefeito eleito, buscando dar uma contribuição concreta para que o programa levado ao povo durante o processo eleitoral seja cumprido.

Uma comprovação da independência do PCdoB frente à Prefeitura se deu durante a eleição da presidência da Câmara Municipal. O PSDB, partido de Pimenta da Veiga, optou por uma articulação com o PMDB e o PCB para compor a mesa. Nesse sentido votamos no candidato do PT. Damos o nosso apoio ao PT. Fundação Centro de Documentação e Memória Maurício Grabois Nacional do PCdoB e vereador em Belo Horizonte

Empresários afrontam Erundina

Foto: Pepe/Gazeta de Pinheiros

A posse da prefeita Erundina, em São Paulo, foi um ato político onde ficou patente a esperança do povo em dias melhores para o país. Ao assumir, a prefeita salientou "o significado histórico da união das forças democráticas e progressistas, na coligação 'Partidos do Povo', que não só contribuiu para a vitória eleitoral de 15 de novembro, mas sobretudo demonstrou a conveniência e a necessidade da articulação dessas forças para a consolidação e ampliação da democracia".

O PCdoB, força atuante na coligação que elegeu a prefeita, distribuiu no ato de posse nota de seu Diretório Regional afirmando que em 15 de novembro o povo "disse um não aos partidos da elite. Rejeitou os candidatos da direita e das forças conservadoras. Buscou um voto nas forças de esquerda".

O partido dos comunistas, contudo, discordou da composição do governo da nova prefeita, que não con-

templou as forças que a apoiaram na eleição. Já em 23 de dezembro o presidente regional do PCdoB, Olival Freire Jr., emitiu telegrama para Luiza Erundina estranhando o monolitismo da composição de escalões do governo nas Administrações Regionais. "Está em contradição com a natureza do processo político em curso em São Paulo. Prevalecendo tal orientação declinamos referência da participação em outros escalões de governo. O PCdoB não reivindica empregos públicos. Reiteramos nossa posição de apoio com independência ao futuro governo municipal que se prende ao significado político do recente processo eleitoral e não a pleitos administrativos", afirma o telegrama.

Empresários em fúria

Logo no início de sua gestão, a prefeita já vem enfrentando o descontentamento dos empresários. Em especial os donos das empresas de ônibus, que querem novos aumentos nas ta-



A nova prefeita de São Paulo

rifas do transporte público e estão reduzindo a frota em funcionamento na capital. Também os donos das grandes redes de lojas e supermercados vociferam contra a prefeita, que busca controlar, mas não reprimir, o comércio dos ambulantes.

Na opinião do vereador Aldo Rebelo, do PCdoB,

cabe destacar uma primeira medida da gestão da prefeita: a anistia ao servidor público. "Erundina ordenou a readmissão de todos os funcionários que foram demitidos por Jânio Quadros. Eram trabalhadores que se destacaram em lutas grevistas ou na reivindicação dos direitos do funcionalismo.

Diretores de entidades de classe, cipeiros, gente com estabilidade no emprego — Jânio não respeitou nada e nem ninguém. Agora essas pessoas voltam para o trabalho, com a cabeça erguida. Foi um gesto democrático, uma medida justa da prefeita", afirma o vereador.

Não ao "Pacto"!

No dia 20 de dezembro, o ministro Ronaldo Costa Couto enviou ao PCdoB, em nome do Comitê do Pacto Social, mensagem formalizando convite "para que este partido designe representante e suplente, visando a participar dos trabalhos do Pacto Social".

No mesmo dia, a direção nacional dos comunistas respondeu com o seguinte telegrama:

"Ministro Ronaldo Costa Couto

Ministério do Trabalho — Brasília — DF

Acusamos recebimento do telegrama do Comitê do Pacto Social, convidando o Partido Comunista do Brasil a participar dos trabalhos do Pacto. Agradecendo o convite, comunicamos que o Partido Comunista do Brasil considera incorreta, enganosa e inviável a solução pactual em curso para o combate à inflação, que reclama medidas enérgicas e de profundidade, entre as quais o não pagamento da dívida externa e dos respectivos juros.

João Amazonas, pelo Partido Comunista do Brasil".

PCdoB com novo deputado federal

O Partido Comunista do Brasil aumentou sua bancada de deputados federais, com a posse, na semana passada, de Manoel Domingos Neto. Candidato nas eleições de 1986 no Estado do Piauí, obtendo 17 mil votos, Manoel Domingos ficou na segunda suplência. Nas últimas eleições dois deputados federais do Estado foram eleitos prefeitos, o que abriu duas vagas para a representação piauiense. Uma das vagas abertas foi a de Heráclito Fortes, eleito para a prefeitura de Teresina. Na opinião

de Manoel Domingos, com a saída de Heráclito, membro do Centrão, "a reação, a direita, os conservadores perdem um defensor na Câmara Federal".

Manoel Domingos, 39 anos, é militante desde 1969. Viveu no exílio durante os anos 70, onde atuou nos movimentos de solidariedade às vítimas da repressão na América Latina. Fez o curso de doutoramento em História na Sorbonne, em Paris. É especialista em estudos sobre o militarismo, com vários trabalhos publicados.

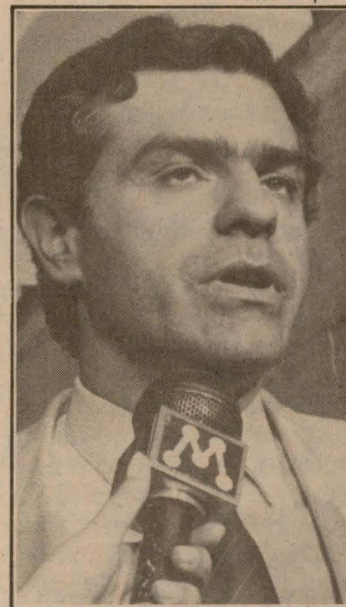
Uma nova realidade

Foto: Arquivo

Com os novos prefeitos, um novo quadro político emerge. Em Porto Alegre, Olívio Dutra assumiu num ato concorrido e popular. Reafirmou seu compromisso de realizar uma gestão progressista. Em Belo Horizonte, Pimenta da Veiga disse, ao assumir a prefeitura:

"O pior dos regimes ditatoriais, como o que sofremos, é que todo o seu poder se concentra em desmoralizar a política. Querendo manter as aparências de uma espúria legalidade, formam simulacros de partidos políticos e, de seus áulicos e oportunistas, simulacros de homens públicos. Alugam consciências, quando não as compram; favorecem negociatas; enriquecem escribas; financiam eleições; corrompem e fazem corromper para, depois, fechar as casas parlamentares, cassar mandatos, perseguir os jovens, amordçar os jornais, montar a farsa de processos contra a subversão, instalar salas de tortura e cemitérios ocultos."

Em Vitória, o prefeito da capital capixaba, Vitor Buaiz, acusou a UDR de assassinar sindicalistas e camponeses e prometeu administrar a prefeitura com a orientação da coli-



Pimenta: contra a desmoralização da política

gação Frente Vitória. A coligação elegeu sete vereadores, inclusive Namy Chequer, do PCdoB.

No Rio de Janeiro, Marcelo Alencar fez grande alarde de um "Plano de Emergência", mas até agora não divulgou a opinião da presidente do PCdoB-RJ, Maria Dolores, "o governo municipal transformou-se num comitê brizo-

lista. O secretariado de Marcelo foi indicado pessoalmente por Leonel Brizola, de olho na sucessão presidencial".

Direita demite

Em Salvador o prefeito Fernando José já assumiu com pressa de demitir funcionários. Mais de mil já perderam o emprego, e outro tanto está ameaçado. O prefeito também interferiu na eleição da direção da Câmara Municipal, garantindo, na base do fisiologismo, o vereador Osório Vila-Boas na presidência.

Em Maceió o direitista Guilherme Palmeira ameaçou dispensar entre 5 mil e 10 mil funcionários, o que levou o vereador Ênio Lins, do PCdoB, a protestar na Câmara.

Já em Recife o prefeito Joaquim Francisco anunciou que interromperá alguns programas de cunho social, como a integração ônibus-trólebus nos transportes urbanos e a recuperação do Mercado São José. Ao mesmo tempo, prometeu ampliar o canal Derby-Tacaruna, beneficiando as empreiteiras que apostaram na planta urbana. Além disso, ameaça demitir funcionários contratados por Jarbas Vasconcelos.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Conclamação à unidade das forças populares

Manifesto da Direção Nacional do Partido Comunista do Brasil

O Partido Comunista do Brasil, PCdoB, dirige-se aos trabalhadores e ao povo, às correntes de esquerda, aos sindicatos, às organizações democráticas, às personalidades políticas progressistas, às lideranças populares propondo entendimentos políticos para a formação de uma ampla união democrática, patriótica e popular visando à sucessão presidencial e à defesa de um efetivo regime democrático.

Baseia-se no fato de que as eleições de 15 de novembro passado alteraram substancialmente o quadro político nacional. As forças do **centro** e do **centro-direita**, sustentáculos da ordem vigente e do governo reacionário, cuja expressão maior era o PMDB, sofreram contundente derrota. As correntes de esquerda, de base popular, alcançaram vitórias de certa importância. Destaque particular teve a eleição de Luiza Erundina à Prefeitura da mais desenvolvida cidade do Brasil e da América Latina, apoiada numa coligação de esquerda, que incluía o PCdoB.

O resultado do pleito mostrou significativa mudança no comportamento do eleitorado. Este recusou as opções rotineiras que sempre lhe ofereceram os partidos das classes dirigentes. Orientou-se para as correntes de base popular, refletindo exigências objetivas do desenvolvimento nacional. Ainda que o sucesso eleitoral da esquerda tenha sido limitado, verificou-se nos lugares de maior densidade populacional e nos núcleos de concentração do proletariado de São Paulo. O balanço de 15 de novembro indica nítida tendência de esquerda, que ganha força em todo o país, tem sentido histórico e se entrelaça com a luta pelo poder central em 89.

A reação das classes dominantes, surpreendidas pela derrota, era de esperar. Os partidos de **direita** e de **centro** fizeram soar por toda a parte o velho e desmoralizado alarme de perigo às instituições, desconhecendo regras elementares da democracia burguesa. O presidente da República chegou a declarar, com fins intimidatórios, que a revolução socialista

estava às portas da nação. Todos, os de **direita** e de **centro** — desde Jarbas Passarinho a Ulysses Guimarães, do general Leônidas ao superempresário Ermírio de Moraes — conclamaram a santa aliança das oligarquias, dos reacionários em geral e até mesmo de pretensos democratas de **centro-esquerda** contra o povo, que dá mostras de rebeldia à desastrosa política dos governos da burguesia retrógrada.

Isto demonstra que vai aprofundar-se a luta entre as forças do povo e as das elites governantes responsáveis pela tremenda crise que assola a nação. O ponto crítico dessa luta será a sucessão presidencial, dado que o pleito não envolve apenas a substituição de pessoas e de partidos na direção do Estado. Liga-se intrinsecamente à necessidade de mudanças profundas, de cunho estrutural, no país.

Seria erro imaginar que essa batalha se apresenta fácil para o povo, ou subestimar a possibilidade de nela serem alcançados êxitos importantes que permitam o avanço da sociedade. Os conservadores e reacionários, apoiados no capital estrangeiro, tudo farão dentro e fora da ordem constitucional para derrotar o povo, para deter o ascenso do movimento nacional, democrático e popular.

Assim compreendendo o quadro político e a natureza do pleito de 1989, o Partido Comunista do Brasil, PCdoB, propõe às forças populares e às correntes progressistas, em particular as de esquerda, conversações destinadas a criar poderoso movimento popular e democrático a fim de disputar com candidato único a presidência da República. Desse movimento participariam não apenas partidos políticos, mas também organizações civis de projeção nacional, associações populares, bem como sindicalistas não apelegados e personalidades de destaque da luta democrática e patriótica. Tal aglutinação de forças defenderá um programa de transformações democráticas e progressistas, em sintonia com as necessidades do progresso social e

com as aspirações da imensa maioria da nação.

O PCdoB é de opinião que as forças democráticas e populares deveriam buscar a unidade a partir do 1º turno da eleição presidencial. Caso contrário, arriscam-se a ter na fase final dois concorrentes de partidos das classes dominantes. Prevalecendo a unidade, a disputa no 1º turno demonstraria desde logo a força e a decisão das correntes populares em luta contra as elites dirigentes reacionárias. Ao mesmo tempo que coligação eleitoral, com ampla sustentação popular, essa unidade permitiria o crescimento do

movimento político de defesa do regime democrático e em prol de transformações progressistas no país.

O PCdoB está convencido de que se criaram condições excepcionais na situação política atual para fortalecer a união do povo com vistas a derrotar a reação e a descortinar horizontes de liberdade, de autêntica independência nacional, de progresso e justiça social. Precisamente por isso, conclama à unidade as forças de cunho popular e democrático para o grande embate da sucessão presidencial deste ano.



As lutas intestinas do PCB

O denominado Partido Comunista Brasileiro entra no ano de 1989 vivendo uma crise interna típica das agremiações sem princípios. Acorrentado a uma concepção burguesa de mundo e acostumado aos tradicionais cambalachos fisiológicos, no estilo do que há de pior na vida política brasileira, aquele que já foi tido como o "partidão" debate-se em lutas

intestinas em torno de cargos públicos, e suas lideranças dão declarações à imprensa falseando a realidade e semeando confusão.

Nos últimos dias três dirigentes do PCB — Hércules Corrêa, Alves de Brito e Carlos Alberto Muniz — desligaram-se do partido para ingressar no PMDB e se incorporar de forma definitiva no esque-

ma político do governador do Rio de Janeiro, Wellington Moreira Franco. Todos três, dois dos quais integravam a direção nacional (Hércules e Alves de Brito), ocupam cargos no governo carioca. Hércules Corrêa, que sempre defendeu teses abertamente oportunistas, fez, ao desligar-se do PCB, sua profissão de fé capitalista: "se o capitalismo não mudar o país haverá outra sucessão de ditaduras militares".

E, contrariando a avaliação que todas as pessoas lúcidas fazem do resultado das últimas eleições, declarou: "Na última eleição 70% do eleitorado votaram do centro para a direita". Mostrando o grau de fisiologismo a que chegaram esses dirigentes do PCB, um deles, Alves de Brito, é tão próximo do governador que Moreira Franco declarou sobre ele: "Ele não é comunista do PCB, é meu comunista".

Interessante é que os cargos que eles ocupam no governo do Rio de Janeiro foram concedidos ao PCB no quadro de um acordo de sustentação entre o partido e o governador.

sogra e sua cunhada para cargos de confiança, numa clara manifestação de nepotismo. Para fazer média, Arutana repudiou o materialismo dialético e histórico e disse ser "comunista cristão" (sic).

Em Recife, Bayron Sarinho, vereador do PCB, também aparece como figura descaracterizada e sem independência política. Seu próprio líder nacional, Roberto Freire, disse que "Sarinho é o candidato do prefeito Jarbas Vasconcelos", durante a recente campanha eleitoral.

Desespero da múmia

Enquanto o PCB afunda na crise, a múmia do revisionismo no Brasil, Luiz Carlos Prestes, desesperado com seu próprio isolamento político, deu uma entrevista a uma emissora de tevê paulista para desferir ataques ao partido do proletariado — PCdoB. Prestes não se conforma que o partido de quem ele disse, em 1962, que não duraria um ano, seja hoje uma das mais pujantes e respeitáveis organizações políticas da esquerda brasileira e desfrute de crescente prestígio e ligação com as massas.

Uma tragicomédia

Namy Chequer *

Os lances da luta intestina do PCB no Espírito Santo são verdadeiramente tragicômicos. A desagregação moral, política e orgânica do partido revisionista no Estado só não é maior porque a agremiação é inexpressiva, inclusive numericamente. No momento, a direção regional está rompida com as nove direções municipais do PCB.

A crise interna já dura bem uns quatro anos, tendo por pivô precisamente o atual presidente regional da organização, o dublê de jornalista e empresário, Jairo Régis, que chegou ao Estado no início dos anos 80, apadrinhado pela direção nacional. Já em 1985 os revisionistas se dividiram em função da candidatura própria (do próprio Jairo Régis) à Prefeitura de Vitória. Do pleito, só colheu fiascos.

Novamente nas eleições de 1986 as contradições internas explodiram no momento de definição dos candidatos a deputado estadual. O conflito foi resolvido com um acomodamento entre as tendências, o lançamento de dois concorrentes, que resultou em novo desastre: ambos foram derrotados.

Já sem peso algum em Vitória, e ainda com uma pequena influência no município vizinho de Vila Velha, o PCB resolve, em 1988, jogar suas principais fichas em uma candidatura própria naquela cidade, a do vereador Felício Correa. Em plena campanha, porém, Correa decide abandonar o barco revisionista e atender um chamado do deputado federal Vasco Alves (PSDB) e vai dirigir sua campanha em Cariacica (também na Grande Vitória).

A conduta revela bem a dimensão da militância pecebista, inexistência de fidelidade, despreendimento e outras virtudes. Felício Correa, é bom que se informe, sempre foi muito ligado a Vasco Alves, desde tempos imemoriais e especialmente quando este foi prefeito de Vila Velha.

Mas foi mesmo em Vitória que a coisa ficou feia, com cenas histriônicas, que já pertencem ao patrimônio folclórico capixaba. O PCB tinha na prefeitura da capital (do PMDB de Hermes Laranja) o secretário de Cultura, Idivarci Martins, ligado a Jairo Régis. A direção municipal de Vitória tinha decretado a ruptura com o prefeito, contrariando evidentemente a direção regional.

O PCB, por consequência, oscilava na definição de seus aliados nas eleições municipais do ano passado: uns defendiam coligação dentro da Frente Vitória, com Vitor Buaiz; outros pretendiam seguir o caminho do prefeito, apoiando o candidato da direita (PFL), Nilton Gomes. Esta batalha foi vencida pelo Diretório Municipal.

Aprovada, a contragosto para alguns, a coligação com a Frente Vitória, um novo problema foi colocado: a definição dos candidatos. Desta vez a solução de compromissos não foi completa. A convenção decidiu lançar três candidatos, mas dois deles recorreram ao TRE contra o concorrente vinculado à direção municipal, Fátima Machado.

Enquanto tramitava na Justiça o pedido de impugnação e um recurso contrário interposto por Fátima, teve início o horário gratuito no rádio e TV, onde, inicialmente, a candidata não tem vez. Assim que o pleno

do TRE dá ganho de causa à postulante, ela ocupa seu horário desancando os dois outros concorrentes. A crise alcança uma temperatura explosiva e, através de um golpe, Jairo Régis galga a presidência do partido.

Daí em diante a disputa ganha contornos cada vez mais grotescos. Após as eleições (o PCB evidentemente não elegeu ninguém), numa mesa redonda com todos os partidos da Frente Vitória, organizada por um jornal local, comparecem representantes das duas alas (Régis e Fátima), brigam entre si para decidir quem representa a agremiação e o presidente regional do PCB acaba expulso da entrevista.

Aborrecido, ele decide se vingar. Furtivamente, troca os segredos da fechadura da sede do partido na capital poucas horas antes que os nove dirigentes municipais da organização para lá se dirigem a fim de realizar uma reunião. Surpreendidos, e sem local para efetuar a reunião, eles fazem um ato público diante da sede do PCB, convocam a imprensa e promovem enérgicos protestos contra a malvadeza de Régis.

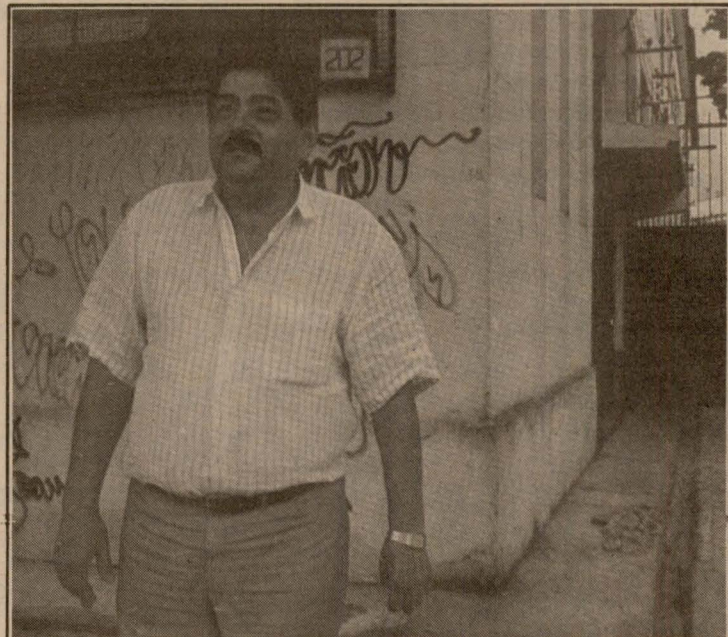
Os dirigentes municipais marcaram uma convenção extraordinária com o propósito de derrubar Jairo Régis, mas este conseguiu impedir a realização do encontro, através da Justiça. Sua destituição é dificultada pelo fato do PCB só possuir direções provisórias no Estado. A direção nacional dos revisionistas, por seu turno, até agora preferiu lavar as mãos, enquanto prossegue a desconfortante desagregação do PCB no Estado.

* Membro do Diretório Regional do PCdoB no ES e vereador em Vitória.

"Comunista cristão"

O vereador do PCB em Belo Horizonte, Cobério Arutana, recorreu a uma aliança espúria com o PMDB para garantir sua eleição à presidência da Câmara Municipal. Em troca da presidência concordou em ter como 1º secretário ninguém menos que Otimar Bicalho, ligado às empreiteiras e construtoras. E, apesar do alarde que fez sobre a moralização da Câmara, um dos seus primeiros atos foi nomear sua

Foto: Arquivo



Hércules e Muniz bandearam de vez para o PMDB, a exemplo de Brito, um "comunista do governador Moreira Franco". Pérolas que só o PCB logra produzir.



VIDA OPERÁRIA

O Poeta

A gente estava ali, sentados, conversando, rodeando uma mesa. Nós já estávamos na segunda pinga cada um. Alguns já tinham ido, pois o trago que tomaram era só pra acabar de preparar o apetite para a janta que lhes esperava em casa. Três ficaram, eu, o Gildo, o Orlando e um outro que a gente acabara de conhecer. Normalmente eu tomava a minha dose de pinga em pé mesmo, no balcão, rápido, e corria pra pegar o trem para casa. Mas resolvera ficar mais um pouco, o papo tinha tomado um rumo gostoso, capitaniado pelo novato. Era cearense, dois anos de fábrica, mas na nossa era sua primeira semana.

João, se chamava. Tinha aquele jeito cantado de falar, que muita gente caçoava, mas que eu achava bonito. Pra recitar poesia não tinha sotaque mais bonito que o dos nordestinos. Virava música nas bocas deles; eu, por mais que tentasse recitar daquele jeito não conseguia igual a eles. E o João, além de tudo, era poeta, fazia suas próprias poesias.

— Rimadas, fez questão de dizer. Poesia sem rima é como onda sem espuma, nunca consegue beijar a areia da praia... Chuááá...

Até na conversa o bicho era poeta. E conhecia poesia, dos repentistas aos portugueses, de Patativa do Assaré a Luís de Camões sabia tudo. E recitou pra platéia do boteco poesias de Castro Alves, os repentos do "martelo agalopado", Augusto dos Anjos, "Alma Minha" de Camões, alguns versos do "Pavão Misterioso" que todo bom nordestino, segundo ele, conhece... Não fosse a obrigação de estar amanhã de manhã às sete horas batendo o ponto na fábrica, com certeza teríamos ficado ali ouvindo o poeta, embebedando-nos de pinga e poesia.

Sai de lá como se tivesse visto um deus. Nunca antes conhecera um poeta, assim, ao vivo em carne e osso. E esse aí era operário que nem eu. Tomei uma resolução: ia ficar amigo do João, ia lhe emprestar uns livros que eu tinha em casa, ia aprender poesias com ele e, quando tivéssemos ficado amigos o bastante eu lhe mostraria as poesias que eu fazia na calada da noite e guardava tão escondidas numa velha caixa de sapato, como se fossem um tesouro. A ninguém jamais mostrara minhas poesias, aquilo me envergonhava um pouco. Inclusive porque nunca conheci ninguém interessado em poesia, a maioria achava bobagens. Quem iria levar a sério eu, Vicente, acostumado a pegar no pesado, dando duro todo dia naquelas máquinas, escrevendo poesias... Não, tinha vergonha.

Agora tinha conhecido o João, operário e poeta como eu, que não se envergonhava e tinha chamado todas as atenções dos bêbados e operários no boteco. Arrancara deles aplausos e gritos de satisfação, seguidos do estalar dos copos num brinde ao poeta e à poesia. Afinal de contas, aqueles homens não eram tão rudes assim...

No dia seguinte, assim que pude, procurei o João. Ele trabalhava no setor de manutenção da fábrica e custou um pouco pra encontrá-lo. Estava sujo de graxa, vestindo um macacão que até já perdera a cor original.

— Ô, João, gostei de suas poesias. Você precisa recitar mais vezes pra gente. Podemos até marcar um dia lá em casa.

Ele respondeu com um sorriso meio amarelo, como quem não sabe responder a um elogio. E aceitou o convite. Ficamos amigos, frequentávamos o mesmo boteco, nossas mulheres também fizeram amizade, eu ia na casa dele, ele ia na minha. Contou-me que já nascera convivendo com a poesia. Seu pai, no interior do Ceará, era repentista desses que cantam nas feiras ou onde tivesse uma aglomeração. Quando João completou sete anos de idade, o pai fizera-o decorar suas poesias e formaram uma dupla que chamava a atenção em todo canto onde iam. Cresceu, aprendeu a arte do "repente", viu seu pai morrer na miséria, foi pra Fortaleza tentar a vida, viu que não dava pra viver de poesia, acabou em São Paulo, operário. E poeta.

Clara Andrade

"BATEAU MOUCHE"

E continua a impunidade

Depois de atuar de forma negligente na fiscalização do barco, a Marinha procura impedir a apuração completa das responsabilidades.

Carlos H. Vasconcelos *

"Não me deixam mergulhar. E não adianta discutir." Visivelmente decepcionado, o perito Mário Bonfatti usou estas palavras para explicar aos jornalistas que os tripulantes do rebocador **Tridente**, da Marinha, o haviam impedido de mergulhar até onde o "Bateau Mouche" está afundado para completar as filmagens do barco. Bonfatti, que é funcionário do Instituto de Criminalística Carlos Éboli, cumpria ordens da polícia fluminense, e a missão de que estava encarregado era considerada fundamental para a completa definição dos responsáveis pela tragédia que comoveu o Rio na virada do ano. A tripulação do rebocador, que frustrou sua ação, agiu sob o comando do 1º Distrito Naval.

O episódio, ocorrido no último dia 9, foi apenas mais uma de um conjunto de atitudes irresponsáveis, de negligências e de atos pulsilâmines proporcionados por empresários da Bateau Mouche Turismo e da Itatiaia Turismo, assim como de funcionários de todos os escalões do Ministério da Marinha. A sucessão desses atos foi a causa que levou ao acidente, no qual morreram 52 pessoas e outras 10 estão desaparecidas. Esta é a conclusão manifestada pelo povo e confirmada pelos próprios acusados, na tentativa de se safarem de tão inquestionável fato.

Barco impróprio

Os riscos de uma tragédia na embarcação já eram do conhecimento de seus proprietários há pelo menos 2 anos, conforme declarou o armador Altamir Coelho de Souza, dono do

Estaleiro Santa Bárbara, onde o barco esteve duas vezes para reparo e manutenção. Mal projetado, com graves problemas de estabilidade, o "Bateau" não tinha, depois de transformado em barco de turismo, condições para navegar fora da Baía de Guanabara.

Apesar disso, a Capitania dos Portos nunca tomou qualquer providência no sentido de impedir a empresa proprietária da embarcação de continuar com seu lucrativo negócio, ainda que isso significasse expor vidas humanas aos perigos do mar. A conivência da Capitania foi a gota d'água que faltava para que a tragédia ocorresse, pois liberou o "Bateau Mouche IV" na fatídica noite, mesmo constatando excessivo número de passageiros a bordo, cadeiras e mesas soltas, ausência de balsas e número insuficiente de salva-vidas, que além de poucos estavam todos amarrados.

O barco também adernava para a direita, de acordo com os sobreviventes, desde a saída do cais do restaurante Sol e Mar, em Botafogo, já demonstrando os sinais de instabilidade que eram de conhecimento dos donos do barco. A seqüência de atos irresponsáveis e criminosos terminou por naufragar o "Bateau" e seus ocupantes, mas não sem deixar claro a culpabilidade dos promotores do "réveillon" e da Marinha.

Denúncia de suborno

"As capitânias são inadequadas e obsoletas para o fim a que se destinam e não há critérios. O critério é a pressão do patrão." Esta declaração, de Maurício Santana, presidente da Federação Nacional dos Marítimos, dá a verdadeira dimensão do relacionamento existente entre a Capitania dos Portos e os empresários do setor de navegação turística do Rio de Janeiro. E não foi diferente no episódio do "Bateau". Levando-se em consideração as afirmações do

empresário Roberto Simões, que estava a bordo do iate "Casablanca" e socorreu as vítimas, o músico Hamilton Santos disse que os donos do barco haviam subornado com 120 dólares os dois sargentos da Capitania que abordaram a embarcação para vistoria.

O músico negou, mas o empresário reafirmou tudo o que havia declarado anteriormente. Não são incomuns na vida brasileira fatos desta natureza. O acidente apenas pôs a nu as práticas de corrupção a que se submetem certas autoridades governamentais brasileiras, com um agravante: desta feita o crime veio acompanhado de dezenas de cadáveres.

O papel da Marinha

Não bastassem a cumplicidade denunciada, a negligência e o descaso, a Marinha saiu do silêncio através do ministro Henrique Saboya apenas para tentar jogar uma cortina de fumaça sobre o episódio. Indagado a respeito da responsabilidade da patrulha marítima na avaliação das condições de navegação do barco na noite do acidente, o ministro afirmou que "dependendo das condições do mar, cuja avaliação depende exclusivamente do patrão, mestre ou comandante das embarcações, o barco estava autorizado a navegar entre a ponta de Itaipu e o cabo da Gávea".

Ao dar estas declarações, o almirante estava repetindo os mesmos argumentos da empresa Bateau Mouche Turismo Ltda., que em espaço publicitário do Jornal do Brasil, edição de 6 de janeiro, procurou remeter ao mestre da embarcação a responsabilidade pelo desastre, num verdadeiro acinte à inteligência e ao bom-senso da população.

Acobertar o crime

Mais tarde, a posição da Marinha assumiria contornos ainda mais nítidos de desrespeito à opinião pública e de tentativa de acobertar as culpas. O ministro Saboya concedeu entrevista coletiva para dizer que o inquérito policial instaurado pelo governo do Rio de Janeiro não valia, e que somente um tribunal marítimo teria poderes para investigar e aplicar eventuais punições, e no dia seguinte o perito Bonfatti foi impedido de mergulhar. Estas atitudes deixaram claro que o governo, através de seu Ministério, procura afastar a todo custo a possibilidade da existência de crime, no sentido de impedir a responsabilização de culpados. Premiadas a irresponsabilidade e a corrupção, fica o povo



Equipe resgata o corpo de uma vítima.



CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

* correspondente no Rio de Janeiro

Mais um crime sem castigo?



Os crimes do Latifúndio

Neiva Chemite *

Há evidências de sobra mostrando que o assassinato de Chico Mendes tem outros envolvidos, além da família Alves. Mas pode estar em curso uma manobra para prender a penas alguns bodes expiatórios e permitir que a máquina de mortes do latifúndio continue impune.

Assassinado no dia 22 de dezembro em Xapuri (AC), o líder sindical e ecologista Chico

Mendes vem se juntar a outras dezenas de líderes rurais vitimados no ano passado pelos latifundiários, cujos crimes são avalizados pela União Democrática Ruralista (UDR). O império fundiário e criminoso da família Alves, principal responsável pela morte de Chico Mendes, está desmoronando paulatinamente. Darli, que juntamente com seu irmão Alvarino Alves é mandante do crime, apresentou-se dia 7 de janeiro na penitenciária Francisco de Oliveira, onde está detido ao lado de seus filhos Darci, assassino confesso, e Olaci Alves, também implicado no caso.

Darli Alves entregou-se após passar dez dias refugiado nas matas de Xapuri, e ainda assim teve o descaramento de declarar que não possuiu qualquer envolvimento com a morte do líder rural. Disse ter sabido do fato através dos jornais. Num primeiro depoimento, acabou restringindo a autoria do ato criminoso a seu próprio filho, Darci Alves, de quem falou ser um revoltado e afirmou: "Já tinha apertado a

mão de Chico Mendes como amigo, não sei por que o filho fez isso".

Autoridades envolvidas

O assassinato de Chico Mendes, porém, é um emaranhado que envolve muito mais coisas que se possa imaginar. O ex-prefeito de Rio Branco, Adalberto Aragão, o ex e o atual prefeito de Xapuri, Wanderley Viana e Juarez Maciel e os primos Messias Ribeiro e Aldemir Ribeiro, respectivamente ex-prefeito e prefeito de Brasiléia, também estão sendo acusados de co-participação neste crime e em outros. Além de tais "autoridades", o presidente da UDR, João Branco, praticamente se auto-incriminou, ao deixar o país dias após o crime.

Polícia é cúmplice

Na verdade, quanto mais se aprofundam as investigações, mais "podres" aparecem. Inclusive a ligação entre os assassinatos de lideranças sindicais e o narcotráfico sul-americano, o Cartel de Medellín e o roubo e contrabando de auto-

móveis para o exterior. É que os mesmos traficantes, no caso latifundiários e comerciantes ligados à UDR, mantêm um exército de pistoleiros para liquidar líderes rurais. As investigações levam também à existência de um cemitério clandestino, onde seriam enterradas as vítimas de tais grupos armados.

A própria Polícia Feeral não sai ileso do caso, pois seu superintendente no Acre, Mauro Sposito, suspeito de ter sido conivente com o assassinato de Chico Mendes, uma vez que tinha sido alertado pela vítima de sua iminente execução, e ao invés de prestar-lhe proteção forjou falsas provas na tentativa desesperada de denegrir a imagem do sindicalista junto ao movimento popular (veja boxe e matéria na página 9). Só após a pressão de diversos segmentos que pediram a demissão de Sposito, e após consumado o crime, o diretor-geral da Polícia Federal, Romeu Tuma, resolveu afastá-lo da superintendência regional da PF.

Novas ameaças

A própria continuidade das ameaças, após a prisão da criminosa família Alves, é mais uma prova de que o crime tem dimensões muito maiores. Tanto que o bispo do Acre, dom Moacir Grecchi, um dos aliados de Chico Mendes e dos

trabalhadores rurais, foi ameaçado de morte dias após o assassinato do sindicalista, quando pedia punição aos responsáveis. A presidente do Tribunal de Justiça do Acre, desembargadora Eva Evangelista de Araújo Souza, também foi ameaçada de morte, após exigir mais rigor na apuração do crime que vitimou Chico Mendes. O telefonema recebido por sua filha no dia 4 foi claro: "Diga à doutora Eva que não vá ao tribunal hoje, porque quando estiver subindo as escadarias sua cabeça poderá rolar como rolo de Chico Mendes". A desembargadora declarou que não duvida de existência de crime organizado no Acre, e além de solicitar à PM proteção para si pediu garantia de vida para o juiz da comarca de Xapuri, Adair Longhini, que também vem recebendo ameaças de morte.

O que se teme agora é que, com a prisão de Darli e Darci Alves, as forças policiais dêem o caso por encerrado, e que isso afaste a possibilidade de desbaratar toda uma teia criminosa que abriga grupos de extermínio na área rural, cujo intuito é continuar escravizando trabalhadores rurais e prosseguir com o desmatamento desenfreado da Amazônia.

* Correspondente em Rio Branco

Conflitos à vista

Protegido pela omissão das autoridades, o latifúndio planeja mais mortes. Mas os seringueiros procuram se defender.

A confissão de Darci Alves como responsável pelo assassinato de Chico Mendes e a apresentação de Darli Alves à polícia jurando inocência parecem satisfazer a "justiça" do país. Mas são na verdade apenas a ponta de um iceberg que tem dimensões bem maiores. Prender rapidamente o assassino de Chico Mendes pode tirar do sufoco muita "gente importante", acusada de envolvimento no crime, mas não sossega, com certeza, os trabalhadores rurais de Xapuri, que querem dar um basta à situação.

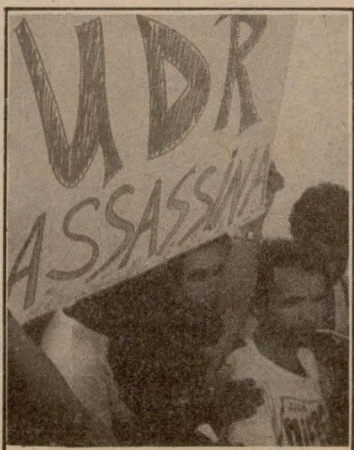
A maior revolta dos companheiros de Chico deve-se ao fato de autoridades policiais terem sido avisadas, inclusive por escrito, de que a consumação do crime era iminente. Este fato é comprovado por uma carta enviada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais ao juiz, na Comarca de Xapuri, Adair Longhini, com cópias para a Secretaria de Segurança Pública e a Polícia Federal.

A carta não poderia ser tão clara, nem tão tragicamente profética: "O sangue dos trabalhadores está sendo derramado impunemente — diz em um de seus tre-

chos — mas não é só isso. Mais sangue está previsto de ser derramado, e mais uma vez poderá ser o sangue de pessoas inocentes e indefesas."

Denúncia detalhada

Mais adiante, o sindicato chega a fornecer às autoridades detalhes sobre a armação do assassinato: "Há mais de dez dias estão sendo realizadas, na região de Brasiléia, reuniões secretas, onde se planeja o assassinato de Chico Mendes e Osmarino Amâncio (presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia). Das reuniões, participam como coordenadores Darli e Alvarino Alves. No



O povo identifica os culpados

apoio estão Crispin, Coronel Chicão, Luisinho Assim, Antonio Pequeno, José Benvindo, Benedito Rosa e mais outra pessoa conhecida popularmente como Querido". Na base de apoio, a fonte informa que estão o Capitão Tirson e o dr. Heitor Macedo, juiz de Brasiléia. Segundo informações, tem mais gente na jogada: Gaston Mota, José Elias e mais alguém da polícia civil que não é pequeno.

Tantas e tão detalhadas advertências foram absolutamente inúteis. Nenhuma providência foi tomada, e Chico Mendes sequer obteve resposta das autoridades.

E a lista dos marcados para morrer, no Acre, tem mais nomes. Nela fazem parte Raimundo Mendes de Barros, vereador do PT que também é líder e primo de Chico Mendes; Gumercindo Rodrigues, assessor do sindicato de trabalhadores rurais de Xapuri; e Julio Aquino, atual presidente da entidade.

"Vamos nos defender"

O sentimento que permeia entre os seringueiros é de revolta e os métodos de resistência podem mudar daqui para a frente. Eles mesmos não descartam a possibilidade de ações organizadas para impedir a manutenção de trabalhadores e a devastação violenta da Amazônia. Raimundo Mendes mesmo disse: "Os companheiros não vão cometer crime, vão apenas se defender."

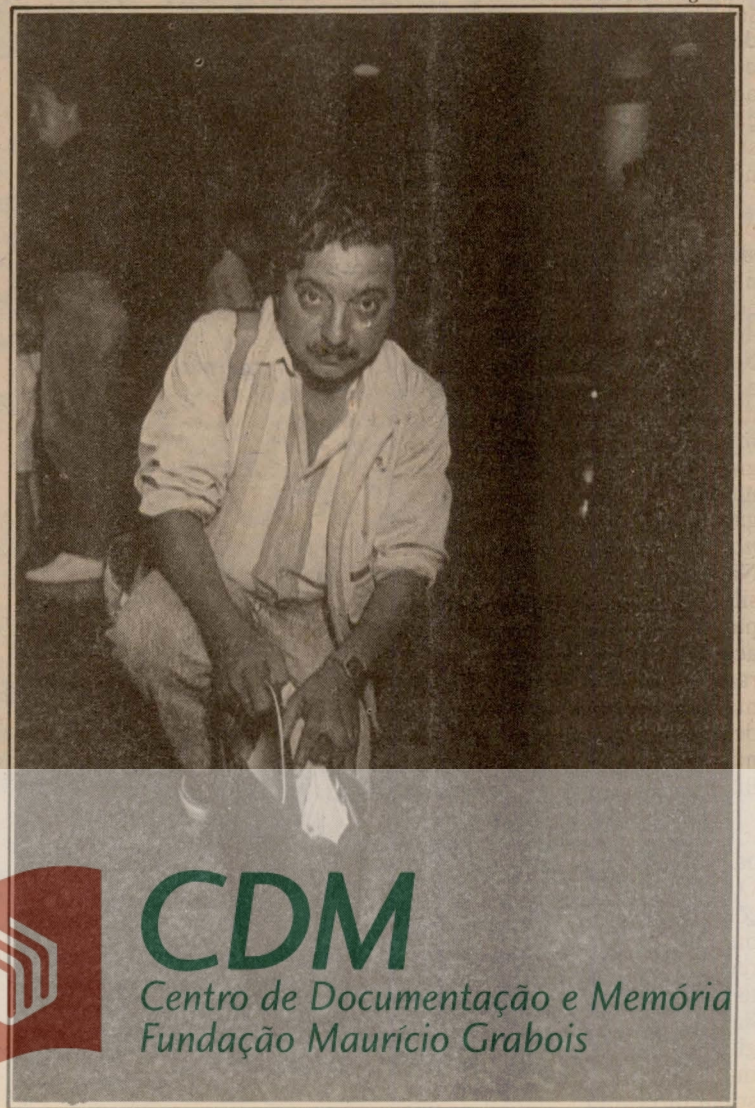
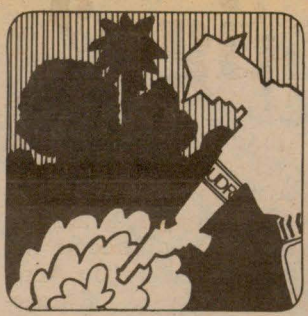


Foto: Graziela Magnoni

CDM

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Os crimes do Latifúndio

Por Orlando Valverde *

Em depoimento exclusivo para "A Classe Operária" um dos líderes da luta em defesa da Amazônia fala sobre a vida, as idéias e a luta do líder sindical assassinado, denuncia as omissões que tornaram possível o crime e declara: "Numa democracia efetiva a UDR estaria fora da lei."

Conheci Chico Mendes há cerca de dois anos, quando passei a visitar mais constantemente o Acre, fazendo palestras para a Universidade Federal. Ele chamava a atenção por ser um líder extremamente tranqüilo, que não demonstrava qualquer atitude belicosa. Sabia atirar, porque a caça é para os seringueiros a principal fonte de proteínas, mas sequer costumava andar armado.

Sua liderança surgiu porque soube conduzir os habitantes da floresta — seringueiros, índios, castanheiros, pequenos agricultores — para a realização de ações políticas, em que se entrelaçavam as lutas econômica e ecológica.

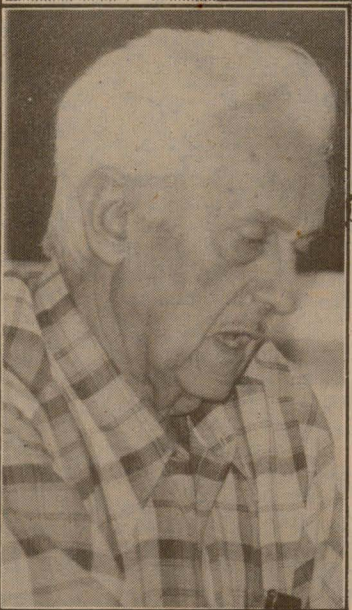
É que a sobrevivência dos povos da floresta depende basicamente da preservação da natureza. Derrubar a floresta equivale praticamente a condená-los, e os fazendeiros sabem disso. Por isso devastam a selva, num ritmo cada vez mais frenético. Milhares de famílias já foram derrotadas, fugiram para a Bolívia e hoje não têm sequer existência legal. São os chamados *brasivianos*, em número de 40 mil. Não exercem a cidadania brasileira, porque estão fora do país. Tampouco a Bolívia os aceita como cidadãos. Exploram-nos de uma maneira desumana, e eles não têm condição de voltar à própria pátria, por não terem terras onde trabalhar.

A tática do "empate"

Chico utilizou com muita habilidade a tática do *empate*. O uso da violência, nas condições atuais, conduziria os trabalhadores à derrota, por serem a parte incomparavelmente mais fraca. Então as famílias dos trabalhadores dirigiam-se para as frentes de desmatamento e lá permaneciam, sob a direção do sindicato. Na maioria das vezes este método



Orlando Valverde (em baixo) sobre Chico Mendes: "Era um homem tranqüilo, que soube mostrar a política aos seringueiros."



dava certo. Xapuri foi o único local da Amazônia onde os fazendeiros só conseguiram desmatar 50 hectares em 87, quando a meta eram 10 mil hectares. Isto despertou o ódio dos poderosos.

Chico era um homem de cultura média. Mas adquiriu uma vivência muito clara dos problemas, até tornar-se um ecologista por experiência própria. Isso lhe dava uma profundidade que era admirada por todos. Fazia constantes palestras, não só no Acre como também no Rio de Janeiro, na UFRJ. Seu trabalho foi reconhecido também no exterior. A Fundação Mundial da Vida Selvagem agraciou-o com uma medalha, e ele foi duas vezes contemplado pela ONU com uma honraria que é semelhante ao Prêmio Nobel, na área de ecologia. Comentou comigo, na ocasião, que tivera a oportunidade de usar gravata pela primeira vez, e que sentira-se incomodado com a pompa reinante no hotel em que se hospedou.

Riqueza da floresta

Sua tese fundamental era a organização de reservas extrativistas. Chico conseguiu pro-

var, junto com alguns colegas e o agrônomo Gumercindo Rodrigues, que um hectare de floresta rende, no Acre, muito mais que um hectare de pasto, e que portanto preservação da natureza traria, além de tudo, vantagens econômicas para a região. Isso porque os solos do Acre, como os de todo sudoeste da Amazônia são muito férteis, porém delgados. Não vão além de 1 metro, 1 metro e 20. Como as árvores têm raízes rasas se alimentam perfeitamente nesses solos, há na floresta do Acre espécies gigantescas.

O cerco foi se fechando em torno de Chico Mendes, como pude constatar em nossos dois últimos contatos. Um deles ocorreu no Acre, dia 30 de novembro. Participamos de um debate e depois jantamos juntos. Ao lado dele estavam dois guarda-costas da Polícia Estadual à paisana, designados pelo governador. O outro foi aqui no Rio, quando ele proferiu uma palestra e depois veio em minha casa. Nesta última oportunidade ele declarou que sabia que estava marcado para morrer. "Se a minha morte pudesse cessar a violência contra a natureza e os habitantes da floresta — disse — eu não me incomodaria de perder a vida. Mas sei que meu assassinato será mais um crime impune".

Todos sob ameaça

As ameaças, aliás, pesavam e pesam contra todos, na região. Depois da morte de Chico Mendes um outro líder sindical foi assassinado, a facadas, em Brasília, e a grande imprensa sequer noticiou. E

no começo do ano passado fiz uma palestra na Universidade Federal do Acre. Soube depois que um dos presentes foi a um posto de gasolina e ouviu dois fazendeiros comentando uma entrevista que eu havia concedido à TV pela manhã. Eles afirmavam que eu era um idiota completo, que não sabia que para desenvolver é preciso derrubar a mata e que bem merecia uns dois tiros.

Num assassinato como este há uma responsabilidade coletiva. Chico sabia que estava jurado de morte, e conhecia os fazendeiros que iriam mandar o crime. Havia descoberto outros assassinatos cometidos por estes mesmos fazendeiros no interior do Paraná. O advogado do sindicato dos seringueiros foi àquele Estado e obteve uma certidão da polícia declarando que tais indivíduos estavam sendo procurados, devido a crimes por questões de terra. Chico enviou cópias do documento para o ministro Paulo Brossard e para o delegado Romeu Tuma, chefe da Polícia Federal.

PF protege assassinos

Para Tuma, Chico pediu inclusive que removesse o delegado da Polícia Federal no Acre. Os próprios assassinos se vangloriavam de serem amigos deste homem. E quando chegaram ao Acre os documentos que permitiriam a prisão dos fazendeiros, o delegado não só avisou a eles, dando-lhes possibilidade de fuga, como também foi à televisão acusar Chico Mendes de delgado. Isso correspondeu a um sinal verde para a execução do crime, pois os mandantes tive-

ram a confirmação de que o delegado da Polícia Federal estava do lado deles.

Apenas o governador do Acre tomou alguma providência. Ainda assim, providência pífia. Os dois policiais que passaram a acompanhar Chico Mendes eram tão incapazes de protegê-lo que deixaram que fosse ao quintal de sua casa e continuaram jantando na sala. Era a oportunidade que os executores aguardavam, e que não desperdiçaram.

O clima de impunidade é notável até no episódio da prisão de um dos mandantes, Darli Alves. Eles não haviam fugido para a Bolívia, conforme se pensou. Estavam nos fundos da própria fazenda. A Polícia Federal montou aquela encenação, falou em fazer uma varredura completa no Acre, e no entanto os criminosos estavam no fundo do quintal! Foram descobertos pelos seringueiros, não pela polícia. Eles viram que o filho de um dos dois fazendeiros ia com comida para o mato e voltava olhando para os lados. Mais tarde os próprios criminosos chegaram a aparecer. Só então a polícia montou o cerco sobre eles.

Cabe sempre lembrar que o caso Chico Mendes é apenas um episódio deste rosário de violências promovidas pelo latifúndio. Há o episódio do deputado paraense José Luiz Batista, assassinado em novembro, e em 87 o de Paulo Fontelles, morto por ser advogado de sindicatos de trabalhadores sem-terra. Hoje em dia não se pode sequer exercer uma profissão liberal a serviço desses trabalhadores.

UDR age como Máfia

Acredito, por isso, que as forças democráticas e populares brasileiras têm diante de si a urgente tarefa de frear as atividades desta quadrilha. É um fato já noticiado pelos jornais que a UDR organizou pelo menos três leilões de gado, com cabeças doadas pelos latifundiários, para comprar armas e contratar pistoleiros. Se uma atitude como esta tivesse sido tomada por setores de esquerda haveria mobilização imediata das Forças Armadas.

É preciso impedir que o caso se encerre apenas com a prisão de três ou quatro bodes expiatórios. No ano passado a UDR, esta organização que guarda semelhança com a Máfia, influiu nos próprios trabalhos constitucionais. E no entanto, num país efetivamente democrático ela estaria fora da lei.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
Estudiosos dos problemas amazônicos e presidente da Campanha Nacional em Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia — CNDDA.

Uma voz nacionalista entre os empresários

Entrevista a
Antonio Martins

O presidente da Cebracan rejeita o discurso entreguista da maior parte dos líderes empresariais; defende a Constituição, as estatais e a reserva de mercado; e propõe limitar a ação das multinacionais e suspender o pagamento da dívida.

Surpresa. Esta é geralmente a primeira reação de quem ouve o carioca Luiz Octávio Athayde discorrer sobre as teses políticas e econômicas sustentadas pela entidade que ele preside, a Câmara das Empresas Brasileiras de Capital Nacional (Cebracan).

E que em meio à ampla campanha promovida pela maior parte dos líderes empresariais em defesa da desnacionalização completa da economia, a favor da venda do patrimônio das estatais e contra todos os direitos sociais consagrados pela Constituinte, soam como algo inusitado as frases deste empresário. Ele afirma que "as conquistas trabalhistas aprovadas na nova Carta são ótimas", lembra que é impossível debelar a inflação sem suspender o pagamento da dívida externa, e reconhece que onde imperam oligopólios "não é mais possível defender o livre-mercado".

Tais opiniões, que vêm sendo defendidas com insistência pelas forças populares brasileiras nos últimos anos, eram sistematicamente taxadas como "anacrônicas" e "ultrapassadas" pelos conservadores.

Agora elas ganham um reforço especial. Porque quem as endossa é o representante de uma entidade que, entre outros feitos, conseguiu reunir em torno de si alguns dos setores mais avançados e modernos da economia brasileira: a informática, a química fina, a biotecnologia e a automação industrial, para ficar nos exemplos mais conhecidos.

Estes setores alcançaram elevado grau de desenvolvimento tecnológico, e agora vêm o resultado de anos de esforço ameaçado pela concessão de favores e liberalidades cada vez mais amplas às multinacionais, pela elevação constante das taxas de juros e pelo



Luiz Athayde: "Precisamos suspender o pagamento da dívida, ela foi feita comprando dólares furados"

encolhimento contínuo do mercado interno.

Em 1988 eles começaram a reagir. Depois de desenvolverem amplo trabalho de convencimento junto à Constituinte e de arrancarem importantes vitórias, criaram, no dia 27 de julho, a Cebracan. Embora conte com estrutura e recursos incomparavelmente inferiores aos das associações que representam o grande capital, ela atuou com desenvoltura impressionante. Além de conquistar autoridade junto ao setor de tecnologia de ponta, conseguiu a adesão das importantes cooperativas de trigo do Rio Grande do Sul, e desenvolve intenso trabalho de convencimento entre as pequenas e médias empresas. Num dos últimos dias de 88, o presidente da Cebracan concedeu à "Classe Operária" a seguinte entrevista.

Amato e Albano Franco não escrevem nem os próprios discursos

Classe: Como surgiu e quais são os objetivos da Cebracan?

Luiz Athayde: A Cebracan surgiu de um movimento das entidades representativas do empresariado nacional. Eu digo nacional porque as entidades tradicionais, como a Fiesp e a CNI, estão sendo dirigidas pelos interesses estrangeiros. Então, algumas associações que sustentaram teses nacionalistas na Constituinte, mas que

estavam dispersas, verificaram a necessidade de criar um órgão que as representasse, para fazer um contraponto às entidades que representam aquela meia dúzia de empresas que monopolizam boa parte do PIB nacional. Nós percebemos que durante a votação das leis complementares e das leis ordinárias será necessário contar com uma articulação mais coesa. Deste entendimento surgiu a Cebracan.

Classe: Gostaria que você esclarecesse mais detalhadamente as divergências da Cebracan com a Fiesp e a CNI.

Luiz Athayde: Primeiramente, eles sustentam, por razões óbvias, que o desenvolvimento do país deve ser feito a partir do endividamento externo e do capital estrangeiro. Fazem isso porque são representantes, ou estão associados, a este capital. Nós temos a tese exatamente oposta. Não existe país que tenha dado certo a partir do capital estrangeiro. Todo país que deu certo cresceu e se desenvolveu a partir do mercado interno. Não pleiteamos o fechamento absoluto do país, ou dar as costas aos países estrangeiros, mas queremos que o capital estrangeiro seja apenas complementar à economia nacional. Nós temos condições de desenvolver tecnologia aqui, e quando não possuímos podemos comprá-la, como fez o Japão. O que não podemos é entregar toda a economia às empresas estrangeiras, como se tem feito no

Brasil, onde se fala até mesmo em entregar os bancos ao capital externo.

Então, nós temos um posicionamento exatamente oposto ao da CNI e da Fiesp, até mesmo nos conceitos sobre o capitalismo. Nós achamos que o capitalismo funciona até um certo estágio, até o ponto em que você chega ao monopólio. Aí você não pode mais entrar com o discurso da livre-iniciativa, que só é válido até o momento em que surge o monopólio ou oligopólio.

Demitir funcionários não resolve o déficit, ele é financeiro.

Classe: Mesmo sendo uma entidade recém-estruturada e sem contar com qualquer simpatia por parte dos grandes meios de comunicação a Cebracan obteve na Constituinte várias vitórias sobre a Fiesp e a CNI. Qual o segredo desta vitória?

Luiz Athayde: A questão da vitória é óbvia: nós vencemos porque trabalhamos, enquanto esse pessoal da Fiesp e da CNI não trabalha. Quase sempre quem fazia as articulações não eram os dirigentes principais dessas entidades, e sim seus testas-de-ferro. Por serem apenas subalternos, eles representam outros interesses que não os seus próprios, essas pessoas não tiveram a mesma disposição. Eu, por exemplo,

enquanto presidente da Cebracan, tive ocasião de sentar pessoalmente à máquina no escritório da Frente Parlamentar Nacionalista, bater uma carta em favor da limitação dos juros em 12% e em seguida xerocar, entregar para as lideranças, fazer a pressão junto a elas, e fazer com que o documento chegasse rapidamente a todos os constituintes. É evidente que este trabalho o senhor Albano Franco não ia fazer, o senhor Amato não ia fazer. Eles não escrevem mais nem os próprios discursos.

Por fim, existe o fator moral. Nós estamos defendendo o que é moralmente certo. Eu não acredito na possibilidade de você achar moral e justo um brasileiro defender interesses de multinacionais. Então, acho que a nossa moralidade venceu neste caso, e provou-se que o dinheiro não é tudo no processo parlamentar. O trabalho, a ação, a energia valem muito mais em alguns momentos.

Classe: Na opinião dos empresários nacionalistas quais foram os principais avanços obtidos na nova Constituição?

Luiz Athayde: Em primeiro lugar o preceito segundo o qual o mercado interno é patrimônio nacional. Além disso, o governo tem agora de dar preferência à empresa nacional em suas aquisições de bens e serviços, o que já era adotado em vários países do mundo. Eu gostaria de destacar também que as conquistas trabalhistas foram ótimas, na nossa opinião. O empresariado nacional precisa se conscientizar de que todo ganho obtido pelo trabalhador favorece o mercado interno, em conseqüência as empresas nacionais.

Classe: Uma das questões que mais se discute na economia brasileira hoje é o endividamento do Estado. Há setores, principalmente à direita, que enxergam o déficit público como o resultado dos investimentos, da realização de obras públicas e do pagamento dos salários do funcionalismo. Eles desprezam inteiramente o papel dos juros no déficit público. Qual a opinião da Cebracan a respeito?

Luiz Athayde: Sem dúvida nenhuma, em toda atividade estatal você tem os excessos. Mas se as despesas aumentam e as receitas não acompanham, você percebe que o déficit é financeiro. Por isso, querer solucioná-lo através do corte de

peçoal ou do arrocho de salários chega a ser idiotice. Se todos os funcionários forem demitidos, o Tesouro Nacional ainda irá apresentar déficit, porque ninguém pode pagar impunemente os juros que o governo paga. Não há dúvida de que houve abusos na máquina estatal, há gente que está empregada mas não trabalha, mas uma ineficiência estatal relativa existe em qualquer país do mundo. Existem também alguns subsídios que nós julgamos serem desnecessários, alguns financiamentos a projetos duvidosos, que é preciso eliminar. Mas isso não explica de forma alguma o déficit público.

Classe: Qual é, na opinião da Cebracan, a importância das estatais para o desenvolvimento do país?

Luiz Athayde: Elas são fundamentais, principalmente a Petrobrás, a Eletrobrás, a Siderbrás. Na verdade, esta turma que defende a desestatização está de olho em privatizar os lucros e socializar os prejuízos. Você vê a Rede Ferroviária Federal, por exemplo, onde as linhas rentáveis vão ser privatizadas, e o que dá prejuízo vai continuar estatal. Então, é uma incoerência completa. Se a alegação é déficit público, nós jamais poderíamos privatizar as empresas que dão lucro.

Classe: Quais as consequências para o Estado e para a atividade produtiva do pagamento de juros ainda maiores que 12% ao ano?

Luiz Athayde: O tabelamento dos juros em 12% era exatamente a grande chave que nós tínhamos para breca a ciranda financeira. A continuar da maneira que estamos, nós vamos ver a falência completa da atividade produtiva no país. Mas o governo boicotou de todas as maneiras a Constituição, e conseguiu jogar a definição final para a lei complementar. Eu gostaria de lembrar que esta ação relaciona-se com outra tomada recentemente, a concessão de maiores facilidades para que os bancos estrangeiros operem no Brasil. O governo sequer exigiu reciprocidade, tomou uma atitude que dificilmente seria adotada em qualquer outro país do mundo.

Múltis não comparam seus salários com o que pagam lá fora

Classe: A Fiesp iniciou há alguns meses uma tentativa de "recuperar" a imagem das empresas multinacionais em nosso país. Essa campanha incluiu a distribuição gratuita de milhares de exemplares de um livreto a favor das múltis e até

a veiculação de um longo documentário na TV, com o mesmo conteúdo. Um dos argumentos principais era o de que as empresas estrangeiras pagam salários em geral mais altos que as empresas nacionais. Como vocês respondem a estes argumentos?

Luiz Athayde: A empresa nacional, e a pequena empresa, são as que geram a maior parte dos empregos no país, e isto já está exaustivamente comprovado. Quanto ao nível dos salários, é preciso analisar mais detidamente. Quando se diz que as multinacionais estão pagando bem em relação ao mercado interno, omite-se propositalmente a diferença entre os salários que elas pagam aqui e em suas matrizes. Você nota, inclusive, que os defensores de uma abertura ainda maior da economia brasileira em relação ao exterior costumam argumentar que certos produtos são mais caros em nosso país que no mercado internacional. Mas na hora de pagar salários, eles rejeitam qualquer comparação com os salários pagos fora do Brasil, o que chega a ser muito engraçado. Eu acho inclusive que as lideranças trabalhistas precisam atentar para isso. Nós inclusive já procuramos o Meneghelli e temos tido um bom acesso, uma boa discussão com ele.

Classe: Todos os estudos sérios que se fazem sobre o desempenho da economia brasileira nas últimas décadas demonstram que o crescimento cessou e o Estado começou a falir a partir do momento em que o país passou a fazer remessas maciças de dólares ao exterior, a título de pagamento de juros da dívida externa. O que a Cebracan propõe para enfrentar o problema do endividamento?

Luiz Athayde: Primeiramente, esta dívida não poderia jamais estar sendo paga nos moldes atuais. É preciso parar o pagamento, discutir a dívida, promover auditorias que a analisem detalhadamente.

Uma grande parte da dívida, por exemplo, tem origem nos desajustes produzidos no sistema financeiro internacional desde 1971, quando os Estados Unidos comunicaram que não mais converteriam o dólar em ouro. A onça do ouro pulou de 35 para 840 dólares, rapidamente. Então, esta inflação do dólar ninguém recebeu. Eles criaram um dólar furado, inundaram o mundo com esta moeda desvalorizada e exportaram sua inflação para todos os outros países. Portanto, esse é um primeiro aspecto que precisa ser debatido antes de pagarmos a dívida.

Além disso, devemos investigar a entrada real de recursos no país. Ela foi infima em relação ao que devemos hoje. Muitos contratos foram feitos

JORNAL DA

CEBRACAN

ANO 1 Nº 3
São Paulo - Dezembro de 1988
Distribuição Gratuita

Publicação da Câmara das Empresas Brasileiras de Capital Nacional

Falcatruas dão prejuízo de 10 bilhões de dólares ao Brasil

Que país é esse? A própria Polícia Fazendária, Receita Federal e o Banco Central admitem que está ocorrendo uma evasão ilegal de divisas no país da ordem de 10 bilhões de dólares anuais. Ou seja, os mesmos órgãos governamentais encarregados de impedir essa prática e punir os responsáveis admitem a operação fraudulenta que enriquece alguns empresários desonestos e as multinacionais e não tomam nenhuma medida.

No *Jornal do Brasil* do dia 30 de novembro e em *O Globo* de 4 de dezembro, o Banco Central, a Polícia Fazendária e a Receita Federal não só admitem a evasão de divisas, como explicam até como ela é feita. Só não apontam os nomes dos responsáveis, embora devam, seguramente, saber quem são, como também não anunciam a prisão ou punição de nenhum envolvido.

É nisso que dá o nosso modelo exportador. Os órgãos federais calculam que há 20 ou 25% a mais de exportações do que registra a Cacex. Os métodos de evasão são os conhecidos, subfaturamento nas exportações e superfaturamento nas importações. A sobra de dólares não contabilizados vai para os paraísos fiscais da Suíça, Miami ou Ilhas Cayman, nas contas das multinacionais ou dos pseudo-empresários envolvidos na falcatura.

Paralelamente continua correndo solta a remessa ilegal de dólares para o exterior via cambistas e o processo dólar-cabo. Há ainda contrabando de ouro e outras operações no mercado paralelo do dólar.

As autoridades sabem de tudo, mas nada fazem, praticamente admitindo a falcatura e o empobrecimento deliberado do país e do povo como prática normal de "negócios". Envolvidos no "negócio", a quase totalidade das multinacionais,

os empresários agrícolas ligados ao setor de exportação e banqueiros.

Por isso é tão grande o lobby empresarial da Fiesp, Firjan, CNI, UDR e outras entidades para manter o modelo exportador, promover a abertura das fronteiras econômicas e impedir a reforma agrária.



O Jornal da Cebracan: periodicidade mensal, teses nacionalistas.

inclusive na base da corrupção. Só uma auditoria rigorosa poderá determinar o que é de fato e o que não é dívida. Enquanto isso, o Brasil deve promover uma moratória.

Só é possível entender por que este caminho ainda não foi seguido quando se conhece as ligações dos homens que nos governaram e governam como sistema financeiro internacional. O Simonsen está no Citibank, o Sayad associou-se agora com um conglomerado americano, o Fernão Bracher está num esquema semelhante e dizem até que o Mailson, quando deixar o Ministério, será convidado a assumir uma diretoria do Banco Mundial. Por aí você vê que são todos funcionários de multinacionais, de banqueiros multinacionais. Enquanto perdurar esta situação, nós nunca sairemos da crise, pois o governo sempre insistirá em adotar saídas monetaristas, exatamente as que atendem aos interesses dos banqueiros.

Há empresários que não diferenciam um torno de uma freza

Classe: Alguns setores empresariais têm proposto o fim das medidas que protegem a indústria nacional, como a reserva de mercado, por alegarem que elas atrasam o desenvolvimento tecnológico. Eles propõem, ao contrário, a penetração maciça de capital estrangeiro, que seria a saída mais correta para promover a

modernização industrial. O que a Cebracan pensa a respeito?

Luiz Athayde: A primeira opinião é a seguinte: os que dão este parecer não sabem diferenciar um torno de uma freza. Jamais entraram numa indústria, não sabem o que é um processo tecnológico. Uma coisa é você importar tecnologia, trazendo técnicos e comprando máquinas. Outra coisa é você chamar a indústria estrangeira. Existe uma questão básica em qualquer atividade econômica que é a seguinte: a filial não trabalha para si mesma, a filial trabalha para a matriz. No Brasil já está exaustivamente comprovado que as filiais das múltis praticaram e praticam **dumping**, subfaturam e superfaturam conforme a conveniência, trazem para cá maquinário obsoleto, e tantas outras formas de extrair recursos do país. Você jamais pode esperar que o capital estrangeiro alavanque o nosso desenvolvimento.

Classe: Como você vê as atitudes de desrespeito à Constituição que estão sendo tomadas pelo governo federal, como a invasão e o massacre na Companhia Siderúrgica Nacional?

Luiz Athayde: Isso é a tentativa de reeditar 64. Há setores que querem criar clima para discutir o fechamento político. Eles querem acabar com a Constituição, porque se mexeu com interesses diretos das classes dominantes, está mudando. A sociedade tem que tomar conta, tem que reagir,

porque a gente não pode permitir um novo fechamento. A Constituição não tem mais que ser discutida, ela tem de ser cumprida.

Precisamos de um governo patriótico, e de medidas estruturais

Classe: Qual sua opinião sobre o "Plano Verão", que o governo Sarney pretende adotar a pretexto de controlar a alta de preços, e que inclui arrocho de salários, elevação de juros e ataque ao setor estatal da economia?

Luiz Athayde: Antes de mais nada, o governo baseia-se num enorme absurdo teórico. Ele procura esconder a qualquer custo as causas estruturais da inflação brasileira, e alega que os preços sobem por excesso de consumo.

Ora, qualquer observação elementar das estatísticas demonstrará que os níveis de consumo da maior parte da população estão entre os menores do mundo, e que boa parte da economia já está trabalhando não para abastecer o povo brasileiro, e o mercado interno, e sim para exportar. Então, se o consumo já é extramamente arrochado, ele não pode ser empregado para explicar a inflação, a não ser por pessoas inteiramente ignorantes ou de má fé.

Nós precisaríamos, na verdade, de medidas que pusessem fim à remessa de dólares brutal e vergonhosa para o exterior, para pagamento dos juros da dívida externa, e precisaríamos ao mesmo tempo dar um tombo na dívida interna, golpear a ciranda financeira, através da qual as grandes empresas ganham fortunas sem investir um centavo na produção.

Acontece que essas medidas não são tomadas porque temos no poder um governo entreguista, subserviente aos banqueiros internacionais, e extremamente ligado ao capital financeiro brasileiro e às grandes empresas. Eu qualifico este governo como responsável por um autêntico massacre contra a população brasileira, porque se fossem aquilantadas as consequências que a política econômica exerce sobre as condições de vida da população, nós concluiríamos que cada ato do ministro Mailson da Nóbrega é responsável por milhares de mortes de crianças brasileiras, vitimadas pela fome, pelas doenças, pela falta de assistência mínima.

E eu creio, por isso, que nosso país precisa mais que nunca de um governo verdadeiramente patriótico, com coragem e capacidade para debruçar-se sobre as causas estruturais e profundas sem as quais o país não sairá da crise.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

João Ubaldo indaga sobre a alma humana

Entrevista a José Reinaldo Carvalho

No dia 21 de dezembro, primeiro do verão, o escritor João Ubaldo Ribeiro recebeu a reportagem da "Classe" na ilha de Itaparica (Bahia), "a terra mais brasileira que existe", como diz um de seus personagens. Mais do que uma entrevista, o encontro com o criador de "Sargento Getúlio" e "Viva o povo brasileiro" foi um papo ameno, num banco da Praça da Quitanda, num intervalo entre a cotidiana pescaria e o diuturno trabalho para terminar o seu novo livro "O sorriso do lagarto", prometido para este ano.

Classe — Fale sobre seu próximo livro, "O sorriso do lagarto".

João Ubaldo — Rapaz, eu tenho uma preguiça mortal de falar sobre isso. Deixe eu lhe explicar por que. É porque todo mundo me pergunta sobre isso, sabe? Eu não sei direito porque o livro ainda está no meio do caminho e se eu contar estraga a leitura. É a mesma coisa que contar um filme, porque o livro tem uma certa dependência numa sucessão de acontecimentos que devem ser apresentados de forma romanesca, novelística, que envolve um seqüenciamento que perde o sentido ou pelo menos parte do impacto se eu revelar antes, porque toda a coisa está construída em torno de um negócio que vai acontecer.

Classe — Eu não queria que você me contasse a história mas falasse da temática do livro.

João Ubaldo — Também isso é difícil. Eu sempre digo que se pudesse contar o que escrevo, nunca escreveria. Imagine se eu fosse contar "Viva o povo brasileiro", o que é que eu diria? Qual é a temática? Sei lá. "O sorriso do lagarto" é uma história passada aqui na ilha que tem a ver com biologia, com genética, com coisas assim. O livro todo tem um fundo biológico. É uma espécie de indagação sobre a alma humana, sobre o mal, enfim, sobre o país de hoje.

Classe — Para quando está previsto o lançamento?

João Ubaldo — Eu já devia ter entregue os originais à editora em maio de 88. Já está atrasado praticamente um ano. Eu pensava que ia entregar em fevereiro de 89, mas não creio, inclusive por causa do verão aqui, onde vem muita gente me procurar nessa época. Honestamente, eu não estou feliz, esse negócio de o livro estar atrasado está me angustiando. Eu fui à Alemanha em outubro convidado pela Interlit para fazer umas leituras e palestras e a editora alemã fez coincidir minha viagem com o lançamento de "Viva o povo brasileiro" em alemão. Eu fiquei mais de um mês fora. Quando voltei o livro tinha "desandado". Foi o Zé Rubem (escritor Rubem Fonseca) que cunhou essa expressão, que é conhecida de todos os romancistas — quando você interrompe um livro ele "desanda". Eu realmente encontrei o livro todo "desandado". Quando voltei a pegar nele, já tinha umas 300 páginas escritas, senti que tinha perdido a familiaridade com o livro, quer dizer, "desandou", virou outra coisa. Então o único recurso que resolve isso é pegar o livro do começo, é começar a copiar, porque na medida que você copia, vai rees-

crevendo e se reencontrando com o livro. Foi isso que eu pressurosamente vim fazer quando cheguei da Alemanha. Mas um monte de problemas me têm impedido de trabalhar como estou acostumado. Eu imagino que talvez em março ou abril, com sorte, eu dando duro, trabalhando umas 10 horas por dia, consiga entregar os originais. Eu escrevo muito depressa, mas cada dia escrevo mais devagar. Porque eu cada dia fico mais preocupado com a elaboração do texto.

Classe — É preciosismo?

João Ubaldo — Se você não emprestar um sentido pejorativo...

Classe — É no bom sentido.

João Ubaldo — No bom sentido talvez seja, porque eu tenho muito cuidado com a exatidão da expressão. Normalmente o escritor é tido como uma pessoa que escreve com facilidade. Mas é exatamente o contrário. Quem escreve com facilidade é o orador. Se eu não me engano foi o Fernando Sabino que disse isso. E é verdade. O escritor escreve com dificuldade, é uma coisa penosa. A maioria dos escritores amigos meus considera-se torturada ao escrever. É uma coisa torturante. É uma profissão meio anômala, você se tranca sozinho, passa o dia inteiro trancado sozinho.

Classe — Você disse que no "Sorriso do lagarto" aborda o problema da alma humana. Você acha que em "Viva o povo brasileiro" descobriu a alma do povo brasileiro? Foi isso que você perseguiu?

João Ubaldo — Não, porque inclusive

eu tive o cuidado de evitar isso. Eu não me oponho a que se diga isso, nem acho ofensivo dizer que eu descobri a alma do povo brasileiro, mas não foi essa a minha intenção. Mas eu imagino que o leitor possa sentir isso, depois de ter lido o livro achar que compreendeu o povo, sua alma no sentido de entender nossa maneira de ser, nossas angústias, nossos dramas, enfim. Mas a expressão "alma do povo", "espírito do povo" é para mim uma expressão associada com o nacionalismo de direita. Quer dizer, é a expressão Volk Geist em alemão, muito usada pelo nazismo, que quer dizer precisamente isto — espírito do povo. Eu não pensei nunca num negócio nacionalista. Eu fiz uma coisa sobre minha comunidade, sobre minha nação que é a nação brasileira, mas não no sentido de que nós tenhamos um espírito do povo que nos individualize como seres em relação ao resto do mundo. Individualizar culturalmente, sim, mas não isso. Eu tenho o maior horror, como acho que a maioria das pessoas têm, desse tipo de nacionalismo. Nós somos brasileiros e temos o dever de nos preocupar com nossos próximos, nossos concidadãos, mas não no sentido de que sejamos os porretas ou de que tenhamos um espírito especial. O que queremos é nos incorporar ao melhor da humanidade, através de nossos próprios esforços.

Classe — Você já comentou em outras oportunidades as dificuldades para traduzir "Viva o povo brasileiro" para o inglês. E a tradução para o alemão, como foi?

João Ubaldo — Para o alemão o tradutor principal foi um amigo meu, Kurt Meyer Klason, que é tradutor de Guimarães Rosa, de Drummond, de muitos escritores brasileiros. Ele tem muitos serviços prestados à divulgação da literatura brasileira no exterior. É um especialista, mas a editora achou por bem pegar a colaboração também de outras pessoas. A tradução que eu fiz para o inglês também foi usada como uma espécie de vulgata. Interessante é que a edição alemã cita na sobrecapa uma opinião sua sobre o livro publicada na "Tribuna Operária".

Classe — Além de você estava lá também o Antônio Callado que foi lançar "Quarup". Fale um pouco sobre a repercussão da literatura brasileira no exterior.

João Ubaldo — O Brasil ainda não é conhecido. Ainda há idéias anedóticas sobre o Brasil, se pensa que o país é cheio de cobras, que se fala espanhol, que a capital é Buenos Aires. Agora, dentro de determinados limites, que não podem ser exagerados nem vistos com deslumbramento,

a literatura brasileira tem se afirmado Jorge Amado, Ignácio Loyola, Rubem Fonseca, Antônio Callado e outros são conhecidos. Mas nenhum é best-seller, nenhum é ídolo, não tem nenhum estouro nenhum "boom" da literatura brasileira no exterior. Nos meios literários, naquelas áreas onde se estuda português, onde se fazem estudos brasileiros, aí sim, você vai encontrar professores que gostam de ler literatura brasileira como qualquer um de nós, são estudiosos. Você vai encontrar, por exemplo, meninos que falam português, que estão fazendo teses sobre Jorge de Lima, Drummond, Noel Rosa, Graciliano Ramos. Uma pessoa desavisada, ao ver isso, fica com a impressão de que a literatura brasileira está fazendo o maior sucesso. Se você anunciar uma leitura minha, do Callado, do Zé Rubem numa livraria qualquer, e houver 200 lugares, eles serão cheios, cada qual carregando seu livro, mas são 200 pessoas que estão interessadas, não é um grande público.

Classe — Como você vê a literatura brasileira hoje?
João Ubaldo — Rapaz, você sabe que eu não sei? Não faço idéia. Eu não tenho vocação para a vida literária. Eu gosto de conversar com o pessoal do ramo, meus amigos, mas não gosto da vida literária...

Classe — Das igreja literárias?

João Ubaldo — Não é só a igreja literária, são os assuntos literários, as discussões literárias. O que me enerva é o negócio literário, a coisa literária, ficar discutindo o fato literário. Eu não me interesso muito sobre quem fez tal seminário, sobre os "novos avanços da técnica narrativa" etc. Eu não leio essas coisas, acho chato. Eu acho que a literatura brasileira vai como merece, vai como tem que ir. Se o mercado editorial não é bom, outros também não são, quer dizer, se o escritor tem problemas no Brasil, o cineasta também tem, o pintor também tem.

Classe — É o problema de escrever num país que não lê?

João Ubaldo — É. Isto é horrível, difícil, muito difícil. Eu, por exemplo, se não tivesse edições no estrangeiro, e não vivesse aqui na ilha, onde não tenho de pagar aluguel nem outras despesas, se eu tivesse de viver no Rio de Janeiro, eu teria de fazer biscate literário, ia escrever como já escrevi, até bula de remédio, receita de bolo, especial para televisão, tudo. E eu evito isso.

Classe — Já foi feito um filme baseado num livro seu — "Sargento Getúlio". Há algum projeto em relação a "Viva o povo brasileiro"?

João Ubaldo — Havia um projeto. O Avancini e o Pacote da tevê Globo me procuraram para falar da possibilidade de fazer "Viva o povo brasileiro" em seriado, com 20 ou 25 episódios. Meu agente literário, um amigo meu, americano de origem italiano que vive em Paris, o Thomas Colchie, que é também agente literário de vários outros autores brasileiros, pediu uma coisa que na verdade não é nada, mas que para mim seria a independência — 250 mil dólares pelos direitos, o que é uma besteira, porque com isso eu não compro nem um quarto na Vieira Souto. Claro que eu não sou Marlon Brando, mas se Marlon Brando for solicitado para aparecer num filme somente para dar uma banana, ele cobra 2 milhões de dólares. Quer dizer, 250 mil dólares não paga nem uma banana que o Marlon Brando for solicitado para dar. É dinheiro a classe média brasileira, mas na verdade é dinheiro que um jogador carioca perde num cassino em Las Vegas. Eu não escrevo "Viva o povo brasileiro" todo dia, não é



Temos de nos preocupar com nossos concidadãos, incorporando-nos ao melhor da humanidade

uma coisa que eu faça toda hora. Além do mais há quem ganhe isso só por um roteiro ou por qualquer besteira que escreva. Então eu preferi não entregar. Além disso, eu não quero levar a Rede Globo à ruína, à falência, só por causa de um seriado com meu livro...

Classe — Independentemente disso, você acha que seria um grande tema para o cinema?

João Ubaldo — Seria, mas seria difícil reduzir um livro tão extenso para o cinema, numa duração convencional. Eu acho que talvez o esquema do seriado fosse melhor. Cinema é cinema, livro é livro. Você pode, evidentemente espremer algo dum livro e fazer um filme, mas você não vai fazer o livro, mas uma leitura selecionada do livro, excluindo arbitrariamente milhões de coisas, milhões de componentes do livro. Se se fizesse isso com "Viva o povo brasileiro" não seria o livro filmado. Acho que a extensão do livro seria mais abrangida por um seriado. Eu não sei, acho que seria ótimo, o seriado daria uma beleza. Eu acredito até que o Avancini fizesse um negócio porreta.

Classe — Os personagens de "Viva o povo brasileiro" da ilha de Itaparica foram todos elaborados a partir de sua vivência, ou você fez também pesquisas?

João Ubaldo — Nada é absolutamente inventado. Eu não podia construir uma heroína, como Maria da Fé, que voasse feito Mulher Maravilha, ou alguém que viesse da Jamaica. Eu empresto aos personagens ingredientes de verossimilhança. Mas eu nunca andei estudando personagem nenhum. Eu apenas pertencio a essa realidade e aí escrevi sobre ela.

Classe — Mas você foi lá em Canudos para descrever toda aquela luta que a Maria da Fé faz lá?

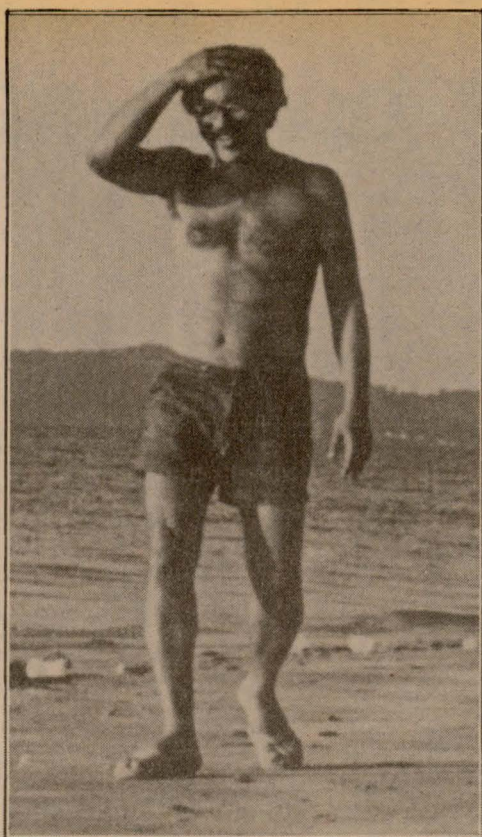
João Ubaldo — Nunca.

Classe — E como você construiu aquelas cenas?

João Ubaldo — Sei lá! Eu já li muito, conheço o sertão. É difícil explicar isso. Depende também do método do sujeito ou da perspectiva do cara que escreve. Eu não faço nada desses negócios, pesquisa, tomar notas, sou incapaz de fazer isso, não tenho temperamento para isso. A única pesquisa que fiz para "Viva o povo brasileiro" foi consultar alguma enciclopédia ou livro de história para saber uma data. É a mesma coisa de uma pessoa que fosse criada no Brás e tivesse talento e vocação de romancista. Ela poderia escrever um romance sobre as figuras do Brás, nenhuma das quais as que realmente conheceu. O "velho Giuseppe" da banca de revistas não é o "velho Giuseppe" concreto que o escritor conheceu. Mas se o escritor dissociasse seus personagens dos elementos que conheceu, ficava um povo que não era o do Brás, ficava um povo louco. Era a mesma coisa se o escritor viesse morar aqui e escrevesse um romance sobre o Brás. Vivenciando o Brás, evidentemente de uma forma que não se pode catalogar, o escritor utiliza os elementos das pessoas daquele lugar. Tem gente que diz assim: "O João Ubaldo botou no romance uma mulata de olhos verdes. É fulana", como se fosse a única mulata de olhos verdes que existisse. Pode até alguém achar que há arquétipos, protótipos no livro, mas eu não sei.

Classe — A partir de que você construiu a cena inicial do livro, do alferes falando às gaivotas?

João Ubaldo — Eu não sei se você se lembra, se na sua época tinha professores de História que contavam sobre nossos heróis e heroínas, as frases célebres e tal. Esse tipo de episódio foi um episódio complexo. No livro eu satirizo a maneira



"Meu objetivo é conhecer, perquirir"

de narrar aqueles episódios heróicos. Ao mesmo tempo que eu uso uma linguagem satírica, eu conto aquilo com compaixão, com uma certa empatia, não só pela maneira de narrar, como pela própria bobagem em si, porque a toda hora eu estou dizendo que o alferes não falou às gaivotas coisa nenhuma. Ele não disse nada, mas isso virou uma lenda. Eu apenas estava mostrando isso, sem querer provar nada. Eu só quis escrever um livro, não quis provar nada, fazer análise. Eu quis dar vazão a um negócio que ecoou na alma de outros brasileiros, mas sem nenhuma intenção didática. É um comentário, uma elaboração, não é uma coisa tão intencional. E naquela cena, evidentemente que eu desmoralizo a idéia de que o alferes falou às gaivotas na própria narrativa. Porque tá na cara que ele não falou. Mas eu mostro como aquilo funciona, funciona até na cabeça da Maria da Fé depois, que seria a reencarnação da alminha do alferes. Já vieram me perguntar, por causa disso, sobre espiritismo. Eu não entendo nada de espiritismo.

Classe — E de onde você tirou aquela história das lágrimas guardadas no frasco?

João Ubaldo — Isso era uma tradição, não me lembro bem onde, mas as mulheres guardavam as suas lágrimas quando os maridos estavam ausentes. Foi uma idéia que eu usei para enfatizar o amor. Eu achei uma bela idéia.

Classe — No episódio da Merinha esperando Budião retornar da Guerra dos Farrapos você quis fazer uma analogia com a lenda de Penélope esperando Ulysses?

João Ubaldo — A analogia é clara. Isto existe em todos os repertórios. Eu não vou sacar aqui exemplos, mas eu tenho certeza de que se você for procurar livros hindus, vai encontrar uma história de uma mulher que espera o marido, se você for procurar lendas dos índios brasileiros, também aí tem uma história de uma mulher que esperou o marido. Então é uma espécie de história arquetípica. E assim é com a história do menino abandonado, do homem que nunca casou porque era apaixonado por uma mulher, ou vice-versa, enfim, são histórias da mesma tragédia humana.

Classe — E essa história, essa tragédia, se traduz também na sociedade moderna?

João Ubaldo — A analogia é clara. Isto tória humana é uma coisa redutível a essenciais. Existe uma coisa que o Faulkner disse sobre isso, sobre os elementos da tragédia humana. A vida é isso, o romance é isso, é tragédia, é abandono, é traição, é mentira, é ilusão, é esperança.

Classe — Por que você decidiu não escrever mais crônica?

João Ubaldo — Eu não gosto de escrever crônica.

Classe — A crônica morreu como gênero?

João Ubaldo — Não faço idéia. Mas eu pessoalmente não gosto de escrever crônica. Não quero minimizar quem é cronista. Estou falando do meu ponto de vista. É uma coisa tão desinteressante, tão chata de fazer, tão previsível. Digo isso porque provavelmente sou um mau cronista. Mas é tão chavão, tão fácil de fazer. É tão fácil e tão difícil. Porque é fácil. Uma coisa paradoxal, mas é verdade. É porque tem umas quatro ou cinco chaves que se usam sempre. Tem um macete, é uma coisa chata, você adquire uma servidão em relação ao leitor. No meu caso, que a maioria das minhas crônicas é na primeira pessoa, eu próprio virei personagem. Aí virei uma coisa que as pessoas queriam saber o que eu era.

Classe — Mas foi publicado recentemente o livro "Sempre aos domingos", que é uma coletânea de crônicas suas, e dão uma mostra da sua contribuição literária na crônica. Você abomina isso?

João Ubaldo — Não é que eu abomine, é que eu acho uma coisa fácil. É como se obrigassem Mozart a tocar "Asa branca". Independentemente do valor cultural de "Asa branca", qualquer menino com algum dom musical, não é que crie "Asa branca", mas repete as três ou quatro notinhas. Eu não quero me comparar a Mozart, nem quero diminuir Luiz Gonzaga. Mas é como se me obrigassem a fazer aquele exercício ou como se obrigassem Rubinstein a fazer escala, sabe como é? É a mesma coisa que um programa de tevê, onde tem bordões. Bordão é aquela frase-padrão que se repete a cada programa e com a qual todo mundo ri — "Mata o velho, mata!". Programa após programa você ouve — "Mata o velho, mata!", aí a pessoa ri. Não sei por que, qual é a raiz disso, se isso provoca alguma situação de felicidade no ouvinte por que prova que a vida é previsível, enfim, que há tipos, há padrões. A crônica é a mesma coisa. Tem que ter bordão na crônica. É uma coisa que você faz com a mão esquerda, olhando para o outro lado, no meu caso. É uma forma de entretenimento que me é desgastante porque eu tenho de me dirigir a um universo ao qual não estou interessado.

Classe — Qual o universo que lhe interessa?

João Ubaldo — Eu penso em conhecer através dum trabalho. Eu penso pelo menos em perquirir, não estar subordinado a um padrãozinho, às expectativas do público leitor e outras escravidões desse tipo, que são ridículas. Com o romance o escritor tem mais possibilidade de conhecimento. Eu aprendi muito fazendo "Viva o povo brasileiro". Na hora que eu ia raciocinando, pondo as coisas no papel, eu ia vendo coisas. É diferente de fazer uma gracinha.

Classe — Estamos aí com nova construção. Formalmente a censura acabou, mas na prática têm havido proibições, ou

restrições, como ao filme do Scorsese. Você acha que a extinção formal da censura facilita o trabalho do escritor e que isso libera a cultura brasileira?

João Ubaldo — É difícil de responder. Eu acho que a censura nunca teve a menor influência sobre a criação literária. Teve na divulgação, na fortuna literária, crítica, pessoal de autores, oprimiu muita gente, matou muita gente, acabou com muita coisa. Mas Glauber dizia uma frase que é verdadeira, que você pode aplicar a qualquer canalha que seja um artista de talento, que "o artista é incorruptível". O sujeito pode ser o pior bandido, tomar dinheiro emprestado dos amigos dizendo que é para dar comida à mulher e jogar o dinheiro fora no pôquer, pode ser um patife absoluto. Mas se ele é um artista de valor, na hora que ele senta para fazer o negócio dele, não adianta que ele é incorruptível. Existe uma coisa nele, sei lá o que é, eu não quero ser metafísico, mas também não quero ser psicanalista. Mas existem coisas que, não adianta, o sujeito não faz quando ele tem valor artístico. Ele é incorruptível na hora que está fazendo o trabalho dele. Veja o caso de Bach, que vivia pedindo cargos aos Brandemburgo. No entanto a arte de Bach é incorruptível. Balzac foi outro exemplo típico. Metido a aristocrata e não sei o que mais e fez aquele negócio. Ele talvez até tivesse querido corromper a arte dele, quer dizer, agradecer, mas não adiantou porque ele não fez isso. Acho que a censura impede a divulgação, mas não a criação.

Classe — Que problemas o preocupam mais como escritor e cidadão?

João Ubaldo — Eu desconfio um pouco da momentaneidade, da empolgação com os problemas imediatos. Não é que seja alienação, mas eu estou ligado aos problemas mais fundos do espírito humano, acho eu, posso até estar me lixando, mas eu fico pensando em outras coisas. Penso mais nos problemas de maior permanência, enfim, é a minha maldição, ou minha bênção, ou minha sina.

Classe — Mas você construiu personagens que são arquétipos da luta popular.

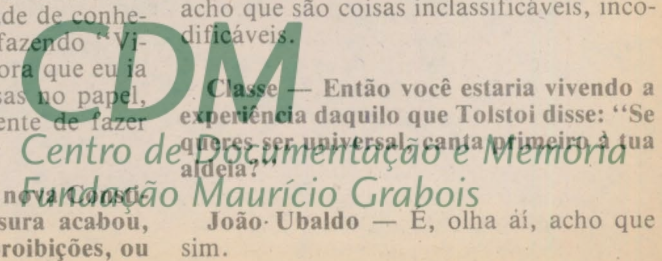
João Ubaldo — Sim, mas eu não sou uma solução. Meu compadre, não procure respostas, procure perguntas. Eu não estou querendo dar uma de Sócrates ("Só sei que nada sei"), mas honestamente eu não sei. A única coisa que eu faço é ficar escrevendo esses negócios. Eu sei que é uma coisa que provoca as pessoas, tudo bem. As pessoas pensam que eu sei alguma coisa. Eu posso até saber, mas não no nível de saber a solução dos problemas.

Classe — Mas personagens como Patriício Macário e Maria da Fé não surgem à toa. E esses "negócios" que você escreve são uma elaboração e se incorporam a um rico patrimônio literário, de Machado a Guimarães Rosa...

João Ubaldo — Se você dissesse isso numa escola de letras sairia debaixo de porrada... Sim, eu elaborei, eu também imagino que os personagens não surgem à toa. Eu escrevi isso ali, naquele sobradinho, a partir da minha vivência. Mas eu acho que são coisas inclassificáveis, incoficáveis.

Classe — Então você estaria vivendo a experiência daquilo que Tolstói disse: "Se quiser ser universal, cante primeiro a tua aldeia?"

João Ubaldo — E, olha aí, acho que sim.



Fetaeg: vitória da unidade

Sílvio Costa*

A nova diretoria da Federação dos Trabalhadores Rurais de Goiás (Fetaeg) será empossada no dia 14 de fevereiro. A chapa 1, organizada pela Corrente Classista e encabeçada pelo sindicalista Divino Goulart, venceu as eleições realizadas em congresso da categoria nos dias 17 e 18 de dezembro, derrotando a chapa 2, da CUT, por 133 a 129 votos.

A representatividade do congresso eleitoral — uma inovação democrática do método de escolha da direção, introduzida nas eleições de 1985 — foi inquestionável. Participaram cerca de 300 delegados, representando 96 sindicatos rurais, numa demonstração do elevado grau de maturidade e mobilização alcançado pelos trabalhadores rurais do Estado, que têm enfrentado as pressões e a violência dos latifundiários.

Outros destaques do congresso foram seu caráter eminentemente sindical, sua politização e a democracia existente em todo o processo de preparação, como foi reconhecido inclusive por membros da chapa oposicionista, pelo presidente da CUT goiana, Osmar de Lima Magalhães, e pelo vice-presidente da CUT nacional, Avelino Ganzer. O evento, conforme Ganzer, foi uma comprovação da “democracia existente no movimento dos trabalhadores rurais de Goiás, que soube superar na prática o atrelamento imposto ao movimento sindical pelo governo e pelos patrões”.

Disputa acirrada

A disputa pela diretoria da Fetaeg revelou-se muito acirrada, envolvendo cada um dos delegados. Foi, em grande medida, uma batalha de bastidores, através de contatos pessoais. Eliezer Alves Bento, presidente do STR de Anicuns e segundo suplente da diretoria eleita afirma que “os companheiros da outra chapa não têm o que criticar nem como apontar erros da chapa 1, que é formada por lideranças conhecidas e respeitadas pelos trabalhadores rurais, sindicalistas que não possuem o rabo preso. Ao contrário, a chapa cutista apresentou, por exemplo, um presidente de sindicato que foi com a polícia tirar posseiros de suas terras”.

“Além do mais”, acrescenta, “a CUT se aliou e recebeu apoio e votos de pelegos e conhecidos traidores dos trabalhadores, como é o caso de ex-diretores hoje acusados de estarem ligados à UDR.” Com efeito, a aliança da chapa 2

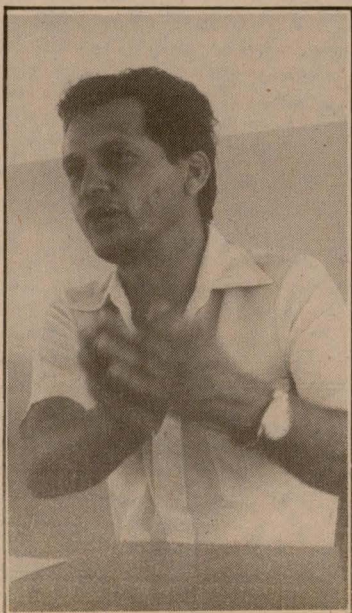


A nova diretoria toma posse em fevereiro. Nela estão representados dezenas de sindicatos rurais

com pelegos que não conseguiram articular uma chapa própria ficou bastante evidenciada pelos votos que recebeu. Um exemplo é o apoio concedido à CUT pelo presidente do STR de Piracanjuba, José Alves Neto, que inclusive participou da reunião de fundação da UDR em seu município, fato amplamente testemunhado.

Corrupção

Foram várias, ainda, as denúncias de tentativa de corrupção dos delegados ao congresso pela CUT. No processo de preparação e durante a realização do encontro, foi revelado que membros da chapa cutista tinham percorrido os municípios oferecendo dinheiro aos delegados para “custear despesas com viagens e pagar o hotel da escolha destes”, de acordo com os relatos dos pre-



Divino Goulart foi reeleito presidente

sidentes dos STR de Aruana e Aurilândia, tendo dito o segundo que dois delegados do seu sindicato aceitaram dinheiro para votar na chapa 2.

De qualquer forma, o processo eleitoral na Fetaeg, ao mesmo tempo que traz novas informações sobre as práticas antisindicalistas da CUT, mostra uma certa mudança na tática desta articulação intersindical. Os sindicalistas aglutinados no “movimento de oposição sindical” estão começando a admitir o trabalho junto com a diretoria eleita. No encerramento do congresso, após a divulgação dos resultados, essa posição foi expressa pelo candidato a presidente da chapa derrotada, Néelson de Assis Telles, que elogiou a democracia do processo eleitoral, a diretoria da Fetaeg e afirmou que, a partir daquele momento, “estaremos juntos na luta, mas iremos criticar sempre que necessário”.

O presidente do STR de Trindade e tesoureiro da diretoria eleita, Guilherme Pedro Neto, atribuiu a vitória da chapa 1 ao fato dela ter sido formada “de forma democrática, a partir do critério de representatividade sindical, com a participação de dezenas de STRs e de trabalhadores que decidiram entrar na luta sem nenhum conchavo nem tentativa de corrupção. A história de luta de cada um dos novos componentes da diretoria e a combatividade foram o melhor instrumento contra as calúnias, o dinheiro e o anticomunismo da chapa cutista”.

O presidente eleito da Fetaeg, Divino Goulart (que também é o atual presidente da entidade) criticou a “cam-

panha acentuadamente anticomunista da chapa 2”, assim como o apoio recebido pela CUT “de dois dos atuais diretores que foram repudiados e muito combatidos por nós por terem sido cooptados pela UDR, que através deles tentou se infiltrar na federação dos trabalhadores”.

Divino Goulart interpretou o acirramento da disputa como consequência “do próprio avanço do movimento sindical, de sua crescente politização, da luta de idéias existentes. Nós, ao formarmos a chapa 1, levamos todos esses fatores em consideração e formamos uma chapa à altura das lutas colocadas para os trabalhadores e o movimento sindical. Sabíamos também que a diferença de votos entre as chapas não seria muito grande, como de fato não foi”.

Falando das lutas que deverão ser desenvolvidas pela Fetaeg no ano que se inicia, o sindicalista Nicanor Machado, eleito para a vice-presidência

da entidade, diz que ao lado de procurar as soluções para os problemas específicos dos trabalhadores rurais e as graves dificuldades existentes no movimento sindical é preciso um empenho muito grande nas eleições presidenciais deste ano. “Após quase 30 anos”, assegura, “o povo brasileiro vai poder votar para presidente e é uma obrigação de cada trabalhador e cada dirigente sindical saber votar no candidato que seja realmente comprometido com a luta e os interesses dos trabalhadores. Nós, da Fetaeg, vamos trabalhar firmemente para a articulação de uma frente popular, com um programa progressista que ajude na conquista de dias melhores para o povo e ponha fim ao verdadeiro roubo de nossas riquezas pelas grandes potências.”

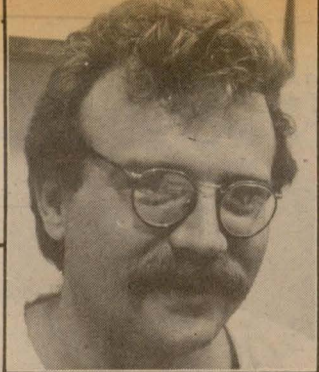
* coordenador da Corrente Classista e vice-presidente da Fitee

Medeiros derrotado

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e líder do chamado sindicalismo de resultados, Luiz Antonio Medeiros, acaba de sofrer uma humilhante derrota numa das principais empresas metalúrgicas da capital paulista. A Mafersa realizou dia 9 eleições para renovar sua comissão de fábrica, até aquela data coordenada por um afilhado de Medeiros. Este, porém, obteve um magro resultado. O novo presidente eleito da comissão, embora houvesse lançado vários outros candida-

tos. A Corrente Classista, por outro lado, apoiou sete operários que foram eleitos.

A disputa foi acirrada e compreendeu a exposição não só do programa de trabalho como ainda da conduta dos candidatos e das forças sindicais e políticas envolvidas. Não há a menor dúvida de que a derrota de Luiz Antonio Medeiros reflete a repulsa dos trabalhadores com a atuação do senhor na encenação da comédia intitulada “pacto social” e à sua subserviência em relação ao governo e à Fiesp.



Altamiro Borges *

O 1º Congresso da Corrente Classista

Nos dias 24, 25 e 26 de fevereiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, ocorrerá o I Congresso Nacional da Corrente Classista. O evento tem importância decisiva para os setores sindicais realmente comprometidos com a luta dos trabalhadores por sua emancipação. Será o fórum máximo de definição dos rumos desta jovem articulação, nascida em abril passado em contraposição ao peleguismo que tomou de assalto a CGT.

O Congresso acontecerá num momento político de polarização da sociedade, que tem como pano de fundo a sucessão presidencial. O governo Sarney, derrotado nas eleições municipais de novembro, endurece ainda mais no trato das lutas sociais, como demonstra o massacre de Volta Redonda, e prepara novas medidas de "impacto" contra os assalariados. Entre seus alvos estão a URP e o emprego de milhares de servidores públicos. Cogita-se, numa primeira tacada, mais de 50 mil demissões.

Neste quadro de polarização não há espaço para meio-termo. Que o digam os latifundiários, representados pela UDR, que intensificaram a matança de lideranças rurais. A proposta do "pacto social", que visava iludir os trabalhadores e amortecer suas lutas, não se viabilizou. De nada valeram os discursos demagógicos do patronato e a postura apelegada do chamado "sindicalismo de resultados".

QUADRO DAS LUTAS

Do lado dos trabalhadores, o anseio por mudanças é visível. A revolta popular contra o atual estado de coisas se expressou, de maneira bastante contundente, nas recentes eleições municipais. Há também disposição de enfrentar de forma ativa a crise que penaliza os assalariados. Cerca de 5 milhões de trabalhadores se utilizaram da arma da greve em 1988, apesar de todo o clima adverso existente.

Entretanto, esse movimento por transformações profundas no país esbarra em dificuldades. As forças interessadas em mudanças progressistas ainda não conseguiram construir uma alternativa mais avançada na sociedade, capaz de derrotar os setores conservadores e encarar de frente os problemas de fundo da nação.

No caso do movimento sindical, ele não conseguiu canalizar a revolta dos trabalhadores e nem dar-lhe uma forma mais organizada e coesa. A maioria das greves de 88 ocorreu no setor público e, mesmo aí, faltou maior unidade para se obter vitórias na batalha contra o arrocho. Já no setor privado, as paralisações foram dispersas, por questões específicas. Diante da ofensiva reacionária do governo e do patronato, o sindicalismo não foi capaz de dar uma resposta unitária a altura.

DAR UM SALTO

O I Congresso Nacional da Corrente Classista deverá analisar em profundidade o atual quadro de polarização da sociedade e o estágio da mobilização dos trabalhadores. Sua preocupação central será a de encontrar os mecanismos para que o sindicalismo classista interfira com maior forma no cenário político brasileiro, ajudando a impulsionar a luta por transformações progressistas no país. É nessa perspectiva que deverão ser definidos os rumos da Corrente Sindical Classista, sua organização e seu plano de ação.

Para que o Congresso seja vitorioso e expresse a justiça das propostas e a força da Corrente Classista, é indispensável aproveitar todos os próximos dias na sua preparação. Esse é o momento para divulgar amplamente as idéias desta articulação, conseguindo a adesão de novos sindicatos e enraizando-a nas bases.

* jornalista, diretor do Centro de Estudos Sindicais

A batalha na CST

Clóves Geraldo *

Durante 23 dias, os 2.500 metalúrgicos da Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) estiveram em greve. Neste período chegaram a paralisar quase totalmente as atividades do alto-forno e da aciaria. No dia 6, após muitas pressões do governo Sarney, da direção da CST e da presença maciça da Polícia Militar nos portões da empresa, o movimento acabou.

A direção do sindicato dos metalúrgicos optou, junto com os operários, pela suspensão da greve num momento em que ela começava a se esvaziar. No decorrer dos últimos dias, o presidente da CST, José Moraes — ex-governador do Estado —, enviou cerca de mil telegramas a diversos funcionários exigindo a presença de todos no serviço, sob pena de demissão. Deu-se inclusive casos de metalúrgicos que, penalizados pela falta de dinheiro e possuindo depósitos numa agência bancária dentro da companhia, foram forçados a permanecer no interior da CST.

Repressão

Além disto, a polícia começou a se fazer presente em todos os piquetes armados nos bairros da Serra, para facilitar a ação dos fura-greves. No dia 5, logo pela madrugada, começaram os conflitos entre a PM e os grevistas. Os piquetes tentavam convencer os trabalhadores a descerem dos ônibus e fortalecerem o movimento contra a direção da CST, mas os motoristas, sob pressão da polícia, aceleravam os veículos. Diversos metalúrgicos quase acabaram atropelados e muitos pneus de ônibus foram furados.

O confronto se generalizou naqueles pontos de embarque dos funcionários temerosos de perder o emprego e nos portões da empresa. A Polícia Militar começou a dispersar os piquetes com golpes de casquetes. O operário Licínio Lodi Lopes teve o dedo quebrado, um metalúrgico foi preso e os piqueteiros responderam à agressão atirando pedras nos para-brisas dos ônibus e deixando pelo menos 34 deles com os vidros quebrados. Quatro operários foram internados e 16 outros saíram feridos.

Muitas vezes a presença de parlamentares do PT e PCdoB (deputado João Martins e o vereador de Vitória, Namy Chequer) contribuiu para evitar uma radicalização ainda maior dos conflitos. Mas a fúria da Polícia Militar acabou sobrando para todos. O deputado estadual do PT João Car-



Como de costume, a PM reprimiu os grevistas com brutalidade

los Coser foi agredido por um policial. E João Martins, do PCdoB, conseguiu impedir que o dirigente metalúrgico Raimundo Kappel terminasse apanhando muito da PM. Para evitar a entrada de ônibus com fura-greves na empresa, Kappel tentou atirar-se na frente dos veículos, sendo impedido aos empurrões por policiais.

Uma cena comoveu o público do noticiário de televisão na manhã do dia 5. Um operário, diante do impasse das negociações, culpou o presidente da CST, José Moraes, pela greve e contou que sentia falta do serviço, pois considerava a empresa como se fosse sua. Querria voltar ao trabalho, mas não o fazia devido à insensibilidade da direção da Companhia. As lágrimas correram-lhe pela face quando narrou que estivera no interior da CST tentando manter o alto-forno funcionando (por solicitação do sindicato) durante o Natal, que conseqüentemente não pôde passar com a família.

Moraes apedrejado

Os ânimos estavam exaltados e os grevistas sentiam que a empresa jogava tudo contra a greve, veiculando inclusive publicidade mentirosa nos jornais, dando conta de que o alto-forno e a aciaria tinham voltado a funcionar. Foi neste clima que o presidente da CST, José Moraes, tentou entrar incólume, dia 5, pelos portões da companhia. A polícia expulsava os piqueteiros e esses terminaram apedrejando o carro de Moraes. Naquele dia, 12 operários foram internados no ambulatório da empresa e Luiz Carlos Valadares, do Departamento Pessoal, sofreu um traumatismo no ombro direito.

A outra informação foi marcante nos últimos dias de greve. A empresa informava que a aciaria voltara a funcionar e o alto-forno corria risco.

O sindicato desmentiu as informações, mas, para encenar, a CST cuidou também de ligar os equipamentos e trazer os fura-greves para romper o movimento que se sustentava com amplo apoio da população.

Ouvido mouco

O arcebispo de Vitória, Luiz Scardian, procurou mediar a negociação entre operários e representantes do governo. Ele esteve com o ministro interino do Trabalho e com Ronaldo Costa Couto, chefe da Casa Civil, pedindo que o governo abrisse negociações com os grevistas. Nada foi feito. Tarcício Vargas, presidente do sindicato dos metalúrgicos, também esteve duas vezes em Brasília, mas o governo Sarney fechou as portas, numa conduta arrogante e intransigente, exigindo o retorno ao trabalho.

Os ministros da área econômica foram irredutíveis. Não queriam atender às reivindicações de reposição de 26,6% dos salários, referentes às perdas decorrentes do Plano Bresser. O ministro da Indústria e Comércio, Cardoso Alves, por seu turno, ocupou cadeia nacional de rádio e televisão, em horário nobre, para fazer ameaças (de demissões) e reclamar a volta dos operários ao trabalho.

A greve foi deflagrada devido à suspensão de uma decisão do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) do Rio de Janeiro, que concedia reajuste de 153% à categoria. O Tribunal Superior do Trabalho (TST), atendendo um recurso da empresa, retirou o benefício dos metalúrgicos, por meio de uma liminar. O movimento durou 23 dias e só foi encerrado depois que a direção da CST concordou em pagar os dias parados, não admitir ninguém, nem recorrer a qualquer

* correspondente da "Classe" em Vitória-ES

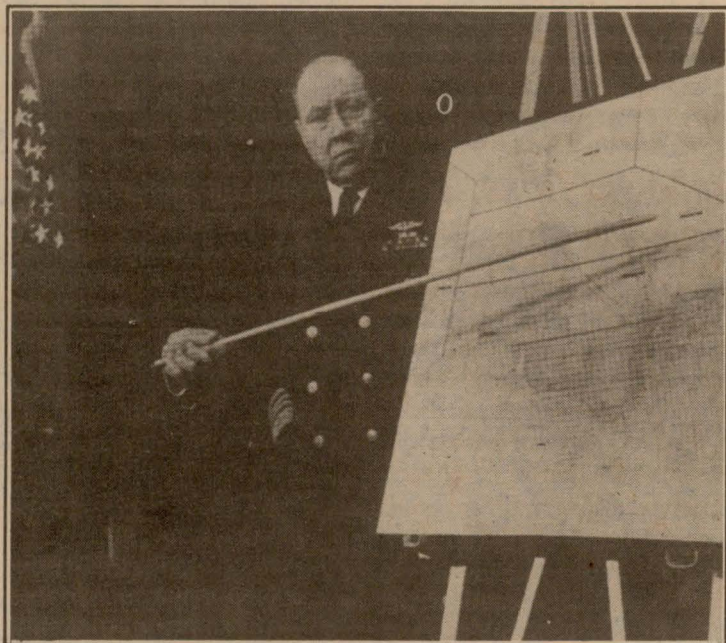
Banditismo belicista dos EUA contra a Líbia

Nova e perigosa provocação dos Estados Unidos contra os povos árabes. No dia 4, em pleno Mediterrâneo, aviões F-14 norte-americanos derrubaram dois aviões da Força Aérea da Líbia. Segundo o governo líbio, os aviões realizavam vôos de reconhecimento e estavam desarmados. Já o governo Reagan, petulantemente, disse que os atacou porque voavam "em atitude hostil"! "Foi um ato de terrorismo", denunciou o governo líbio, solicitando uma reunião de emergência do Conselho de Segurança da ONU.

Antes do ato criminoso, Ronald Reagan havia dito, em entrevista coletiva dia 21 de dezembro, que estudava a possibilidade de destruir uma fábrica em construção no território líbio. Segundo Reagan, a fábrica iria produzir armas químicas. A Líbia negou e se colocou à disposição de uma inspetoria da ONU para verificar que se tratava de uma fábrica de medicamentos. Os governos da Itália e da Inglaterra (fiéis aliados europeus dos EUA) receberam fotos, enviadas por Reagan, da tal fábrica. E não confirmaram a versão de que seria uma indústria de guerra: "As fotos não são conclusivas", comunicou oficialmente o governo inglês.

Tensão no Mediterrâneo

De qualquer forma, os EUA deslocaram para o mar Mediterrâneo a sua VI



Representante dos EUA tenta justificar a ação criminosa

Frota, com intenções marcadamente guerreiras. Contudo Reagan não conseguiu apoio diplomático para uma ação ainda mais agressiva. Mesmo governos ligados aos interesses norte-americanos no Oriente Médio, como os do Egito, Arábia Saudita, Emirados Árabes e Kuwait, protestaram contra a derrubada dos aviões líbios. E Israel — o fiel aliado ianque na região — limitou-se a dizer que os EUA "deviam ter seus motivos" para derrubar os aviões...

A importância militar do Mediterrâneo nos conflitos interimperialistas é patente. Suas águas banham o Marrocos, Argélia, Tunísia, Lí-

bia, Egito, Israel, Líbano, Síria, Turquia, Grécia, Itália, França, Espanha... Por ali são escoados rios e rios de petróleo. E, como se sabe, pelo petróleo do Oriente Médio e pelas posições estratégico-militares da região se batem, com ferocidade, as potências imperialistas. As linhas de comunicação terrestres, navais e aéreas desta região constam dos planos imperialistas de exploração de amplos territórios da Ásia e África. Por isso, é todo o Globo, e não somente o Oriente Médio, que se vê ameaçado a cada ação militar nessa área — um dos alvos constantes das ações belicistas de Reagan durante seus dois mandatos na Casa Branca.

Unidade contra Pinochet

No marco de seu 9º aniversário, o Partido Comunista Chileno (Ação Proletária) - PC(AP) - realizou uma importante reunião plenária de seu Comitê Central. Na reunião, o CC aprovou resoluções determinando:

"1 — Reativar a luta ideológica contra todas as manifestações pequeno-burguesas e em defesa do pensamento comunista.

"2 — Criação de Comissões Auxiliares a nível nacional do CC no campo sindical, da juventude, da mulher, da cultura e no do controle da segurança.

"3 — Assumir com suas próprias bandeiras comunis-

tas e no calor das demandas operárias e populares a campanha pelo triunfo de um candidato único das oposições para presidente da República e por candidatos unitários ao parlamento.

"4 — Fazer alianças com todos os que sejam possíveis, visando à luta democrática e pelo socialismo.

"5 — Acentuar a luta ideológica contra o oportunismo e o revisionismo de maneira a liberar o pensamento operário e revolucionário de ilusões pequeno-burguesas. Em especial se continuará pondo o acento no desmascaramento da reacionária 'perestroika' do

arauto do capital explorador, M. Gorbachev.

"Dar novos impulsos à luta antiimperialista, contra o imperialismo ianque, inimigo principal do nosso povo, assim como contra os imperialistas europeus ocidentais e o Japão e também contra o social-imperialismo soviético que trata de obter sua própria taxa na exploração capitalista do povo chileno e de nossas riquezas."

A reunião do órgão dirigente do PC(AP) também prestou homenagem ao dirigente do Partido do Trabalho da Albânia, Enver Hoxha, na passagem de seu 80º aniversário.

10 anos do PC da Dinamarca

O presidente do PCdoB, João Amazonas, enviou ao Comitê Central do Partido Comunista da Dinamarca (M-L) e ao principal dirigente do partido, Klaus Riis, mensagem pelo 10º aniversário dessa organização revolucionária. No recente 7º Congresso do PCdoB, o partido dinamarquês se fez presente através de uma delegação. A íntegra da mensagem do PCdoB:

"Queridos camaradas

É com grande alegria que transmitimos nossas calorosas felicitações aos camaradas do Partido Comunista da Dinamarca, DKP/ml, pela passagem do 10º aniversário de sua fundação.

Nesta primeira década de sua existência, o DKP/ml tem revelado grande firmeza na defesa dos interesses fundamentais do proletariado e do povo dinamarquês. Baseado nos princípios imortais do marxismo-leninismo, demonstra lucidez e correta compreensão da situação do país e do mundo, apontando o justo caminho

da libertação nacional e social dos trabalhadores e das massas exploradas e oprimidas.

O DKP/ml é parte integrante do movimento comunista mundial que luta contra o revisionismo contemporâneo, contra os traidores da causa do proletariado revolucionário, em defesa do socialismo científico de Márx, Engels, Lênin e Stálin.

O Partido Comunista do Brasil, PCdoB, orgulha-se de ter como companheiro de ideal e de luta os comunistas da Dinamarca que se congregam sob a bandeira vermelha do DKP/ml. Desejamos ao partido irmão êxitos sempre maiores em sua atuação política no cumprimento das decisões do seu 4º Congresso.

Viva o 10º aniversário do DKP/ml!

Viva a amizade internacionalista do PCdoB e do DKP/ml!

Viva o socialismo proletário!

Viva o marxismo-leninismo!"

Albânia saúda os palestinos

O ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular Socialista da Albânia, Reis Malile, saudou a criação do Estado Independente Palestino. Malile salientou que a decisão tomada pelo Conselho Nacional Palestino na reunião de Argel representa um acontecimento de grande importância para o povo palestino. "Este ato histórico corresponde às aspirações e direitos do corajoso povo palestino para ter a sua própria

pátria e contribui para a solução dos conflitos no Oriente Médio, bem como para o reforço da segurança e da paz nesta região", afirmou o ministro albanês. Segundo o jornal "Zeri I Popullit", órgão oficial do Partido do Trabalho da Albânia, "o povo albanês sempre apoiou a luta do povo palestino pela liberdade e a autodeterminação, contra a agressão sionista-imperialista, e os seus legítimos direitos de ter o seu Estado independente".

Mensagem para os Humanistas

O PCdoB enviou mensagem ao Congresso Internacional da Corrente Humanista, recentemente realizado em Firenze, na Itália. Eis a mensagem:

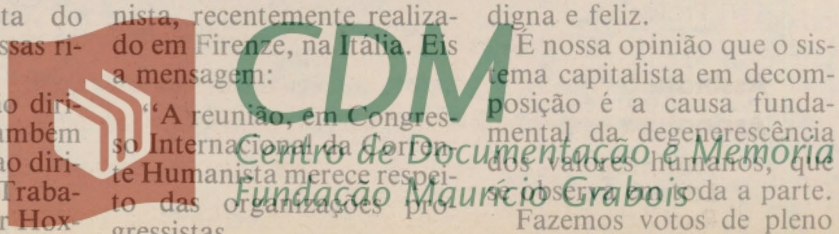
"A reunião, em Congresso Internacional da Corrente Humanista merece respeito das organizações progressistas.

todos aqueles que combatem em prol dos direitos da Humanidade a uma vida digna e feliz.

É nossa opinião que o sistema capitalista em decomposição é a causa fundamental da degenerescência dos valores humanos, que se observa em toda a parte.

Fazemos votos de pleno êxito do Congresso de Firenze."

Juntamos nossa voz a de



Tremor político na Iugoslávia

A Iugoslávia começou o ano de 1989 assolada por uma das mais graves crises de sua história. Naquele país balcânico a crise é um fenômeno já costumeiro tal e qual nos países capitalistas ocidentais. Mas agora surgiu um ingrediente novo que aponta para uma maior instabilidade política e o aumento das dificuldades da população.

É que na véspera do ano novo, num lance inédito em países tidos como "socialistas", o governo chefiado pelo primeiro-ministro Branco Mikulic, renunciou coletivamente, premido por uma circunstância bastante elucidativa do grau de decomposição política a que são levados os países que renunciaram ao marxismo-leninismo e adotaram a via revisionista e o sistema de governo modelado nas "democracias" burguesas. Simplesmente o parlamento recusou a aprovação de um plano de reformas econômicas e financeiras visando tirar o país de uma inflação recorde — 250% no ano.

Falência econômica

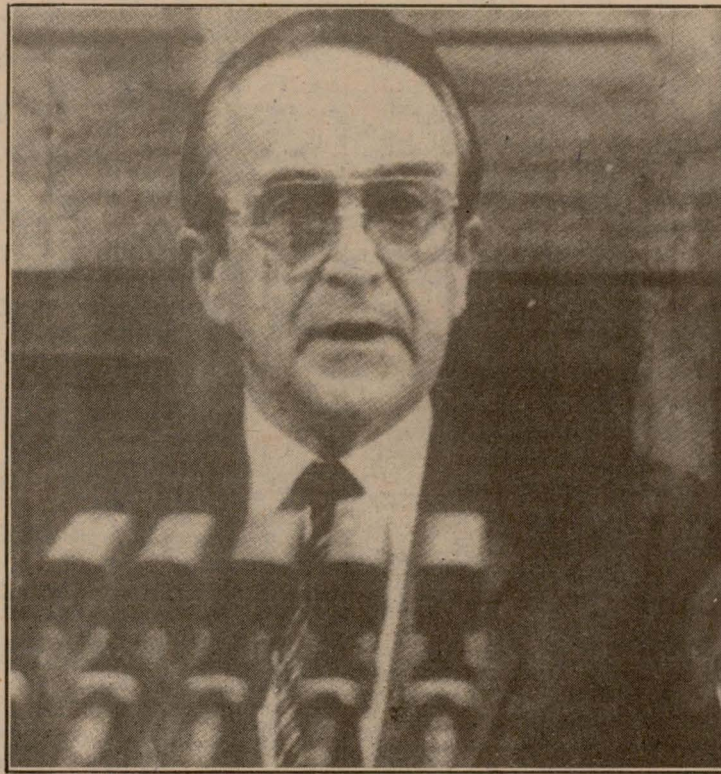
Desde que assumiu o governo em 1986, o premiê iugoslavo vem colecionando uma série de derrotas políticas e con-

vivendo com uma situação social que em muitos momentos se aproximou da convulsão. Em 1987 ocorreram mais de 1.500 greves no país, número que beirou a casa dos 1.800 em 1988. E durante os três anos de sua gestão Mikulic não conseguiu implantar as medidas que, no seu entendimento, tirariam o país da crise.

Corrupção e nacionalismo

Na verdade o plano de Mikulic enquadrava-se no receituário nada ortodoxo para países que se pretendem socialistas e que levam a marca da orientação do Fundo Monetário Internacional para rolar o pagamento de dívidas junto aos bancos credores estrangeiros: descongelamento dos preços, contenção salarial com limites fixados por decreto e redução dos gastos públicos. A gestão de Mikulic, sobretudo no último ano, evidenciou as chagas do sistema capitalista iugoslavo. Enquanto os salários foram reajustados em 139%, a inflação atingia 250%. O índice de desemprego chegou a 23% da força de trabalho e a dívida externa é da ordem de 21 bilhões de dólares.

O governo iugoslavo



Rajka Mikulic: a renúncia em 30 de dezembro, após uma gestão fracassada

desgastou-se também em razão de outro fenômeno típico da sociedade capitalista-revisionista em decomposição: escândalos de corrupção, envolvendo diretamente a pessoa do primeiro-ministro. Mikulic é

acusado de participação no escândalo da emissão de títulos falsos em montantes calculados em bilhões de dólares e, juntamente com sua mulher, Rajka Mikulic e altos mandatários da burocracia, da utilização de dinheiro público para a construção de casas de veraneio no litoral da Bósnia, terra do primeiro-ministro.

A queda do gabinete do primeiro-ministro iugoslavo Branco Mikulic é a resultante lógica também de outro fenômeno, de enorme proporções, que tem abalado a vida do país ao longo dos anos e atingiu alturas elevadas durante 1988: a luta nacionalista entre as seis Repúblicas da Federação iugoslava e particularmente a insaciável sede dos chauvinistas sérvios de monopolizarem o poder na Federação.

Sob a liderança de Slobodan Milosevic, durante o ano de 1988 ocorreram manifestações de rua em Belgrado (capital da Sérvia e da Federação iugoslava) reivindicando a reforma da Constituição em favor do aumento dos privilégios da Sérvia na República Federativa Iugoslava. Os chauvinistas sérvios não se conformam particularmente com o fato de Kosovo e Voivodina, nacionalidades bastante características e nitidamente diferenciadas das demais que compõem o mosaico iugoslavo, tenham conquistado, em 1974, o status de regiões autônomas dentro do território da Sérvia.

Ora, trata-se de um contrassenso e mais um absurdo dos nacionalistas sérvios. Porque, na verdade, bem pesadas as coisas, Kosovo e Voivodina merecem o status também de República e não apenas de região autônoma, como ocorre com as demais nacionalidades da República

iugoslava: Sérvia, Croácia, Montenegro, Macedônia, Eslovênia e Bósnia-Herzegovina.

A ofensiva sérvia contra a autonomia de Kosovo e Voivodina, e particularmente de Kosovo (nacionalidade albanesa) tem constituído um gritante exemplo de nacionalismo burguês, de falta de sensibilidade política, de ódio racial e nacional e até de obscurantismo cultural. Tudo baseado num discurso histriônico, em apelos à repressão ao povo de Kosovo e provocações descaídas à vizinha Albânia, violando normas de convivência democrática entre países soberanos e acrescentando ingredientes de instabilidade política na região dos Balcãs.

Durante a gestão de Mikulic o nacionalismo na Federação iugoslava manifestou-se com força também na luta da Eslovênia e da Croácia (Repúblicas mais ricas) por uma maior fatia no poder central. Os governos e as representações dessas duas repúblicas no parlamento federal sempre se opuseram à política econômica recessiva de Mikulic que atinge em cheio seu ritmo de desenvolvimento. Este fator sem dúvida pesou na queda do gabinete.

Degeneração acelerada

A luta entre as diversas facções da Liga "Comunista" da Iugoslávia e dos círculos que monopolizam o poder em cada República promete agora se intensificar para a formação do novo governo. Vão constituir um complicador a mais da vida política do país, que degenera progressiva e aceleradamente. Desde a morte de Josip Broz Tito, em maio de 1980, os iugoslavos não têm uma liderança capaz de acomodar a situação. Mesmo a Presidência da República passou a ser ocupada rotativamente, com sucessão anual, entre os caciques das diversas Repúblicas.

A queda do governo iugoslavo é apenas um sintoma, entre muitos, da gravidade da situação política, social, econômica e moral desse país balcânico e só pode ser entendida em sua dimensão histórica. Suas causas mais profundas radicam na ruptura, comandada por Tito, com o marxismo-leninismo e no abandono, nos idos de 1947-48, da via socialista. Desde então, optando por um socialismo "nacional", demarcando-se em relação à histórica experiência de construção do socialismo na URSS de Lênin e Stálin, reciclando-se em direção a um reforço de alianças com o imperialismo anglo-americano e criando um modelo alcunhado como de "autogestão", a Federação iugoslava, gestando na Iugoslávia a grave crise que hoje corrói sua vida social e abala suas instituições.



Manifestação de kosovares em Prishtina, na Iugoslávia: por direitos iguais

Assine já o seu jornal "A Classe Operária"
UM JORNAL PELO SOCIALISMO

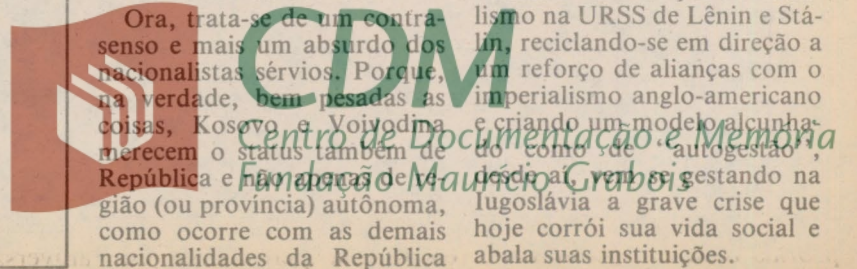
Nome
Endereço
CEP Cidade Estado
Profissão

"A Classe Operária" custa muito pouco:

Assinatura trimestral: Cz\$ 2.400,00 Trimestral de apoio: Cz\$ 4.800,00

Assinatura semestral: Cz\$ 4.500,00; Semestral de apoio: Cz\$ 9.000,00

Preencha hoje mesmo este talão e envie cheque nominal à
Editora Anita Garibaldi Ltda.
Rua Adoniran Barbosa, 53 Bela Vista — Cep 01318 S. Paulo



No Araguaia, há 15 anos Grabois foi assassinado

O dia 25 de dezembro, quando todas as famílias se conglomeraem na comemoração do Natal, lembra também aos patriotas, aos revolucionários e aos comunistas um dentre muitos abomináveis crimes cometidos pelas Forças Armadas brasileiras durante o período da ditadura militar. Nesse dia, há 15 anos, tropas do Exército investiram contra o acampamento da Comissão Militar das Forças Guerrilheiras do Araguaia, assassinando 15 combatentes que se encontravam no local. Entre eles, a figura digna, impávida e sobranceira de Maurício Grabois.

Maurício Grabois ingressou nas fileiras do Partido Comunista do Brasil em 1932. Em 1934 participou das jornadas antifascistas e, em 1935, já como membro da Direção Nacional do Partido, jogou papel de destaque na organização da Aliança Nacional Libertadora, movimento revolucionário, democrático, antifascista e antiimperialista.

Foi preso em 1941, quando o país vivia a noite sombria do terrorismo oficial implantado pelo Estado Novo. Logo após sair da prisão, em 1942, integrou o Secretariado Nacional Provisório do Partido que rearticulou as fileiras comunis-

tas a nível nacional e organizou a Conferência da Mantiqueira em 1943. Nessa Conferência foi eleito membro do Comitê Central, da Comissão Executiva e do Secretariado do Comitê Central.

Em dezembro de 1945, com a redemocratização do país, foi eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro. Desde então, até janeiro de 1948, quando o governo reacionário do general Dutra cassou os mandatos comunistas, Grabois liderou a bancada do Partido Comunista do Brasil.

Quando o Partido foi assolado pelo surto revisionista, iniciado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956, e os renegados prestistas iniciaram um processo liquidacionista tendente a transformar o partido do proletariado numa organização socialdemocrata oportunista e amorfa, Grabois foi um dos primeiros, ao lado do camarada Amazonas, a levantar sua voz enérgica em defesa do marxismo-leninismo e do caráter revolucionário do Partido.

No período de preparação do V Congresso, quando se intensificou a ofensiva revisionista, Grabois publicou na imprensa partidária um grande número de arti-

gos criticando energicamente a linha reformista que Prestes e seus seguidores queriam impor.

Grabois esteve à frente da reorganização do PCdoB, que culminou na realização da Conferência Nacional Extraordinária de 1962. Desde então, como um dos principais dirigentes nacionais do Partido, na mais dura clandestinidade, ele ajudou o fortalecimento das fileiras partidárias e participou pessoalmente da elaboração dos principais documentos do Partido. Primava pelo rigor teórico, homem de estudo que era, e pela sintonia com os mais candentes problemas da vida nacional.

O nome de Maurício Grabois está estreitamente vinculado ao órgão central do Partido, "A Classe Operária", do qual foi diretor durante vários anos.

Sua última tarefa foi a de comandar as Forças Guerrilheiras do Araguaia, que escreveram uma das mais heróicas epopéias da luta popular no Brasil. O exemplo de bravura e desprendimento que Grabois deixou é fonte de inspiração para as novas gerações de comunistas na caminhada para tornar realidade a libertação nacional e social do povo brasileiro.



Grabois, nos anos 40

A nova edição da revista "Princípios"

Já está circulando a nova edição (n.º 16) da revista "Princípios". A publicação traz variados artigos sobre temas da atualidade e uma longa entrevista com o professor da Universidade de Brasília (UnB), Bautista Vidal, acerca da dependência econômica e tecnológica do Brasil.

Aberta com um breve comentário, intitulado "Prognósticos e surpresas", sobre os resultados das eleições municipais de 15 de novembro, a revista veicula logo a seguir um palpitante artigo do 1.º secretário do Comitê Central do PTA, Ramiz Alia, sobre problemas da cultura em um país socialista. Alia critica duramente a vulgarização dos princípios estéticos, a tendência à igualação de valores artísticos e outras atitudes que conduzem à baixa qualidade da produção neste campo, salientando a necessida-

de de priorizar a qualidade na obra de arte.

O 80.º aniversário do nascimento de Enver Hoxha e o papel por ele desempenhado na luta contra o revisionismo são lembrados em um artigo de José Reinaldo Carvalho, acrescido de um trecho da obra de Enver "O eurocomunismo é anticomunismo" sobre "As idéias de Kruschev".

O cientista político Luiz Fernandes escreve sobre "A gênese da teoria do imperialismo", destacando as contribuições de autores anteriores a Lênin, as contradições e o caráter de classes das diferentes análises do tema.

"A dependência inviabiliza o desenvolvimento do nosso país" é o título da entrevista concedida à "Princípios" pelo professor Bautista Vidal, onde ele demonstra, com argumentos irrecorríveis, a realidade e a

ausência de racionalidade do modelo econômico vigente no país. O professor polemiza com intelectuais e políticos que defendem uma internacionalização ainda maior da economia brasileira.



O objeto da investigação do economista Agenor da Silva, no artigo "O peso da dívida externa brasileira", é também o fenômeno da dependência.

A multiplicidade de causas do processo histórico é o tema de uma carta escrita por Engels em setembro de 1890, endereçada a Bloch.

Há "Dois caminhos na educação ideológica", um exposto no período de construção e consolidação do socialismo na União Soviética, no entusiasta movimento de emulação proletária, o heroísmo no trabalho, o stakhanovismo, que fez a produtividade elevar-se incensavelmente. Outro, representado na degenerescência moral e no desprezo pelo trabalho no tempo do revisionismo, recém-decido por Gorbachev. O movimento é analisado por Rogério Lustosa.

O professor de física da

UFBA é pós-graduando do Instituto de Física da USP, Olival Freire Júnior, diseca a política nuclear brasileira — "Uma ameaça à segurança da população" —.

Quais os pressupostos filosóficos da chamada "modernidade"? Esta instigante questão é abordada pelo jornalista e historiador José Carlos Ruy, cuja análise revela o substrato da nova tendência: o irracionalismo filosófico, que no final do século passado teve, em Nietzsche, um dos seus maiores expoentes e adquiriu através do nazismo talvez sua mais acabada forma política.

Tudo isto você terá a oportunidade de ler na nova edição da "Princípios", que pode ser obtida através do Centro de Documentação e Memória da Fundação Maurício Grabois, agora por Gorbachev. O endereço é: rua Bororós, 51, 3.º andar — São Paulo — SP, CEP 01320, telefone — 278-3220. Preço: Cz\$ 1.200,00.

Fala o camponês e comunista Osvaldo

CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

Caminhos para o regime socialista

Rogério Lustosa*

A experiência revolucionária da Comuna de Paris, em 1871, segundo Marx e Engels, "forneceu a prova de que a classe operária não pode limitar-se a tomar conta da máquina de Estado que se encontra montada e a pô-la em funcionamento para atingir seus próprios objetivos".

SISTEMA DE OPRESSÃO

O aparato estatal burguês compõe-se de um sistema de instituições criadas para submeter as classes oprimidas e exploradas. Governo, exército, polícia, tribunais, corpo burocrático, tudo funciona articuladamente para assegurar os privilégios dos dominantes e sugar a energia produtiva das grandes massas trabalhadoras.

Para construir uma sociedade sem exploração do homem pelo homem o proletariado necessita tomar o poder político em suas mãos, demolir o Estado atual e substituí-lo por um novo tipo de organização capaz de suprimir as diferenças de classes e extinguir o próprio Estado.

É esta questão que as classes dominantes tentaram encobrir com as provocações feitas com a prefeita eleita de S. Paulo sobre uma falsa contradição entre participação nas eleições e luta revolucionária para construir o socialismo. Querem apresentar a violência revolucionária como pecado e não como "parteira da história", como dizia Marx.

CARTAS MARCADAS

O próprio fato de derrotar os reacionários nas urnas e, depois, ouvir do presidente Sarney que o resultado eleitoral "aponta no rumo do totalitarismo"(!), e do ministro Cardoso Alves que "não se pode aceitar" a existência do Partido Comunista, ajuda os trabalhadores a tomarem consciência do caráter do poder. As autoridades revelam, com seu desespero, que a democracia burguesa é aleijada, só fica de pé quando

as oligarquias vencem — caso contrário, os dominantes viram a mesa.

A pressão da burguesia visa a fazer com que os partidos de esquerda abdicuem dos interesses maiores dos trabalhadores em troca da manutenção dos eleitos em seus postos. Ou seja, que agarrem o imediato e esqueçam o futuro. Querem, ao mesmo tempo, colocar os vacilantes na defensiva e lançar a confusão entre os trabalhadores.

É justo que os revolucionários participem do jogo eleitoral. Por um lado porque nas campanhas eleitorais é possível discutir amplamente os problemas do país e as propostas socialistas. Depois, a atuação combativa de parlamentares ligados ao povo, além de permitir a ampliação dos espaços democráticos, contribui para elevar a consciência e a organização das massas. Não há nenhuma contradição entre esta atividade e a busca das soluções maiores pela revolução.

SUJOS DE SANGUE

Na Comuna de Paris, os trabalhadores tomaram o poder com armas nas mãos. Mas não era possível ainda ter compreensão do complexo arcabouço do poder burguês. Por isso não empregaram a força revolucionária, até as últimas consequências, para realizar as mudanças. Não puderam ir muito longe. A ferramenta burguesa tem uma finalidade bem determinada. Para atender aos objetivos do proletariado é necessário forjar outro instrumento. Imagine-se o que pode fazer um governo saído da disputa eleitoral, com as regras do jogo atuais, quando qualquer general se julga no direito de "restaurar a lei e a ordem" assim que as coisas não correm ao seu agrado.

Os donos do poder, ardorosos pregadores da não-violência, enquanto pressionam Erundina, lavam as mãos no sangue de Paulo Fonteles, João Batista, Chico Mendes, dos operários da CSN e de tantos outros.

* da direção nacional do PCdoB

O trabalho junto ao povo pobre do interior é uma frente de atuação das mais árduas e complexas, mas também das mais importantes. Nas recentes eleições municipais de 15 de novembro de 1988 o Partido colheu êxito também pelo fato de ter conseguido eleger vários camaradas em regiões interioranas e camponesas. Um dos vereadores com profundos vínculos com o trabalhador rural é o camarada Osvaldo da Canceição, 31 anos, dirigente sindical dos trabalhadores rurais em Santa Luzia (Maranhão). Nesta entrevista ele conta a experiência da campanha eleitoral e diz como vai ser sua atuação na Câmara de Santa Luzia. Na página 20, Osvaldo e Nicenor Machado, dirigente sindical rural em Morrinhos, Goiás, falam da luta pela reforma agrária e do trabalho do partido com os camponeses. Ambos são membros da Direção Nacional do PCdoB.

Classe — Conte a sua experiência de campanha eleitoral num município camponês do interior do Maranhão.

Osvaldo — É uma campanha difícil, porque é um enfrentamento direto com os latifundiários, que recorrem a todos os meios, inclusive à violência. Mas para nós foi uma experiência muito rica porque serviu para nos mostrar o grau de aceitação das propostas do Partido e sua popularidade. Outra dificuldade que surgiu no decorrer da campanha foi a atuação do PT e da Igreja, eivada de estreiteza e sectarismo, recusando-se a compor com o conjunto das forças democráticas, populares e progressistas, o que acabou favorecendo a vitória da direita.

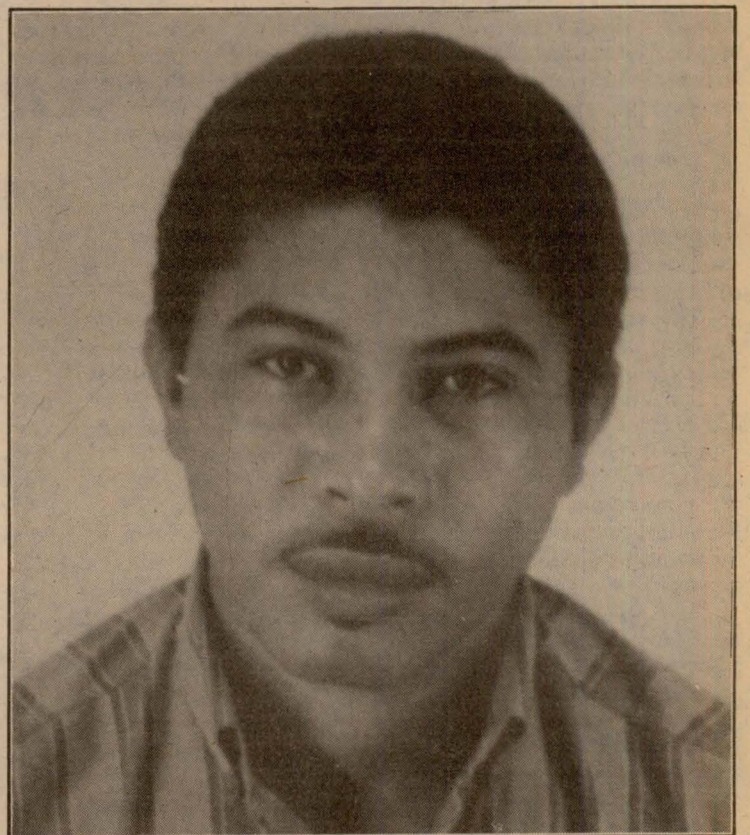
Classe — Como foi a campanha do ponto de vista da mobilização do Partido?

Osvaldo — Foi uma campanha sem recursos materiais, mas feita com muito empenho pelos próprios trabalhadores. O Partido mobilizou intensamente toda a sua militância e foi ao povo, discutir os seus problemas mais sentidos e pedir o voto em cada bairro, em cada casa. Nossa campanha não se reduziu à cidade, mas se estendeu também aos vilarejos. Importante é que conseguimos mobilizar outras pessoas, simpatizantes do Partido e militantes do movimento popular e democrático.

Classe — Qual foi a plataforma política da sua candidatura?

Osvaldo — Em primeiro lugar, levantamos com ênfase a bandeira de luta pelos direitos dos lavradores e, em especial, pela reforma agrária. Denunciamos firmemente a UDR e o governo antipopular de Sarney e levamos para o povo do interior a exigência de suspensão do pagamento da dívida externa. Outro problema muito sentido da população local é o da moradia. Os aluguéis são muito caros e muitas vezes há casas em que moram duas ou três famílias.

Classe — Como você sentiu e enfrentou a campanha anticomunista, que é muito usada no interior?



Ele foi eleito vereador em Santa Luzia, no interior do Maranhão

Osvaldo — De fato, a campanha anticomunista foi muito grande, por parte das forças mais reacionárias. Isto já teve mais força em outros períodos, mas agora posso assegurar que conseguimos quebrar os efeitos dessa campanha. O povo se acostumou a ver a atividade dos comunistas e a compreende como positiva. Nós aparecemos claramente com nossas propostas e apresentamos o que nos parece ser a saída para a crise, tanto política como econômica e social.

Classe — Existe uma idéia de que só quem tem capacidade de exercer mandato parlamentar ou cargos de direção política são os intelectuais e os "políticos profissionais", profissionais liberais, doutores, bacharéis, enfim, pessoas ligadas às classes dominantes. Você, como homem do povo, se sente capacitado para essa tarefa de representar os interesses dos camponeses e do povo pobre através de um mandato parlamentar?

Osvaldo — Só existirá trans-

formação em nossa sociedade quando o povo compreender a política e participar dela. Na medida que o povo credencia um comunista a exercer um mandato parlamentar, seja como vereador ou deputado, é porque confia nele e acredita em sua capacidade. Eu trago para o exercício do mandato de vereador minha experiência de dirigente sindical de trabalhadores rurais. Por outro lado, me elegendo o povo depositou confiança na capacidade e competência do meu partido, a quem pertence de fato o mandato. A minha eleição é uma conquista do Partido.

Meu mandato estará sempre voltado para os interesses do povo e dos trabalhadores. Através da atuação de nossa bancada parlamentar na Assembleia Constituinte, o PCdoB provou que tem competência, experiência e determinação de lutar pela transformação da sociedade. Sem dúvida, trabalhadores têm capacidade de dirigir, administrar e defender seus interesses.

“Combate à UDR é ainda frágil”

Classe — O que se destaca hoje como principal necessidade na luta no campo?

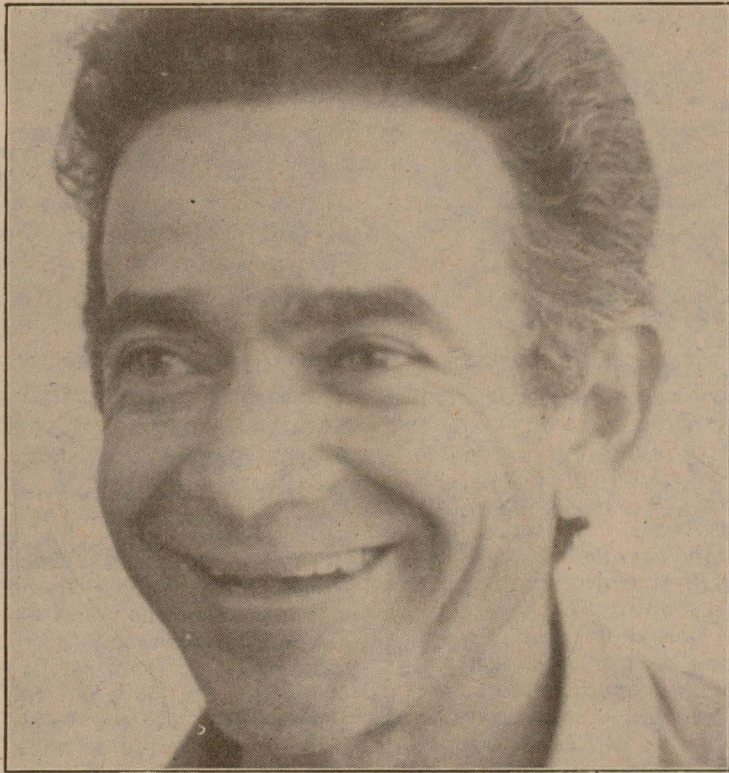
Nicanor — É um dever nosso fazer um trabalho de esclarecimento no campo, entre as diversas camadas de trabalhadores rurais e pequenos e médios proprietários, que estão sendo envolvidos e utilizados pela UDR. É preciso mostrá-los que é a própria UDR, representante dos grandes latifundiários, que os expulsa da terra. Esses camponeses são os principais aliados do proletariado rural e do proletariado urbano e precisam ser ganhos para a luta pela libertação nacional e social.

Classe — Parece que alguns grupos políticos sectários têm dividido o campesinato, combatendo também os pequenos e médios proprietários. Como isso tem se manifestado concretamente?

Oswaldo — Na verdade, a UDR tem crescido por estar ocupando o espaço que deveria ser ocupado pelo movimento sindical e pelos setores progressistas. Temos que deixar claro que o movimento sindical não tem respondido à altura à UDR. Tem havido uma preocupação maior desses setores em trabalhar com os sem-terra, esquecendo os pequenos e médios proprietários. É a UDR tem entrado precisamente aí, levantando, com fins demagógicos, certas reivindicações

desses setores, de assistência, de crédito rural, de preços compensadores, juros baixos, etc. Essas bandeiras deveriam ser levantadas pelo movimento sindical e por todas as forças progressistas que defendem a reforma agrária. É preciso ficar claro que só através do movimento sindical é difícil mobilizar os pequenos e médios proprietários, até por uma questão estatutária. Porque, do ponto de vista do sindicalismo dos trabalhadores, só é considerado lavrador quem não tem terra ou muito pouca terra. O médio proprietário é considerado fazendeiro, patrão. Por isso nós defendemos a criação de comissões de apoio à reforma agrária, que englobe setores mais amplos. Nesse movimento é possível unir os sem-terra com os pequenos e médios proprietários.

Nicanor — É bom que se diga também que a UDR tem encontrado terreno fértil também em razão da política agrícola do governo Sarney que tem sido desastrosa para os pequenos e médios proprietários. Como o movimento sindical não tem revelado muita sensibilidade política quanto a esse problema, a UDR ocupou espaço. Outra questão é que em relação à reforma agrária o PT e a Igreja incentivam os sem-terra a ocuparem terras de pequenos e médios proprietários,



Nicanor: “Temos o dever de esclarecer as camadas médias do campo”

porque é muito mais fácil enfrentar um pequeno ou um médio proprietário do que enfrentar um latifundiário. Isso também tem favorecido o trabalho da UDR junto a esses pequenos e médios proprietários. Então esse tipo de atuação equivocada e sectária na prática favorece os inimigos da reforma agrária, destacadamente os latifundiários e a UDR.

Classe — Como vocês analisam a nova Constituição no que se refere à reforma agrária? E como se coloca agora a luta por essa reivindicação?

Nicanor — Os camponeses e trabalhadores rurais tinham grandes esperanças de que na nova Constituição a implantação da reforma agrária teria amparo legal. Mas a UDR e as forças reacionárias tudo fizeram para evitar isso. Na verdade, foi tudo planejado e houve uma grande pressão nesse sentido. Num primeiro momento o que foi aprovado na Constituição representa um baque

para os camponeses e trabalhadores rurais. Mas isso não significa que os trabalhadores não vão lutar pela reforma agrária. Vão lutar, sem dúvida, porque não existe outra solução, é uma questão da própria sobrevivência dos trabalhadores. Ou se morre lutando pela terra ou se morre de braços cruzados. A própria necessidade empurra os camponeses a lutarem pela reforma agrária. Então, queiram os políticos das classes dominantes ou não, a reforma agrária será conquistada.

Oswaldo — Acho que apesar da derrota da reforma agrária na Constituinte, isto dificilmente vai levar os camponeses a recuar em sua luta. A reforma agrária será conquistada independentemente do que está inscrito na Constituição. O homem do campo vai avançar em sua luta. Até porque isso faz parte do processo de transformação da sociedade. Não se pode conceber uma transformação da sociedade

sem pensar na questão agrária. Então a reforma agrária vai se impor, a luta no campo vai se acirrar.

Classe — Qual o papel do Partido nessa luta e quais são as possibilidades de o Partido crescer no campo?

Oswaldo — O Partido joga um papel muito importante na luta pela reforma agrária, trata de dar a devida atenção e apoio ao movimento sindical, mobilizar as forças progressistas e populares, tenta promover a união entre os lavradores sem-terra e os pequenos e médios proprietários, enfim, contribuir para encontrar um encaminhamento correto para a luta pela reforma agrária. O Partido é uma força que combate energicamente o latifúndio e a UDR. Por isso ele cresce e ganha a confiança do trabalhador rural, e dos pequenos e médios proprietários.

Nicanor — O Partido tem demonstrado na prática sua contribuição e que tem muito a contribuir na luta do campo. É bom recordar que nosso Partido foi o primeiro a levantar a bandeira da reforma agrária, desde 1925. O Partido tem uma visão muito ampla sobre a luta do campo, sempre se empenhou pela unidade do movimento sindical dos trabalhadores rurais e da luta camponesa em geral. É claro que enfrentamos dificuldade pois o campesinato ainda é atrasado politicamente. O camponês fica muito com o “pé atrás” em relação a tudo o que vê. Se você vem e aperta sua mão, ele já quer saber o que você quer em troca. Além disso, é necessário levar em conta a atuação da Igreja que joga muito pesado. Ela, por ter uma estrutura muito grande, está presente nos recantos mais longínquos do interior. Por isso, ela tem muita influência sobre o campesinato. Mas, por outro lado o Partido já tem muitos militantes que são líderes no movimento camponês. O Partido tem crescido e a tendência é crescer.



Mensagem de Ramiz Alia ao PCdoB

O Comitê Central do Partido do Trabalho da Albânia, através de seu primeiro-secretário, camarada Ramiz Alia, enviou agradecimentos à Direção Nacional do PCdoB pela mensagem que esta tinha dirigido ao PTA e ao povo albanês na passagem do 44º aniversário da libertação da Albânia:

“Agradecemos de coração pela mensagem de felicitações que nos enviaram por ocasião do 44º aniversário da libertação da Albânia e da vitória da Revolução Popular. Enviamos nossas fraternais saudações internacionalistas e os melhores votos de sucesso no vosso trabalho e na luta revolucionária pelos interesses da classe operária e do povo brasileiro.”

Felicitações à conquista do PC do Canadá

Como já informamos (ver “Classe” nº...), depois de uma longa luta o principal dirigente do Partido Comunista do Canadá (marxista-leninista) conseguiu a cidadania, por muito tempo negada pelos círculos dirigentes do país. A Direção Nacional do PCdoB felicitou o dirigente do PCC(m-1) e os comunistas canadenses por essa vitória:

“Enviamos calorosas felicitações — diz a mensagem do PCdoB — pela vitória alcançada com a concessão da cidadania ao camarada Hardial Bains. Essa vitória coroa uma luta pertinaz de mais de vinte anos em defesa da liberdade e dos direitos democráticos, contra o reacionarismo das forças

conservadoras do Canadá. É uma conquista do povo canadense, das correntes democráticas, em especial do valoroso Partido Comunista do Canadá (m-1).

Os comunistas do Brasil alegam-se de ter contribuído em certa medida para o êxito da campanha em prol da cidadania do camarada Bains, destacado homem público, eminente batalhador da causa socialista, respeitado dirigente marxista-leninista.

Fazemos votos de novas vitórias na luta democrática e socialista do Partido Comunista do Canadá (m-1).”

Partido Sueco envia suas saudações

O Comitê Central e todos os membros do Partido Comunista da Suécia enviam ao 7º Congresso do Partido Comunista do Brasil

sua fraternal e calorosa saudação internacionalista.

Desde que foi desfraldada a bandeira da defesa do marxismo-leninismo contra a corrente revisionista kruschovista, os comunistas e revolucionários do Brasil se reorganizaram no Partido Comunista do Brasil e não deixaram de estar, no âmbito do Movimento Comunista Internacional, engajados nos princípios do marxismo-leninismo e de dar uma grande contribuição no front da luta de classes nacional e internacional.

Para nosso Partido, é uma honra estar nas mesmas barricadas em que está o Partido Comunista do Brasil. A contribuição teórica de vosso Partido é para nós uma grande ajuda.

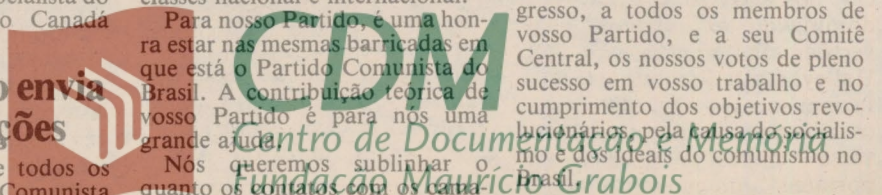
Nós queremos sublinhar o quanto os combates com os camaradas Amazonas e Arruda foram para nós, a par de suas qualidades

de dirigentes comunistas, preciosos e uma fonte de inspiração.

Se nossos partidos estão distantes geograficamente, se as condições nas quais nós atuamos são diferentes, e se o nível de desenvolvimento de nossa luta não é o mesmo que em vosso país, não somos menos próximos e menos unidos, devido aos fortes sentimentos internacionalistas que nada nem ninguém poderá diminuir e que nós temos como tarefa reforçar.

Nós enviamos ao vosso 7º Congresso, a todos os membros de vosso Partido, e a seu Comitê Central, os nossos votos de pleno sucesso em vosso trabalho e no cumprimento dos objetivos revolucionários, pela causa do socialismo e dos ideais do comunismo no Brasil.

Viva o 7º Congresso do PCdoB!



"Nunca fomos tão brasileiros"

Carlínio França Teixeira

Existe uma maneira de enxergar certos movimentos estéticos, como expressões do colonialismo cultural, ou como parte da guerra ideológica imperialista. Este pensamento esquemático e sectário é o estereótipo dos que não possuem flexibilidade para acompanhar, dialeticamente, os movimentos culturais e adaptar-se, sem concessões, à realidade.

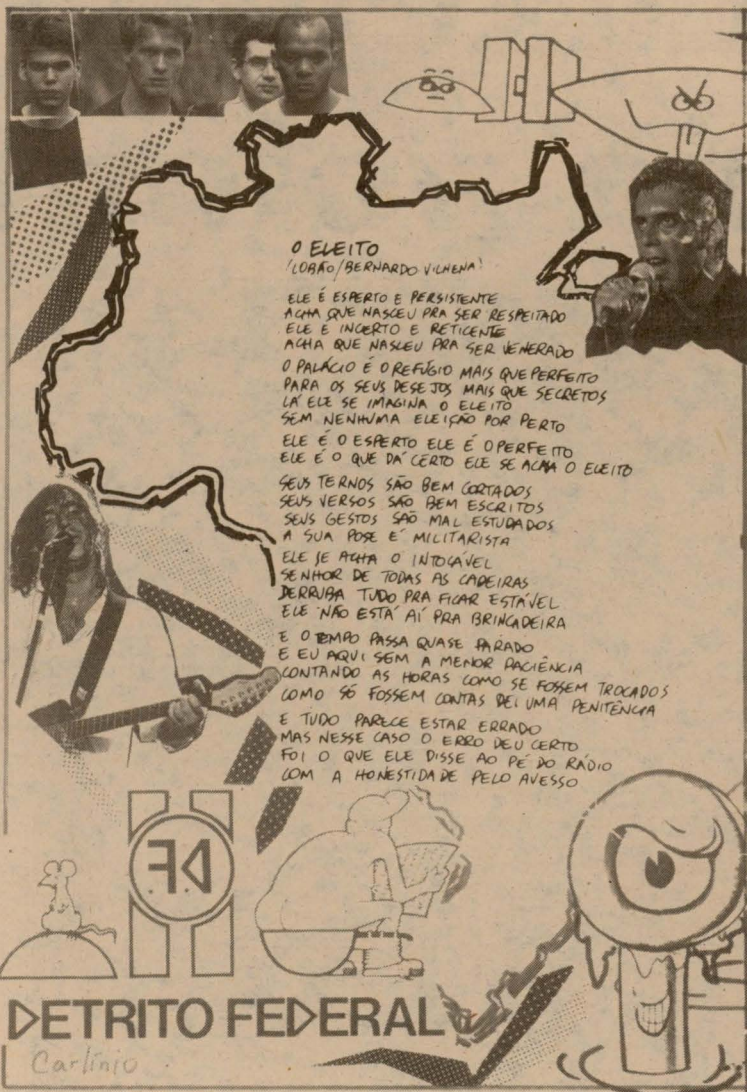
É certo que vivemos a dominação dos meios culturais pela burguesia e seus aliados imperialistas, em destaque o norte-americano. No que tange à música, esta parece sofrer a mais forte manipulação.

Enquanto a boa MPB conquista mais espaços no exterior, como no Japão, nos EUA, na Europa e Caribe, nos é "jogado goela abaixo" muito lixo musical, subprodutos de terceira classe, principalmente ianques. Não concordo quando se afirma que esta dominação tem como carro-chefe o rock.

O estilo romântico (ou brega), que tem sido a "coqueluche" ultimamente no Brasil, sufocando inclusive a produção da boa MPB, é o mesmo que sempre dá as cartas internacionalmente, sendo reeditado variando de acordo com os modismos.

É preciso saber distinguir que nem tudo que é cantado em inglês ou que tenha como base sonora guitarras e sintetizadores é rock. Segundo, que existe uma variedade enorme de ritmos e estilos, com músicos de qualidade incontestável, brasileiros ou estrangeiros, a que o grande público não tem acesso, por serem preteridos em lugar dos "românticos" (vendáveis). Terceiro, que sem conseguir fazer a diferenciação entre os infinitos estilos, fica difícil travar-se uma discussão sobre um assunto que considero ser também importante para ocupar parte do espaço que a imprensa partidária ainda dispõe para a cultura.

O chamado "rock nacional", creio que pela própria formulação, já deixa claro que existe uma evidente diferenciação entre o que se tenta fazer aqui e o que é produzido lá fora. O "rock brasileiro" é cantado em português, à despeito do seu início, nos anos 50, quando predominavam as imitações e as versões das músicas de Bill Halley, Little Richard etc, que faziam sucesso não apenas entre a burguesia, mas onde houvesse "bailes", "toca-discos portáteis", no cinema (Oscarito deu seus passinhos em filmes da Atlântida) e no rádio.



Influência do samba

O "rock brasileiro" hoje tem procurado fundir-se com os elementos musicais de nossa cultura. Às vezes dá-se o contrário, como por exemplo a adaptação de "Me Chama" de Lobão feita nada menos que por João "bossa-nova" Gilberto. Diversas bandas têm se aproximado também do discurso poético de "monstros da MPB", a exemplo de Caetano, Gil, Chico Buarque, Milton Nascimento. Arnaldo Antunes, do "Titãs", fala da inevitável mistura do rock com a MPB, citando Lupicínio Rodrigues. Ainda na década de 70, Raul Seixas criou o rock-baião em "Let me Sing, Let me Sing". A formação musical de Lobão, como exemplo, sofreu influência das bandas de carnaval cariocas e da bateria da Mangueira.

Fica patente esta influência do samba em músicos como "A voz da razão", gravada ao lado de Elza Soares. O **Paralamas do Sucesso** funde os estilos indo mais além, combinando uma verdadeira salada de ritmos caribenhos e africanos e citando João Bosco, Gil, etc. O **Ira!** inspirou-se no filme de Rogério Sganzerla "O bandido da luz vermelha" e produziu um belo trabalho onde, além de ter utilizado como matéria-prima o "cult-movie" brasileiro, parte também para

uma fusão rítmica onde a percussão de "Advogado do diabo" assemelha-se ao ritmo mandálico da umbanda. Os **inocentes** fizeram a adaptação de "Pesadelo", antigo sucesso de Maurício Tapajós, tentam a fusão rítmica do rock com o pagode em "Adeus carne", musicando ainda "Eu" de Maiakovsky. Será que um rock-balada como "Faroeste cabloco" de Renato Russo não tem cara de Brasil, e que tantos outros roqueiros famosos ou ainda não, não têm buscado uma linguagem própria nossa?

No que toca à qualidade e ao conteúdo, existe certamente um fio condutor no "rock nacional", que é a atitude de contestação à realidade sócio-política e cultural do país. A politização das letras é intensa e podemos aí encontrar do panfleto ao mais rico e sutil discurso do inconformismo juvenil.

"Que país é este?"
(Legião Urbana)

Não existe linha ideológica definida entre os músicos e poetas do nosso rock (como em nenhum outro estilo musical, é lógico). A confusão é enorme, não pelo que o imperialismo impõe, mas talvez por não ter ainda a juventude acesso maior às idéias revolucionárias ou politicamente conscientes. Grupos que se auto-

intitulam "anarquistas", produzem coisas como:

"... Não devemos temer os que detêm o poder se eles são um nós somos um milhão os explorados precisam se unir para o sistema destruir..."
(Garotos Podres)

Bandas como a **365** gravam "Grandola Vila Morena", o hino popular da Revolução dos Cravos em Portugal. Os **inocentes** falam dos horrores da guerra no Oriente Médio como em "Expresso do Oriente", que tem como um de seus versos:

"... Conheça um pouco da cultura palestina Se hospedando nos campos de Sabra e de Chatila onde o chão amanheceu coberto de corpos na triste lembrança da noite dos mil mortos..."

A **Pebble Rude** traz como temas a repressão, em "Proteção"; uma visão crítica de sua própria cidade, em "Brasília"; um hino contra a "Censura"; a questão da identidade nacional, em "Nunca fomos tão brasileiros" ou o militarismo, em "Códigos".

O milagre econômico da ditadura já foi ironizado por bandas como a **Legião, Detrito Federal, Camisa de Vênus**.

A repressão do sistema é tema comum à quase totalidade dos grupos. A qualidade de vida no planeta, a política nuclear, a militarização do poder, a crise econômica, o racismo, a identidade nacional, o serviço militar obrigatório, a Constituição são assuntos sérios que sensibilizam e tocam os jovens e que dão um conteúdo temático substancial a um estilo estético, curiosamente execrado por avaliações apressadas e evadidas de sectarismo.

Acredito que os temas hoje abordados pelo chamado "rock nacional" vêm sobressaindo-se em relação ao que hoje produzem a maioria dos "monstros sagrados da MPB". Exceto vários pagodeiros, sambistas e sambas-enredo de escolas, muitos poetas de "esquerda" há muito perderam o fôlego contestador e o confessam como inadequado aos tempos atuais, como se tivesse sido importante apenas como expressão da luta antiditatorial.

Enquanto os artistas plásticos e publicitários, como expressão da luta antiditatorial, nas passeatas espontaneamente ouve-se o re-

frão: .. "A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte"... conduz-se faixas e cartazes com frases como: "Que país é este", e escuta-se nas revoltas populares o grito de "Bota pra fuder", do **Camisa de Vênus**, refrões que a sabedoria popular transformou em palavras de ordem; ou ainda, em episódios como o aniversário do PCdoB em Brasília, onde a Internacional foi interpretada ao som de um solo de guitarras, ou naquele instante bellissimo que foi o "clip" da **Plebe Rude** no programa nacional do partido na tv.

A juventude é contestadora, ágil, rebelde... Quem milita nos movimentos juvenis conhece e compreende a sua incrível capacidade de buscar o novo, a "modernidade"... Assim, compreendemos que precisamos fazer um esforço maior para estarmos realmente inclusos nos seus movimentos estéticos-sociais, para que, sem sectarismos, possamos discutir os seus problemas, abordando-os com a sua linguagem, abrindo mão de uma postura que muitos adotam de diferenciar-se não pelo conteúdo, mas sim, burramente, pelo estereótipo que a burguesia produz, nos pintando como "caretas", aos olhos da juventude para nos distanciar dela.

Sexo, drogas, rock and roll, violência, energia atômica, ecologia e meio ambiente, não são temas abordados apenas pelos "verdes"; religião, cultura, temas tratados com poesia e sensibilidade pelos jovens, precisam ter mais evidência entre os temas discutidos pelo Partido ou através da UJS, da UNE, UBES e demais organizações juvenis. Nossas angústias necessitam de uma análise política correta, porque "Não temos tempo a perder..."

A direita influencia a juventude a ponto de criar em todo mundo uma horda de centenas de milhares de Skin-heads, (aqui no Brasil "carecas" ou ABC), grupos de desordeiros, espancadores e assassinos de roqueiros, trabalhadores, mestiços e negros. É uma vertente fascista, para infiltrar na juventude através do rock valores como o racismo, o niilismo, a violência, a adoração a Hitler e seus ideais.

Os revolucionários devem saber ver as novas manifestações estéticas com o cuidado, a correção e a profundidade necessárias, para não tratá-las com a estreiteza e o xenofobismo que tentam nos imprimir ou rotular.

CDM
Centros de Documentação e Memória
Fundação Maurício Tapajós
* Artista plástico e publicitário,
diretor de arte do Lezaute
Propaganda e militante do PCdoB
na Bahia.

Rosa de Luxemburgo, uma águia polonesa

Augusto César Buonicore *

Este mês de janeiro marca o 70º aniversário do assassinato de Rosa de Luxemburgo e Karl Liebknecht, líderes comunistas alemães. Uma primeira grande homenagem mundial lhes foi prestada poucos meses após o crime, quando Rosa foi eleita, por proposta de Lênin, presidente de honra do congresso de fundação da Internacional Comunista. Publicamos a seguir um artigo do historiador Augusto César Buonicore sobre Rosa, Karl e o enfrentamento entre os marxistas e os revisionistas no movimento operário.

Era 15 de janeiro. As ruas de Berlim estavam tensas. Por toda parte viam-se os vestígios dos combates dos dias anteriores. As tropas do exército alemão e os grupos para-militares, os "corpos livres", desfiliavam imponentes pelas ruas. Nas mãos traziam o sangue do proletariado alemão.

A insurreição parecia ter chegado ao fim. Uma batalha havia sido perdida, mas não a guerra. Assim pensavam Rosa e Karl, quando foram seqüestrados e levados ao Hotel Eden, para averiguações. De lá deveriam sair para a prisão, onde já se encontravam centenas de operários. Mas o cortejo faria um outro caminho, que não era o da prisão nem do exílio. A burguesia e os generais alemães já haviam decretado a sentença. No zoológico municipal de Berlim, Rosa e Karl são brutalmente assassinados a coronhadas e a tiros. Decerto alguém se perguntara: "Quantos tiros seriam necessários para matar o sonho da Revolução Alemã? No Zoológico de Berlim, quem eram os animais?"

Em silêncio, sem cerimônias, homens sem rosto atiram dois corpos nas águas frias do Canal Landwehr. Era preciso não deixar provas deste horrendo crime, mas as mãos dos assassinos os denunciavam. Rosa e Karl Lieb Knecht estavam mortos. Mas a história que eles construíram manteria-se viva na consciência dos trabalhadores de todo o mundo. Brecht escreveria seu "Epitáfio 1919":



Rosa Luxemburgo: uma voz desafiadora contra o reformismo social-democrata

*"Aqui jaz
Rosa de Luxemburgo
Judia da Polônia
Vanguarda dos operários alemães
Morta por ordem
Dos opressores. Oprimidos!
Enterrai as vossas
desavenças".*

Quem se prendesse apenas à sua origem social, decerto não poderia entender como aquela menina, nascida em 5 de março de 1871, filha de uma abastada família de judeus poloneses, pôde se transformar na Rosa, rosa vermelha, destacada dirigente do movimento comunista mundial. Mas o ambiente efervescente reinante na Polônia, então dominada pela Rússia czarista, levou muitos jovens, Rosa inclusive, a se engajar nos movimentos contestatórios. Primeiro, na luta

estudantil contra a estrutura repressiva mantida pelo governo russo nas escolas polonesas. E depois nas lutas mais gerais do movimento operário e socialista, do qual ela jamais se separou.

Em 1889 vê-se obrigada a deixar a Polônia e exilar-se em Zurich, onde doutora-se em Economia Política. No exílio, em 1894, juntamente com seu companheiro Leo Jogiches, ajuda a fundar o Partido Social Democrata da Polônia. Em 1898, Rosa transfere-se para o centro da luta de classes do momento, o coração da revolução européia, a Alemanha. Imediatamente ingressa no Partido Social Democrata, maior partido operário do Ocidente, e logo se envolve numa grande polêmica, traduzida num único dilema: Reforma ou Revolução?

Avanço eleitoral

O crescimento relativamente "pacífico" do capitalismo alemão e a conquista de maiores liberdades democráticas propiciaram um avanço eleitoral sem precedente para a social-democracia (ainda marxista). Muitos dirigentes previram outras alternativas para a conquista do socialismo que não fosse a via revolucionária. O principal teórico dessa via reformista era Bernstein, considerado herdeiro de Engels, do qual tinha sido amigo e confidente.

Bernstein apregoava que o capitalismo não tendia à monopolização, como afirmava Marx, mas à diminuição do número de proprietários e pela introdução da sociedade de

ações. Isto levaria, segundo ele, ao fortalecimento das classes médias e não ao seu fim, eliminando-se assim as previsões "catastróficas" de Marx sobre o choque inevitável entre burgueses e proletários. O desenvolvimento do capitalismo não levaria à crise, pois ele mesmo desenvolveria meios de controle através da melhor organização e planejamento da produção. O socialismo deixava, para ele, de ser uma necessidade histórica, para ser uma possibilidade cada vez mais remota.

Com essa concepção, Bernstein elabora uma nova tática, que privilegiava a luta parlamentar. Seria através do voto que o trabalhador se elevaria "da condição social de proletário para aquela de cidadão". É dele a famosa frase: "O movimento é tudo e o fim, para mim, nada significa..."

Abandono da revolução

Rosa foi uma das primeiras a se insurgir contra tais teses. Escreveu uma das mais belas obras contra o revisionismo de Bernstein, "Reforma social ou revolução?". Desmantelou, com maestria, uma por uma as teses reformistas, impedindo que elas fossem aceitas pela maioria do partido, embora continuassem a exercer grande influência sobre vários de seus dirigentes, que as retomariam em outras ocasiões.

O objetivo final do socialismo, afirma Rosa, "é o único elemento decisivo na distinção entre o socialista e o radical burguês". Para ela, a política de Bernstein "visava uma única coisa: conduzir-nos ao abandono do objetivo último, a revolução social e, inversamente, fazer da reforma social, de simples meio da luta de classes, em seu fim último". Rosa, portanto, não negava o papel das reformas, mas acreditava que "entre a reforma e a revolução devia haver um elo indissolúvel", no qual "a luta pela reforma é o meio e a revolução social é o fim". E quanto à possibilidade de chegarmos ao socialismo através de leis aprovadas no parlamento burguês, ela diria:

"Quando Bernstein põe a questão de saber se esta ou aquela lei de proteção operária é mais ou menos socialista, podemos responder-lhes que a lei de proteção operária... tem mais ou menos tanto socialismo como as disposições municipais sobre a limpeza de ruas."

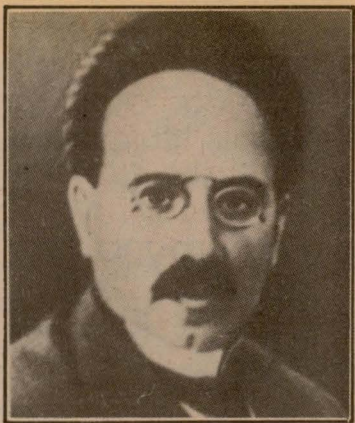
Ala esquerda

As críticas contundentes e mordazes da pequena Rosa mostram muito bem o seu espírito revolucionário. Poucos no partido, naquele momento, ousariam desafiar a autoridade de Bernstein. Muito menos compará-lo a um radical burguês. Era uma disputa desigual. Mas novamente a história se repetiria e o pequeno David venceria o gigante Goliath.

Em 1904, Rosa, intervindo numa polêmica russa, critica as posições de Lênin sobre organização de partido. Ela não havia compreendido ainda a necessidade de um partido centralizado nos moldes que propunham os bolcheviques. Mas um ano depois estava ao lado de Lênin na defesa da revolução de 1905, que mostrava ao proletariado mundial a única via possível para a sua emancipação. Rosa passa, então, a estruturar a ala esquerda do PSD alemão.

Contudo a História trilhava caminhos tortuosos. As vitórias eleitorais do PSDA somente reforçavam as posições reformistas. Em 1912 o partido tivera mais de 4 milhões de votos, elegendo 110 deputados. Tornou-se a maior bancada do parlamento alemão.

Em 1914, quando do início da I Grande Guerra, as posições de direita já haviam conquistado a maioria da direção do partido, que acaba rasgando todas as suas resoluções anteriores. Coloca uma pedra no seu passado revolucionário ao votar os créditos para a guerra imperialista. "Desde 4 de agosto de 1914", afirma Rosa de Luxemburgo, "a social democracia alemã é um cadáver putrefato".



Liebknecht, líder espartaquista

A revolução de 1918

A capitulação da direção diante da onda nacionalista e belicista leva a uma fissura profunda no seio do partido. Formam-se dois grupos de oposição: os "centristas", liderados por Kautsky, e os "espartaquistas", liderados por Rosa e Karl Liebknecht. Eles acabariam por se fundir no Partido Social Democrata Independente (PSI). Um partido que, apesar de possuir um programa internacionalista e antibelicista, atuava de forma vacilante e defensiva diante da traição do PSDA, devido à ação dos centristas. Em 1916, Karl e Rosa são presos por fazerem agitação contra a guerra. São acusados de traição pela burguesia alemã.

Pouco a pouco o sentimento nacionalista dos primeiros dias de guerra era substituído pela revolta. Nas fábricas os operários se agitavam diante dos alistamentos militares forçados, os constantes cortes de salário e o racionamento. O descontentamento chega às tropas, vítimas da carnificina imperialista. Em junho de 1917, os marinheiros se rebelam e são violentamente reprimidos,

com o aval dos socialdemocratas.

Luta de massas

Da prisão, os espartaquistas conclamam: "Não há senão um meio de combater a carnificina dos povos e alcançar a paz — é desencadear uma luta de massas que paralise toda a economia e a indústria bélica; é instaurar através de uma revolução, liderada pela classe operária, uma República Popular na Alemanha!"

A Revolução de Outubro, na Rússia, serviria para acirrar os ânimos. No front os soldados se confraternizavam. Nas cidades as greves cresciam. Formavam-se conselhos de operários e soldados. O governo e a monarquia eram colocados em xeque pelas massas. Em 9 de novembro de 1918 irrompe uma rebelião em Berlim e o próprio PSDA vê-se obrigado, pela pressão dos operários, a aderir ao movimento. Os soldados recusam-se a cumprir as ordens dos oficiais e confraternizam-se com o povo. A revolução vencera.

O governo desaba como castelo de cartas. O imperador Guilherme III abdica e entrega o poder ao chanceler Max Baden que, por sua vez, o entrega a Ebert, dirigente máximo do PSDA. Para muitos, a revolução parecia ter chegado ao fim. Ebert lança uma conclamação:

"Cidadãos! Peço-lhes que abandonem as ruas. Cuidem da tranquilidade e da ordem". Ao mesmo tempo, contra a vontade de Ebert, outro membro de seu partido, Scheidemann, proclama a república. E Karl Liebknecht, recém libertado da prisão, conclama uma multidão de operários à luta pela república. Não uma

república burguesa disfarçada da República Social, como queria Ebert, mas uma república socialista, baseada nos conselhos de operários e de soldados, como na Rússia.

"Permaneço alertas!"

Ebert, então, se apressa para formar um novo governo, no qual participam o PSDA e a ala direita do PSI. A pressão popular impede a participação de membros dos partidos de direita. Karl é convocado a integrar o governo, mas impõe uma condição: que todo o poder seja entregue aos conselhos, o que não é aceito. Então os espartaquistas, forado novo governo, resolvem continuar nos preparativos da insurreição.

"Nós pedimos, pelo contrário, que ninguém abandone as ruas e que todos permaneçam armados. A conclamação do novo chanceler, que substituiu o derrotado imperador, procurava enviar as massas para os seus lares para melhor poder estabelecer a velha ordem de coisas. Operários, Soldados! Permaneço alertas!", conclamam os espartaquistas.

Inimigo disfarçado

A luta ganhava outro patamar. A burguesia se escondia por detrás de um "partido operário", justamente o partido a que haviam pertencido Marx e Engels. O inimigo agora disfarçava-se de operário.

No dia 16 de dezembro, o Conselho Nacional, que congregava todos os conselhos operários, dominados pelo PSDA, decide entregar todo o poder à Assembléia Constituinte, a ser eleita em janeiro. Novamente as direções operá-

rias capitulavam diante da burguesia.

Em 29 de dezembro de 1918, diante das vacilações do PSI, que aceitara participar do governo, os espartaquistas rompem e fundam o Partido Comunista Alemão (PCA). Neste congresso aprova-se a tese de não participação das eleições para a Assembléia Constituinte e a continuação dos preparativos para a insurreição. Tais posições não correspondiam ainda à real correlação de forças do movimento social na Alemanha. Por isto, tanto Rosa como Karl foram reticentes quanto à proposta.

No início de 1919 um ato de provocação do governo precipita os acontecimentos. Marinheiros amotinados são brutalmente reprimidos pelo exército. Os operários saem às ruas em solidariedade. O chefe de polícia, ligado à esquerda do PSI, recusa-se a reprimir as manifestações e é demitido do cargo.

Crítica dos renegados

O PCA e a esquerda do PSI se unem e convocam manifestações de protesto "contra os Ebert-Scheidemann e a sua camarilha, estes representantes disfarçados dos interesses burgueses". Uma multidão invade o distrito de imprensa, onde se encontravam os jornais reacionários. Naquela mesma noite, o PCA decide-se pela insurreição geral.

No dia 9 de janeiro, num ato inesperado, os operários tomam o parlamento alemão, o Reichstag. São rapidamente desalojados pelo exército. Depois de 5 dias de violentos combates a insurreição foi derrotada. No dia 13, os operários começam a voltar ao trabalho. No dia 15, em meio à avaliação do movimento, Rosa e Karl, os principais líderes do levante, são seqüestrados e assassinados.

Após sua morte, Rosa passa a ser alvo de violentas críticas. Em especial por parte dos renegados do marxismo, reformistas de toda ordem. Em sua defesa viriam as palavras fortes de Lênin:

"A esses (críticos) responderemos com um velho ditado russo:

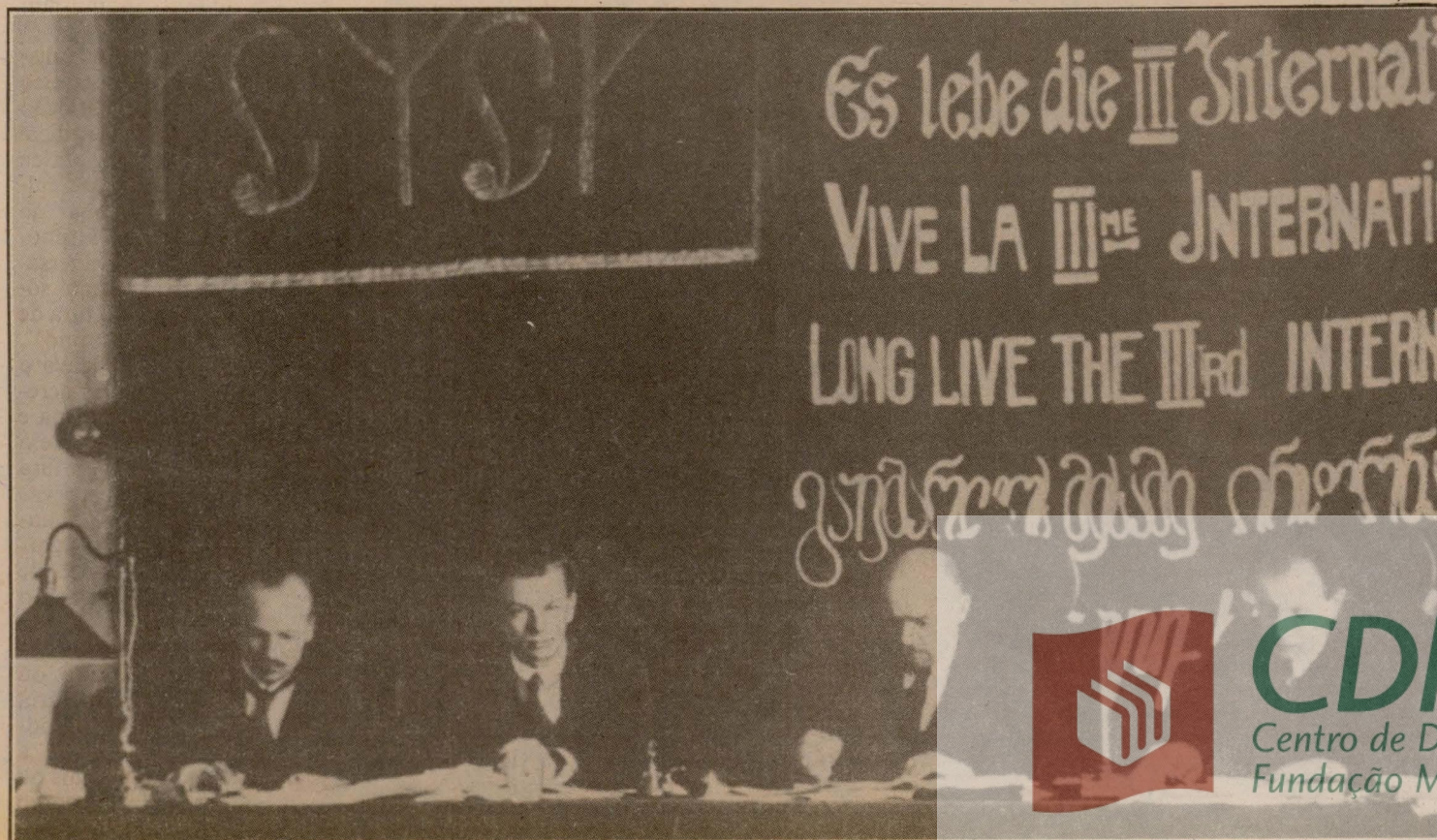
Às vezes as águias descem e voam entre as aves do quintal

mas as aves do quintal jamais

se elevarão até as nuvens".

"Rosa equivocou-se em muitas coisas, a respeito da independência da Polônia, na análise dos mencheviques em 1903, na sua teoria da acumulação de capital... Equivocou-se no que escreveu na prisão em 1918 (corrigiu a maioria desses erros no final de 1918 e início de 1919, quando voltou à liberdade). Mas, apesar de suas falhas, Rosa continuava sendo uma águia."

* Historiador e pós-graduando em Filosofia Social - Pucamp. (Campinas - SP)



Lênin dirige os trabalhos do I Congresso da Internacional Comunista, em março de 1919: Rosa foi a presidenta-de honra

“Viva o povo brasileiro” é não só a obra-prima de João Ubaldo Ribeiro mas também seu livro mais vendido. Editado pela “Nova Fronteira” em 1984, detentor do “Prêmio Jabuti” e do “Prêmio Golfinho de Ouro” de 1985, já se encontra em sua 10.^a edição, tendo se convertido num dos principais títulos da editora. Nas livrarias ao preço de Cz\$ 16.800,00, “Viva o povo brasileiro” tem passagens como esta em que o autor, como diz na entrevista às páginas 12 e 13, “indaga sobre a alma humana”.

“Que faz um homem ser belo”?

— Budião nunca me largou — disse Merinha. — Aliás, Budião não. O nome certo dele é...

— O nome dele não é Budião? Ele tem nome africano?

— Não, não, que besteira, deixa isso pra lá. É de batismo Faustino da Costa, é Budião por causa daquela bocona espichada para a frente que nem um budião, a cor acastanhada...

— Como é que tu sabe que ele não te largou? Mas se faz bem uns dez anos, criatura, mas se ninguém sabe que paradeiro ele levou!

— Eu sei que ele não me largou.

— Tu sabe? Mas se tu mesmo me disse que ninguém sabe se ele fugiu, se ele morreu, se ele fez quilombo, se ele voltou para a terra dele, ninguém sabe! Tu sabe, Merinha? Tu tá com olho de quem sabe, tu sabe?

— Sei não, como é que eu ia saber?

— Então como é que tu sabe que ele não te largou?

Ah, eu sei, eu sei, a mulher sabe dessas coisas, é uma coisa que vem do peito, uma sensação que dá de noite, um negócio que vem de manhã cedo, um apertume que ataca no meio do dia, uma vasca que chega na hora de dormir. Eu sei! Eu sei que ele nem está morto nem me largou!

— Como é que tu sabe?

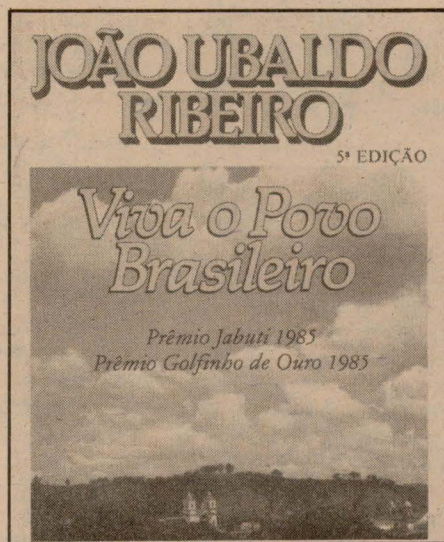
— Tem jeitos, tem jeitos! Essas coisas têm jeitos de saber.

Ai dela, que já falava demais naquelas coisas que deviam ser mantidas em segredo, que já nem tinha certeza do que era verdade ou mentira, que recebia recado sem feição de recado, conselhos disfarçados em receitas, saudações inexplicáveis, ajudas vindas do nada, notícias tão vagas que não se entendiam. Seria verdade o que teimava em repetir Zê Pinto, tão velho que nem andava direito, vivendo de plantar coentro e mastruço nas metades apodrecidas das velhas barricas de azeite que também usara para telhar sua casinhola, tido como demente da lua por sair à noite sem propósito, todos já dormindo e ninguém sensato saindo ao relento? Ele sempre respondia, quando perguntado: da-da-da, minha menina, aquele seu negro jalofo está mais que são e mais que salvo, aquela bisca quebra o quê! Se ela insistisse em perguntar, porém, — da-da-da-da-da, minha menina, quem muito quer saber em boa há-se de meter. E ia embora em seu passinho de pato velho, olhando para cima como se estivesse conversando com os mosquitos.

Sentiu-se sozinha, muito sozinha, mais sozinha do que todos estes anos, estes meses, estas semanas, estes dias arrastados, estas horas de caracol, estes minutos alongados como fios de calda puxa, este piscar e repiscar de olhos como noites compridas intercaladas por dias sem fim, estes gestos que nunca se concluíam porque

ele não estava lá. Mulher guerreira pelo sangue, não sabia disto até que seu tio Júlio Dandão, também sumido desde o mesmo dia que Budião, fizesse com que lembrasse. Contudo, não era apenas uma lembrança do juízo, era uma lembrança da memória do corpo todo, a memória do nariz, a memória dos ouvidos, a memória das palmas das mãos, a memória dos poros, das partes entre as pernas, da boca incendiada pelo fogo das pimentas, de alguma coisa que a despertava enquanto outras a adormeciam. Uma memória, ai dela, partilhada por tantas mulheres como ela, mulheres de qualquer nação, mulheres fraturadas pelo tanto que se puxava delas, pelas vidas de seus homens, como o dela tão fracos na fortaleza, tão necessitados junto a elas, mas tendo que ir, desaparecer em suas empresas e expedições de vida, podendo nunca mais voltar, podendo até esquecer delas, podendo vir a achá-las feias e antigas, e elas, mesmo chorando, se lamentando e morrendo de paixão, não queriam que seus homens fossem de outro jeito, pois de outro jeito não os amariam.

Nove anos se passaram, talvez dez, certamente mil e mais cem, e Merinha sabia que seu semblante de Penélope não era só dela, era parte do mundo e da vida das mulheres, da vida das pretas cativas, sempre exiladas não importava onde estivessem, por que tinha de ser assim? Ensinaram-lhe as mais velhas, como a elas se ensinara e se ensinara às ensinadoras: boniteza não põe mesa, beleza no homem para a mulher é fome, bonito é santo no andor, na barriga quero calor. Mas não era verdade, era? Não era, pois o homem belo prende a vista da mulher, atíça a fantasia, convoca o mau comportamento. O homem belo? Ah, o homem belo! O homem belo como um brinquedo novo, o homem belo que desperta orgulho na mulher que o conquistou, a qual o sabe cobiçado pelas outras mas dela, aquele sorriso é dela, aquela intimidade é dela, aqueles modos de galo de rica pluma são dela, aquele lindo homem dela é. Sim, verdade. Mas que faz o homem ser belo? Isto não se sabe, pois não o explicavam as mais velhas. Mais velha número um, que vem de povo plantador de pomares e hortas, acha belo aquele cujos braços desde o avô que se vêm alongando para colher o fruto e rapar a terra, mostrando a excelência na sua produção e acato de seus pares. Mais velha número dois, que vem de povo pescador, acha belo aquele que mais se realça num barco, que tem corpo e gestos de navegador, que reconhece a presença do peixe a um relance, que traz o peixe e é respeitado pelo zelo na sua profissão e assim fica belo como todos os que com ele se parecem também ficam. Mais velha número três, que vem de



povo guerreiro, acha belo o porte do bom combatente, admira o que morre mas não perde, se apaixona pelo grande vencedor. Então Merinha não sabe, mas sente que talvez a mulher ache bonito o homem que lhe dê melhores filhos, pois assim, se ela não pode ser como ele, poderão sê-lo os filhos — e os filhos, afinal, são ela. E desta maneira ela se prolonga, preferindo ser a quinta mulher de um homem como ela quer que sejam seus filhos, a ser a primeira de um cuja semente não lhe falaria à memória que traz pelo corpo todo e que a Natureza não permite esquecer, um de quem não quereria parir. Assim é que as mulheres fiéis haverão sempre de existir, fiéis até à loucura, à insensatez, à falta de juízo, isto porque são leais a seus ventres, depositárias valorosas de sua herança, e vai daí que se admira a mulher que espera seu homem, havendo histórias disto em todos os repertórios, e toda mulher, por mais que negue, tem inveja se não consegue ser assim, pois, mesmo que não compreenda por quê, sabe que é superior ser assim.

Budião lhe aparecera à noite de repente, como sempre fazia, embora estivessem ambos já no Manguinho, ele no emgenho, ela na mesma casa, e ele pudesse portanto mandar avisá-la. Mas preferia sempre chegar de noite e currichar como um pássaro noturno junto ao portãozinho dos fundos, até que ela viesse atendê-lo. Dessa vez parecia impaciente porque, como ela demorara um pouco por estar dormindo e vestida somente de timão, desatou a piar tão alto que daí a pouco acordaria também os donos da casa, cujos quartos eram bastante afastados do quintal, mas aqueles sons vão muito longe à noite. Saiu sobressaltada enrolando-se num pano e abrindo o portão com os olhos arregalados. Cada dia mais Budião parecia enredado em segredos, passando muito tempo com os olhos em algum ponto vago à frente, sem falar quase nada, sumindo à noite depois de passar com ela não mais que um momentozinho. Muito do que acontecia ele lhe contava de maneira reticente e imprecisa. Havia mesmo uma irmandade secreta, havia muitas irmandades secretas? Por que Júlio Dandão aparecia tanto por ali em seu saveiro e Budião conseguia

escapular para navegar o dia inteiro em sua companhia e de mais outros, sem trazer peixe ou mercadoria, voltando às vezes excitado, às vezes macabúzio? Por que também tinha tantas facilidades nesse engenho? Se o senhor dele era considerado um homem bom, que não prendia os escravos e os tratava quase como gente, que às vezes revelava ter idéias que a muitos já havia rendido força ou degredo, será que só isto explicaria a grande liberdade de que Budião parecia desfrutar, coisa impossível de acontecer entre cativos?

Budião a esperava andando para cima e para baixo quase aos pulos, abraçou-a assim que a viu, pôs-lhe a mão na boca quando ela quis falar. Mas demorou tanto no abraço, pareceu até tremer enquanto a apertava, os braços vibrando como num arrepio de febre, que ela fez força para se soltar, queria olhar para a cara dele, ver o que estava acontecendo.

— Que foi? — disse, segurando-lhe o rosto com as duas mãos. — Que foi, o que foi que teve, me conte, alguma coisa teve!

— Teve — respondeu ele, depois de longo silêncio. — Teve. Hoje eu parto, vim me despedir.

— Despedir? Parte pra onde? Partir? Mas como, de repente, sem mais essa nem aquela? Tu vai fugir? Tu vai fugir, Budião?

— Mais ou menos. É uma missão. O capitão Teófilo sabe que eu estou saindo hoje à noite, vou no barco de Dandão pegar mais uns dois pela costa, que já estão esperando, de lá volto para cá, saímos numa canoa grande pela madrugada com oito remeiros, contando comigo.

— O capitão Teófilo sabe? Ah, Budião, eu não posso acreditar, onde já se viu senhor de escravos saber que um negro seu vai fugir e não fazer nada?

— Ele não sabe que eu vou fugir. Ele só sabe a primeira parte da missão, que ele combinou com seu tio e com outros, muitos outros, é coisa complicada, muito complicada, muito difícil.

— Não estou entendendo nada. Não estou entendendo nada!

Olhe, só tu é que pode saber isso, não porque tu é minha mulher, mas porque é a mulher que é e tem muito serviço prestado. Escuta bem, que não vou repetir, não tenho tempo, parto na preamar, teu tio já está me esperando. Existe um homem que está preso no Forte do Mar, um homem importante, que é comandante de uma força de sedição muito longe daqui, muito, muito longe, no Rio Grande, que ninguém aqui nunca que pode imaginar onde é, mas fica no Brasil. Então, desde que esse homem chegou que se vem fazendo um arranjo para ele escapar do forte e voltar para a terra dele. Isso Dandão não ignorava, como não ignorava o capitão Teófilo. Ninguém sabe, porque essas conversas são escondidas, às vezes até dentro de um barco no mar.